

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

ANGÉLICA DE MOREIRA RIBEIRO LIMA

DO(C)ENTES READAPTADOS: AS VOZES QUE ECOAM NOS DISCURSOS

**CAMPO GRANDE/MS
2016**

ANGÉLICA DE MOREIRA RIBEIRO LIMA

DO(C)ENTES READAPTADOS: AS VOZES QUE ECOAM NOS DISCURSOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Curso de Mestrado, do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Psicologia.
Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório.

**CAMPO GRANDE/MS
2016**

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Coordenadoria de Biblioteca Central – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil).

LIMA, Angélica de Moreira Ribeiro.

Do(c)entes Readaptados: As Vozes que ecoam nos discursos. / Angélica de Moreira Ribeiro. – Campo Grande, MS, 2016.

Orientador: Professor Doutor Antônio Carlos do Nascimento Osório.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
Centro de Ciências Humanas e Sociais – Programa de Pós-graduação
em Psicologia – Cursos de Mestrado e Doutorado.

1. Professores; 2. Escola Pública; 3. Readaptação; 4. Análise do Discurso; 5. Referencial foucaultiano. I. OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento.

ANGÉLICA DE MOREIRA RIBEIRO LIMA

DO(C)ENTES READAPTADOS: AS VOZES QUE ECOAM NO DISCURSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Curso de Mestrado, do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial à obtenção de Título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório (UFMS)

Prof. Dr. Wanderley Codo (Titular - UnB)

Prof. Dr. David Victor-Emmanuel Tauro (Titular - UFMS)

Prof^a. Dr^a. Zaira de Andrade Lopes (Suplente - UFMS)

Campo Grande, 26 de setembro de 2016.

Dedico este estudo às cinco pessoas mais fundamentais em minha vida; minha mãe Jaqueline Irala, meu esposo Marcelo Lima, minha querida avó Eulógia Irala, minha irmã Natali Aparecida e o pai que eu não tive, meu grande amigo Gilberto Álvaro. Pessoas cujo apoio, sacrifícios e carinho incomensuráveis, se fizeram fundamentais no decurso desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por minha vida e por esta conquista.

A meus familiares pela imensa paciência e apoio. Principalmente a meu Esposo Marcelo Lima Maia de Moreira pela circunstância de nosso distanciamento e por sua paciente espera de mais de dois anos.

A minha mãe Jaqueline Irala de Moreira e minha Avó Eulógia Irala de Moreira, por desde sempre acreditarem em mim e por enxergarem muito mais do que os meus próprios olhos não conseguiam ver.

Ao Professor Doutor Antônio Carlos do Nascimento Osório, pelo aceite do projeto, pelas imprescindíveis orientações, pelo acolhimento e por possibilitar os caminhos para a construção da pesquisa, desde o início e durante todo o processo de construção deste.

Ao meu grande amigo Gilberto Álvaro que, como um pai, cujo apoio nas horas mais difíceis, se fizeram fundamentais para a conclusão desse percurso de pouco mais de dois anos.

Aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Psicologia/UFMS pelas aprendizagens propiciadas, pelo pronto auxílio nos processos burocráticos e pelas amizades conquistadas.

Aos colegas do Grupo de Estudos e de Investigação Acadêmica nos Referenciais Foucaultianos (GEIARF) cujas discussões, reflexões e partilha de aprendizagens foram fundamentais para o amadurecimento pessoal e acadêmico.

Aos Professores membros da Comissão Examinadora que se dispuseram a ler o estudo e sugeriram inestimáveis contribuições.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), financiadora deste estudo.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para que este estudo fosse possível, meu muito obrigada!

**“Existem momentos na vida onde a questão de saber se, se pode pensar
diferentemente do que se pensa, e perceber diferente do que se vê, é
indispensável para continuar a olhar ou refletir”. (FOUCAULT, 1984, p.13)**

RESUMO

Neste estudo pretende-se, a partir do acontecimento “professores readaptados” nas escolas da rede pública de Campo Grande/MS, refletir sobre as formas de adoecimento e os discursos que permeiam as práticas destes do(c)entes. Partimos do pressuposto de que a readaptação é uma forma, um instrumento do cuidado de si. A readaptação neste sentido passa a ser a maneira encontrada pelos professores de se afastarem daquilo que prejudica sua saúde psíquica e física, do que lhes traz aviltamento e os reposiciona na vida, no mundo e em suas próprias subjetividades, pois a partir deste processo, o professor tenta criar novos mecanismos de resistência e outros significados existenciais. A relevância do mesmo se mostra não só pelo elevado número de profissionais em situação de readaptação como pela ausência de projetos ou políticas públicas voltadas para esses sujeitos. Almejamos assim, dar maior visibilidade a esta condição, bem como aos elementos contidos nos discursos que perpassam o exercício profissional destes. Por meio de pesquisa empírica de base qualitativa, realizou-se o levantamento sobre os significados da readaptação na vida dos entrevistados. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista de narrativa de vida. Dentre as perspectivas teóricas possíveis, elegeu-se o viés de Michel Foucault (1926-1984) o qual emprega-se para a caracterização da problemática dos dados coletados, por meio da análise do discurso. A partir da análise das entrevistas, pode-se localizar, nos discursos dos entrevistados, os sentimentos de insatisfação, abandono, incapacidade, frustração, inutilidade, fracasso e sofrimento, em razão da situação a que estão submetidos, bem como estereótipos como os da segregação e do preconceito bastante consolidados.

Palavras – chave: Professores; Readaptação; Discurso.

ABSTRACT

The intention of this study is to, starting with the event “readapted teachers” in the public school system of Campo Grande/MS, reflect on the forms of becoming ill and the discourse which permeates the practices of these “ill” teachers. Starting from the assumption that readaptation is a form, an instrument of the care of self. The readaptation in this sense becomes the way found by the teachers to stay away from what is harmful to their physical and mental health, from what brings disgrace and repositions life, in the world and in their own subjectivities, because from this process, the teacher tries to create new mechanisms of resistance and other existential meanings. Its relevance is shown not only by the large number of professionals in rehabilitation situation as by the absence of projects or public policies geared to these subjects. Thus, we aim to give greater visibility to this condition, as well as to the elements contained in the speeches that pertain to the professional practices. A survey on the meanings of rehabilitation in the lives of respondents was done through an empirical research of qualitative basis. The instrument used for collecting data was the narrative of life interview. Among the possible theoretical perspectives, the one applied was that proposed by Michel Foucault (1926-1984) which is used for the characterization of the issue of data collected through discourse analysis. From the analysis of the interviews, one can find, in the speeches of the interviewees, the feelings of dissatisfaction, abandonment, failure, frustration, futility and suffering, as a result of the situation to which they are subjected, as well as how the stereotypes of segregation and prejudice well consolidated.

Keywords: Teachers; Readaptation; Discourse.

Sumário de Abreviações e Siglas

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

B.O. – Boletim de Ocorrências

CASSEMS – Caixa de Assistência dos servidores do Estado de Mato Grosso do Sul

CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas

CID – Classificação Internacional de Doenças

EJA – Ensino de Jovens e Adultos

FETEMS – Federação dos Trabalhadores em Educação de Mato Grosso do Sul

LDB – Leis de Diretrizes e Bases

Licença TIP – Licença para tratar de assunto de interesse particular

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

REME – Rede Municipal de Ensino

SOS -Sinal universal de pedido de socorro enviado em situação de emergência

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

STF – Supremo Tribunal Federal

Sumário

Introdução.....	12
1. A readaptação funcional e as políticas públicas.....	16
1.1 O estado do conhecimento sobre a saúde, trabalho, readaptação docente e políticas públicas na educação.....	17
1.2 A readaptação no ordenamento jurídico.....	28
1.3 Políticas Públicas.....	38
1.4 O trabalho docente e a instituição escolar.....	40
2. Saúde do(c)ente.....	47
2.1 A trajetória da pesquisa: caminhos Teórico-metodológicos.....	49
2.2 As vozes dos sujeitos, o adoecimento e o cuidado de si: aproximações com o referencial teórico Foucaultiano.....	58
3. Considerações finais.....	83
Referências.....	88
Apêndices.....	94

Introdução

Foi muito difícil me ver fora da sala de aula. Ainda hoje tento aceitar esta situação, uma vez que minha saúde me impossibilita de estar dentro de uma sala de aula, uma vez que tenho dois concursos, um do Estado e um do município. (Professora Ana)

O presente estudo, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, encontra-se vinculado ao Grupo de Estudo e de Investigações Acadêmicas nos Referenciais Foucaultianos (GEIARF), fundado em 2003, coordenado pelo Professor Doutor Antônio Carlos do Nascimento Osório, Professor Titular da UFMS, também orientador deste trabalho.

O interesse pelo tema surgiu durante os estágios obrigatórios e optativos do curso de graduação em Psicologia, da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, realizados entre os anos de 2009 e 2013. Na atuação e intervenção, não poucos estagiários observaram, nas escolas das redes estadual e municipal de Campo Grande/MS, problemas relacionados aos professores readaptados. Constataram, por parte destes profissionais, resistências às intervenções nas rotinas de trabalho das escolas, à criação e à implementação de novos projetos, bem como às sugestões e auxílios propostos pelo grupo, caracterizando-se assim, uma das formas de resistência.

Por meio de uma busca em sites de pesquisas, propondo-se como palavras-chave os lexemas “reportagem”, “professor” e “readaptado”, qualquer pessoa será capaz de encontrar as veiculações na mídia sobre a readaptação docente, com destaque quantitativo para os últimos cinco anos. Esse irromper quase súbito levou à elaboração do projeto de pesquisa, cujo produto final é a construção desta dissertação¹.

Enquanto relatório está estruturada em três capítulos, os quais são acrescidos uma introdução, referências bibliográficas e apêndices.

¹ Estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob protocolo nº 6.110/2015, CAAE 50145715.7.0000.0021 da Plataforma Brasil.

O primeiro capítulo, intitulado “A readaptação funcional e as políticas públicas”, aborda a readaptação funcional e a readaptação docente, ambas pautadas na legislação brasileira. Ato contínuo, um subitem trazendo considerações a respeito das produções acadêmicas sobre a saúde, trabalho, readaptação docente e políticas públicas na educação, o “estado do conhecimento” constituindo-se num dos passos fundamentais para dar corpo a esta dissertação e para nortear os percursos do estudo, bem como dos caminhos teóricos e metodológicos percorridos para sua construção.

Na sequência, traçam-se algumas considerações sobre as políticas públicas: como são formuladas, por quem e com quais objetivos. Na compreensão da necessidade destas, com especial atenção à saúde e à educação, ao trabalho docente e à instituição escolar, faz-se uma breve aproximação com a biopolítica de Foucault (2008), na medida em que a readaptação docente se torna um problema de saúde pública e, portanto, uma questão de interesse político.

Traz, também, alguns dados sobre a readaptação e as Políticas Públicas em Campo Grande – MS, *lôcus* do estudo. Numa pesquisa preliminar junto às Secretarias de Estado e Educação da capital Sul-Mato-Grossense verificou-se da inexistência de projeto ou política pública voltada à readaptação docente. Esta constatação determinou uma alteração no percurso da pesquisa, pensada, por primeiro, a partir do acontecimento, “professores readaptados”, os processos de saúde-doença e das contribuições de Michel Foucault, no que tange às questões do discurso de verdade construído – preliminarmente – por meio dos discursos médicos, de peritos e CID, que (con)formam subjetividades, as relacionam e as ordenam com as práticas do cuidado de si.

A inacessibilidade dos laudos dos peritos médicos, bem como a falta de dados concretos sobre a readaptação docente e sobre os readaptados nas Secretarias de Saúde e Educação conduziram o estudo por uma nova direção. Busca-se, assim, a partir das considerações apresentadas, identificar os elementos contidos nos discursos dos sujeitos entrevistados, suas compreensões e percepções desse processo de readaptação, ao qual estão submetidos.

Reflexões e ponderações acerca da saúde dos docentes encontram-se no segundo capítulo intitulado “Saúde Do(c)ente”, situando o motivo pelo qual se utiliza a palavra docente colocando-se, propositalmente, a consoante “c” entre parênteses, de forma a fazer referência ao adoecimento - docente/doente, e definindo o foco do estudo nos aspectos que levaram a readaptação juntamente aos aspectos do cuidado de si em Foucault (1985).

Discorre-se, pois, acerca da especificidade da análise foucaultiana do discurso, ou seja, sobre esta forma de interrogação, que pergunta pelas condições de possibilidade de existência dos discursos - do método de descrição do discurso, das práticas discursivas que instauram os objetos sobre os quais falam, postulam subjetividades como posições, lugares ocupados no discurso, definem os conceitos com os quais operarão e fixam estratégias que rareiam os atos discursivos; problematiza-se a verdade articulada com a constituição de subjetividades.

As vozes dos sujeitos, o adoecimento e o cuidado de si em suas ressonâncias foucaultianas emergem das narrativas de vida dos profissionais readaptados. Nelas se identificam também os discursos que circundam e/ou medeiam as relações entre os jogos de verdade e poder consolidados com a readaptação funcional docente.

Os procedimentos de coletas de dados, as dificuldades encontradas em razão da inacessibilidade dos laudos dos peritos médicos e a ausência de informações consistente mesmo nas Secretarias de Saúde e Educação.

A adesão às sugestões do orientador em favor de uma pesquisa no âmbito de instituição escolar e da substituição do questionário semiestruturado pela coleta da narrativa de vida dos profissionais readaptados, técnica baseada nas orientações de Jovchelovitch e Bauer (2002), contemplando questões abertas como forma de incentivar e contornar possíveis resistências dos entrevistados fez com que, enveredasse por este horizonte.

De uma população pensada inicialmente de 10 (dez) docentes readaptados para entrevista, só encontrou-se 06 (seis) “do(c)entes” que atenderam aos critérios de inserção no estudo. Realiza-se uma breve

caracterização dos mesmos - os quais assumem, por critérios éticos, nomes fictícios; considerando-se idade, sexo, formação, período de lecionação, período de readaptação e rede de atuação, estado civil, bairro de residência, número de filhos, cargo na instituição e causa da readaptação além de algumas considerações sobre os comportamentos dos sujeitos durante a entrevista.

As análises dos discursos, de impositação foucaultiana, a partir dessas narrativas de vida, das vozes do(c)entes, traz à luz os elementos contidos nos discursos dos entrevistados; suas compreensões e percepções desse processo de readaptação, ao qual estão assujeitados. Procura-se, pois, visualizar como o professor cuida de si a partir das pressões exercidas pelas condições de trabalho a que estão submetidos, e as maneiras como se comportam diante das normas e normalizações da sociedade ao tentar impor uma verdade, e quais as ferramentas suscitadas para driblar essas situações e/ou conviver com elas. (OSÓRIO 2013).

Na introdução e no início de cada capítulo, encontra-se transcrito um trecho da fala de um entrevistado com suas percepções acerca da readaptação. Essas narrativas foram colhidas no contato inicial com os professores. Constituem as primeiras respostas trazidas por eles ao entrarem em contato com o tema readaptação. Foram utilizadas, segundo o seu teor, como abertura de cada novo passo do estudo descrito nos capítulos. Por fim, constam do apêndice os termos de consentimento livre e esclarecido, e de anuência; os questionários sociodemográfico e para a coleta da narrativa de vida e as entrevistas coletadas, em anexo.

1. A readaptação funcional e as políticas públicas

para mim readaptação é readequação para não afastar o funcionário. Eu não voltaria mais para a sala de aula, por isso readaptar foi bom, pois a coordenação não estressa muito. Não tem mais o estresse da sala de aula. (Professora Sara)

As relações do mundo de trabalho deste momento histórico são marcadas por sucessivas alterações nas formas de produção e principalmente no olhar que o trabalhador situa às dinâmicas dos novos modelos tecnológicos das atividades produtiva. No decurso da história, o homem, enquanto trabalhador, logrou direitos consolidados por meio de leis. No entanto, as leis nem sempre proporcionam o exercício de suas conquistas no cotidiano.

Ao se falar sobre a estrutura educacional brasileira, no que tange sua organização e relações atinentes à escola pública, há, sem sombra de dúvidas, uma série de problemas que vêm se manifestando em diferentes momentos. As transformações econômicas e sociais marcam o trabalho docente com numerosas exigências. Tais mudanças conduzem a novos paradigmas, trazendo em seu bojo novas expectativas, novas incertezas e novas frustrações que refletem no crescimento pessoal e profissional dos docentes; outrossim, em suas formas de adoecimento.

As licenças médicas, o afastamento profissional e a readaptação constituem providências para atender profissionais adoecidos no âmbito do trabalho docente, em razão das condições de trabalho. É sobre essa última condição, laboral, social e simbólica, que se refletirá ao longo deste primeiro capítulo. Alia-se a essa uma caracterização e a discussão sobre as políticas públicas; a percepção de sua ausência frente ao fenômeno da readaptação funcional, e também um olhar para a instituição escolar, numa arqueogenealogia, sob a óptica do poder disciplinar foucaultiano.

Nas páginas que se seguem, faz-se um breve inventário sobre o adoecimento docente. O adoecimento que vai além de uma condição orgânica, um sintoma expresso; o adoecimento como condição consequente das demandas de âmbito físico e relacional. A maioria dos docentes entrevistados sofre de estresse e depressão, segundo seus próprios relatos. Esses e outros

sintomas que trazem em seus relatos, fazem alusão à patologia mental denominada *Burnout*, caracterizada e trazida durante as discussões.

1.1 O estado do conhecimento sobre a saúde, trabalho, readaptação docente e políticas públicas na educação.

O número de profissionais docentes em situação de readaptação na capital Sul-mato-grossense e pelo Brasil afora, desperta a atenção de pesquisadores de diversas linhas de pesquisa e áreas do conhecimento.

A partir deste acontecimento é que se propõe a realizar a investigação. Um recorte no “estado do conhecimento” a fim de contextualizar o que se trabalha, a partir de contribuições das pesquisas encontradas em alguns bancos de dados, nomeados subsequentemente.

É de grande importância que o “estado do conhecimento” seja uma das primeiras etapas a serem desenvolvidas em uma pesquisa. Por intermédio desse levantamento de caráter bibliográfico busca-se verificar o que foi produzido e o que está sendo estudado acerca do tema, com o objetivo de delimitar o objeto de estudo e acessar as conclusões obtidas em um determinado espaço de tempo, de modo que se possa contribuir na busca de resultados ainda não alcançados. Sobre o estado do conhecimento, Ferreira (2002) pontua que se trata do:

[...] desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, e de que formas e em que condições têm sido produzidas[...] Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002 p.258)

Explicando, pormenorizadamente, o estudo consiste num mapeamento – a partir de diferentes bancos de dados – de obras, teses,

dissertações, artigos e publicações diversas acerca do tema de interesse do pesquisador; de forma que seja possível uma melhor análise da produção acadêmico-científica existente do conhecimento o qual se pretende estudar. Concorde com Ferreira (2002), a necessidade da produção desse tipo de pesquisa ‘prévia’ sobre do tema se dá principalmente pela inexperiência do pesquisador e o “não conhecimento acerca da totalidade de estudos e pesquisas em determinada área de conhecimento” (p.259). Esse tipo de conhecimento se faz necessário para o progresso da ciência e principalmente para desviar-se das repetições de resultados.

A metodologia segundo a qual o levantamento das obras fora executado apresentou os seguintes parâmetros: trabalhos socializados no Brasil; publicações nos últimos dez anos (2004 a 2014); e, seis (06) fontes de pesquisa. As bases de dados pesquisadas foram: Repositório Institucional CBC da UFMS; Portal de Periódicos CAPES/MEC; Base de Dados Scientific Electronic Library Online (SciELO); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS-Psi Brasil); Base de Dados Literatura latino-Americana e do caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

As consultas realizadas com os descritores: “Discurso”, “Professor”, “Readaptação” e “Saúde” e suas possíveis combinações com essas palavras foram efetuadas entre os meses de outubro a dezembro de 2014. Foram utilizados como filtro o país da publicação (Brasil) e o idioma (português). Numa segunda filtragem, foram identificados os títulos e resumos que estavam mais afinados com as temáticas que pretendemos investigar.

Essas delimitações (país de publicação e idioma) se deram em conforme as necessidades de investigação. A pesquisa de campo (entrevista) foi realizada com profissionais das escolas públicas da capital do Mato Grosso do Sul. É sabido que o tema não é de prerrogativa nacional, visto que os problemas que levam o professor a se readaptar e a abandonar a sala de aula são estruturais e modelos de outra época e de outros países, todavia esses problemas que levam ao abandono de sala de aula, a readaptação e ao adoecimento, também são de ordem social, determinantes por uma sociedade

e suas demandas em um determinado espaço de tempo, como o referido no capítulo anterior, e visto isso, decidimo-nos por delimitar a pesquisa do “estado do conhecimento” para estudos realizados no Brasil. Claramente essa escolha recai em limitações quanto aos trabalhos selecionados para as discussões.

A partir dos critérios de pesquisa supracitados, foram encontrados 746 trabalhos nas referidas bases de dados e a partir de uma análise mais minuciosa dos títulos, foram considerados realmente atinentes à temática em estudo, 43 trabalhos.

Com estes resultados principiamos a análise por meio de leitura, a princípio dos resumos das publicações (em decorrência da grande quantidade de publicações encontradas), selecionando a partir de então, os conteúdos abrangidos pelas publicações, como os objetivos, as metodologias e os resultados, para melhor discernimento de seus conteúdos.

A partir do levantamento nos bancos de dados e dos trabalhos analisados, verificou-se a importância e a atualidade do tema da pesquisa em andamento, pois há um considerável número de produções em diversas áreas do conhecimento que se identificam com o objeto do estudo. Também se pôde verificar que os autores desses trabalhos e pesquisas apresentaram notáveis contribuições no que tange a esse estudo.

Para a discussão dos dados encontrados, foram selecionados alguns dos trabalhos, sendo: 1 dissertação de mestrado, 2 teses de doutorado e 2 artigos; trabalhos esses considerados de extrema importância para fomentar o debate, visto a atinência destes como objeto do estudo em questão.

Na base de dados do Repositório Institucional CBC da UFMS, destacou-se o trabalho de Leão (2013), cujo título de sua tese “A Educação e a Falta de Saúde dos Professores das Redes Municipal e Estadual de Ensino em Campo Grande, Mato Grosso do Sul”, buscou-se verificar, o que os impactos das transformações no universo do trabalho, causaram no modo de vida e na saúde dos professores da rede municipal de educação do município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. De modo geral, a pesquisa quali/quantitativa

focalizou os docentes em afastamento superior a 30 dias de suas funções, por alterações do seu estado de saúde, de ordens físicas e psicológicas.

O método de análise da autora deu-se por meio do referencial foucaultiano, pela sua arqueogenealogia. A mesma pôde identificar o “sobre-esforço” das capacidades físicas, cognitivas e afetivas; provocado pelas condições de trabalho dos professores, de modo a alcançar os desígnios propostos pelo calendário escolar, sem as ferramentas necessárias para tal, o que explicaria o elevado número de afastamentos por motivos de doenças de modo geral. A autora considera a readaptação um fator agravante para o processo de adoecimento dos docentes:

pode-se ainda considerar neste estudo que outro fator que leva o professor a se afastar do seu ambiente de trabalho é a readaptação. Os discursos dos professores nesse sentido têm agravado mais ainda o problema, pois eles param de fazer o seu trabalho, o qual foi formado, e passam a assumir outras funções no ambiente da biblioteca para onde geralmente são readaptados, cujo ambiente é bem diferente do da sala de aula e faz com que eles fiquem depressivos, não conseguindo mais trabalhar pela falta de saúde. (LEÃO, 2013 p.186)

A investigação possibilitou a descoberta de recursos positivos, no que concerne a diminuição dos pedidos de afastamentos dos docentes para os cuidados com a saúde, dentre eles o próprio cuidado para consigo mesmo e com sua saúde.

entretanto, os professores deveriam se preocupar mais com sua própria alma como uma epimeléia - conjuntos de ocupações, os cuidados que se deve ter, as obrigações, o que implicaria em um trabalho árduo para com o próprio corpo. Ocupar-se de si para que não tivessem insatisfações no ambiente de trabalho, como os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, quanto possível, das necessidades, além de não se deixarem irritar com os outros, nem com os acidentes, tampouco, com as coisas e isso não se constitui no sentido de solidão, mas de uma verdadeira prática social. (LEÃO, 2013 p.191)

O trabalho de pesquisa da tese de Doutorado de Tatiana Leão (2013) é talvez um dos mais pertinentes com o estudo dessa dissertação. A

autora pesquisadora da área de educação, desenvolveu sua pesquisa com enfoque nas transformações do mundo de trabalho e seus impactos na falta saúde dos docentes (questões, físicas cognitivas e afetivas) analisando afastamentos por motivos de doença. Este estudo refere-se as questões de saúde e doença de profissionais já em situação de readaptação, o que é uma fase ulterior aos afastamentos. Por sua vez, as análises, nessa dissertação, se dão a partir da readaptação por adoecimento psicológico, muito embora foi percebido que na grande maioria das vezes as doenças de cunho físicos não estão dissociadas.

Outra atinência a esse estudo é quanto o método, o referencial utilizado pela autora para as análises, o referencial foucaultiano. Embora sua pesquisa tenha sido de cunho documental, as aproximações teóricas a esse estudo são extremamente pertinentes no que se refere a contextura das obras foucaultianas para as análises:

são atravessadas por pequenos casos do cotidiano social, escolhidos pela sua repercussão em determinado momento histórico; são marcantes do pensamento de uma época, por darem forma concreta ao regime de verdade daquele momento; e, porque Foucault traz contribuições renovadas para as áreas do conhecimento no campo da educação, ao trabalhar com a história do pensamento da modernidade (LEÃO, 2013 p.4).

Nesse mesmo viés, o artigo de Faustino e seus colaboradores (2010), encontrado na base de Dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) com o título “A Voz de Sujeitos-Readaptados em Discurso: O Lugar do Bibliotecário”, propõe representar a realidade dos professores readaptados de suas funções, que assumem o posto de bibliotecários. Os autores investigaram os discursos sobre as formas de atuação desses profissionais readaptados nesse espaço.

A metodologia utilizada foi a análise do discurso de matriz francesa na interpretação da fala dos sujeitos em estudo, com especial atenção a noções de sujeito, discurso e memória voltados para a Ciência da Informação. No entanto, os enfoques desta produção foram as reflexões acerca das bibliotecas escolares brasileiras geridas por estes profissionais, que em sua

imensa maioria, não possuem as qualificações necessárias para o gerenciamento, como o especialista – Biblioteconomista – possui; o que interfere no bom funcionamento desse espaço na instituição escolar.

Neste artigo, os autores estudiosos das Ciências da Informação, dispõem um estudo acerca da readaptação propriamente dita e de professores readaptados que assumem outras funções (no caso a de bibliotecário). Apesar da delimitação ao espaço da biblioteca o artigo faz relação a investigação de discursos sobre as formas de atuação dos profissionais por meio de entrevistas.

Embora o referencial teórico utilizado para a produção do artigo e para as análises das entrevistas não tenha sido o mesmo, a tentativa de caracterizar esse sujeito readaptado nos volta a atenção para o artigo. Em comum com os nossos resultados, o artigo traz reflexões sobre o sentimento da falta de preparação dos professores readaptados em assumir novas funções no espaço escolar, porém restringindo sua análise ao mau funcionamento daquele determinado espaço escolar de atuação (biblioteca).

Os professores, na pesquisa ora empreendida, também sentem falta da capacitação para a readaptação dos futuros cargos que virão a assumir. Sentem-se despreparados e, com isso, desmotivados a trabalhar nos cargos que virão a assumir, por exemplo, auxiliar de coordenação, auxiliar de secretaria, bibliotecário entre outros.

[...] quando eu vim pra coordenação, assumi coordenação, muita coisa eu não sabia. Fui lendo, aprendendo, não tem, ah você vai readaptar na coordenação então a gente vai fazer uma capacitação pra te dar meios para você não surtar lá na coordenação. Né. (Professora Rute)

Em uma pesquisa realizada com o intuito de contribuir para a elaboração do Plano Municipal de Educação de Campo Grande-MS, que terá validade entre os anos de 2015 a 2025, foram investigadas as situações das bibliotecas de Campo Grande-MS, no que tange, entre outros; a quantidade, o espaço, suas condições e aos profissionais em atuação das mesmas. Pudemos verificar que a Secretaria Municipal de Educação vem desenvolvendo trabalhos junto às bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino – REME

– de Campo Grande-MS, nas quais, fornecem através de cursos e visitas de acompanhamento *in loco*, formação e orientação - para a dinamização, organização e funcionamento - para os profissionais que laboram nas bibliotecas escolares, da REME, com base na Lei n. 12.244, de 24 de maio de 2010, a qual dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. (PEREIRA e LEITE, 2015). O trabalho realizado pela SED vem fazendo a diferença na atuação dos docentes readaptados quanto a uma melhor preparação para seu novo lugar de trabalho, a biblioteca:

na biblioteca, o Município tem um programa de formadores. Então a biblioteca readaptou, quando eu me adaptei, readaptou um grupo grande de professores, então eles fizeram uma capacitação só pra readapta-los na biblioteca, e isso ajudou bastante, porque assim, a gente pensa o que eu vou fazer na biblioteca né, daí como eu já tinha algumas ideias de projetos, daí ficou mais fácil. Acho de repente, se eu tivesse readaptado na secretaria, por exemplo, acho que eu iria ficar lá, sem saber o que fazer. Então acho que de repente, capacitar dar um apoio pra readaptar. Afinal é uma função bem diferente. (Professora Rute)

Encontrado também na base de Dados Scientific Electronic Library Online (SciELO); o trabalho de Arbex (2013) e seus colaboradores com o título “Trabalho docente, readaptação e saúde: a experiência dos professores de uma universidade pública”, analisou através do discurso dos próprios professores, os sentidos do termo readaptação e as mudanças que a nova função trazem para suas vidas.

A metodologia utilizada foi a de análise do discurso, após entrevistas individuais semiestruturadas. O trabalho traz relatos interessantes sobre os prós e os contras da readaptação, as condições de vida dos docentes dentro do ambiente escolar e os procedimentos da perícia médica, que foram pontuados muito negativamente no processo da readaptação funcional. Os autores concluem que este processo é fomentado por condições coletivamente negativas no ambiente de trabalho, e alertam para a necessidade de intervenções na esfera das instituições públicas, de forma a fomentar espaços de trabalho mais sadios e proveitosos para essa categoria.

Em comum com o estudo, novamente a questão da investigação sobre o processo de readaptação e a metodologia da análise do discurso. O que se destaca neste artigo, além da abordagem voltada para os sentidos da readaptação e mudanças no ambiente de trabalho do docente readaptado, o trabalho em consonância com este estudo, aponta para as necessidades de políticas públicas voltadas aos docentes de forma a promover a saúde no trabalho.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a dissertação de Horta (2007) foi voltada à compreensão da instauração dos papéis identitários das profissionais de educação infantil, ao mal-estar causado por exigências estabelecidas pelas reformas educacionais e as “competências necessárias a um educador do novo milênio” (p.22), mediante as suas novas funções de especialistas. O objeto desse estudo foram professoras e coordenadoras pedagógicas. Não se trata de readaptação funcional. Mas chamou a atenção neste estudo, a questão da formação da identidade das profissionais da área de educação e a metodologia do estudo comentada na sequência: o referencial teórico foucaultiano no estabelecimento das identidades, a partir das estruturas hierárquicas estabelecidas nas instituições escolares.

A investigação refaz o percurso histórico da profissão do magistério, a partir das reformas educacionais ocorridas nas décadas de 20 e 30. Diferente dos trabalhos anteriores, trata-se de um estudo bibliográfico de trabalhos produzidos, de forma a avaliar projetos que foram implantados nas redes públicas e particulares de ensino. A autora chega a conclusão, de que os discursos de verdade que circundam a construção da identidade dessas profissionais; pregam, que estas sejam profissionais “autônomas”, “críticas” e “reflexivas” (p.86). Todavia esses discursos tem um lugar, utopicamente idealizado para as funções dessas profissionais; engessam as formas de pensar e as possibilidades de construção de suas identidades, visto que esses lugares e missões são praticamente inatingíveis pela limitação de seus recursos.

Apesar de não tratar do tema da readaptação propriamente dita, a dissertação se volta ao papel do professor neste novo milênio, às novas exigências em sua função de professor. Além do referencial teórico em comum, a dissertação, ao analisar projetos implantados nas redes pública e particular de ensino, mostra que estes são ineficazes, principalmente quanto uma promoção de uma construção identitária que favoreça as profissionais docentes, o que as conduzem aos processos de adoecimento.

Na Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS-Psi Brasil) foram encontradas as postagens mais antigas de trabalhos acerca do tema readaptação funcional. Todavia nenhum dos trabalhos encontrados possuem afinidade específica com o tema e o objeto de estudo abordado. Do mesmo modo, no Portal de Periódicos da CAPES.

Na Base de Dados Literatura latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), destacou-se a tese de Macaia (2014) sobre o retorno à função docente de profissionais da rede pública do município de São Paulo após afastamento por transtornos mentais e comportamentais. Neste município, esta categoria de profissionais ocupou o terceiro lugar, no ranking de profissionais que mais se afastaram e retornaram a seus postos de trabalho no ano de 2012. A metodologia de caráter exploratório, de entrevistas individuais e grupos focais, revelou o contexto do trabalho e a gestão inadequada da instituição como principais causas do adoecimento.

Foram investigados grupos de profissionais readaptados, por transtornos mentais e comportamentais (TMC), bem como grupos de profissionais que retornaram ao trabalho em suas funções de origem (RT). Foram identificados diversos agentes estressores, como: o excesso de demandas do trabalho, a falta de recursos para o exercício da profissão, a falta de apoio da gestão da equipe escolar associados à desvalorização e ao não reconhecimento do trabalho dos docentes; o que segundo relato dos profissionais culminou nas demandas de afastamentos das salas de aulas. Chamou a atenção do sistema público de saúde, a questão de intervenção do sistema público de educação, por sua precariedade reflexa de carência de políticas públicas voltadas a estes profissionais.

o sistema público de saúde, que prevê a saúde do trabalhador como tema transversal nas políticas públicas, não se articula com o sistema público de educação no cumprimento ao direito à saúde e ao trabalho, com dignidade. (MACAIA, 2014 p.210)

Único trabalho de investigação que trata do retorno do profissional readaptado a suas funções de origem, a tese identifica as causas do adoecimento dos docentes, caracteriza os principais agentes estressores que estão em coesão com este estudo.

[...] o professor, um dos.. um dos poucos profissionais que acaba levando muito trabalho pra casa, você é obrigado a fazer coisa de trabalho em casa, coisa de avaliação, fazer os planejamento, tem que tá sempre informado, você sempre tem que tá sempre atualizado, então uma profissão eu digo assim injusta ela é meio árdua, ela é uma profissão assim que você tem que gostar muito do conhecimento, investir muito em você, e o retorno é mínimo, não há um retorno à altura do que você investe. Você investe muito do seu pessoal, você acaba investindo muito no saber, você tem que investir em livros, investir em pesquisa, investir em conhecimento, investir a sua dedicação em si nisso e querendo ou não, complica lá. Você acaba causando um conflito do seu lazer, da sua qualidade de vida, um esporte, você vai restringindo seu tempo de dedicação pra si, dedicação da sua saúde, dedicação de uma atividade física, dedicação de social, seus amigos, de repente uma namorada [...] “hô profissão desgastante! Hô profissão estressante!” falo: “nossa” assim, nossa.. tinha um corpo perfeito, tinha assim uma dedicação com a saúde quando eu comecei a dar aula, mas parece que você vai perdendo o gosto de cuidar de você. (Professor João)

Ela também aponta a precariedade do sistema educacional e de saúde, os quais não oferecem políticas públicas para o acolhimento dos docentes.

porque hoje se você readapta é duas funções ou é coordenação ou é biblioteca. No Estado ainda temos a coordenação. No Município ou é biblioteca ou é secretaria. Então, não pensa nem assim, o quê que esse readaptado gostaria de fazer? E na legislação a gente tem quatro grupos que os readaptados se encaixam. São só grupos de trabalho não se diz a função, mas de acordo com as possibilidades, daria para se fazer tanta coisa, que não se pensa, aí acaba ficando na, biblioteca, pátio, portaria. Alguns professores ficam ali no portão... muitos queriam fazer mais pela escola só que só ficam no pátio... não tem mais o que fazer pela escola, não tem mais o que fazer pelos alunos. [...] Eu acho que de repente assim, falta da parte do órgão, ter um olhar pra ver, o quê que

levou aquele professor a readaptar, será que se a gente fizer um trabalho um acompanhamento... porque até hoje pra você conseguir uma terapia é uma novela não sei como é que tá atualmente, mas eu lembro que a CASSEMES autorizava 10 depois dessas 10 tem que retornar, solicitar, reclamar. Ao invés de dar mais, não, deu essas 10 acabou, né. (Professora Rute)

Dessa forma, os trabalhos levantados para elaboração deste “estado do conhecimento” permitiram o embasamento da relevância proferida ao tema, ao oferecerem dados atuais e o que já foi dito e escrito a respeito, que seja compatível com a pesquisa em desenvolvimento.

As temáticas das áreas em estudo (educação, saúde, doença do professor e readaptação funcional) são amplas, e objeto de distintas áreas do conhecimento; como: a psicologia, a educação, a saúde pública, as ciências da informação, a saúde ambiental, a medicina, as ciências exatas, ente muitas outras. Todavia, não foram encontrados trabalhos, que abarcassem todos os conteúdos relevantes ao objeto de investigação em um único estudo, ou seja, de forma unificada, num único trabalho; com especial atenção as readaptações por desordens psicológicas, bem como os processos identitários destes; o que evidência a relevância deste estudo.

Pesquisas recentes no município de Campo Grande apontam um índice de 41,18% de professores na rede estadual e 33,15% de professores na rede municipal que obtiveram licenças médicas nos últimos dois anos para tratamento da própria saúde. (ACP, 2009 *in* LEÃO, 2013 p.20). Esses dados evidenciam um número expressivo, de profissionais docentes em situação de readaptação funcional. Os trabalhos cotejados mostram também que as doenças dos professores estão frequentemente associadas à carga de trabalho, à precarização da infraestrutura. Entre essas doenças, a mais comumente detectada é o estresse que culmina no adoecimento físico e mental, além de produzir a insatisfação e o sofrimento destes profissionais. e Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o estresse é uma das primeiras doenças de ordem psicológica que incidem sobre o professor. (BRASIL, 2002).

Contribuiu para a produção deste capítulo a pesquisa documental sobre a instituição escolar e também sobre a readaptação e políticas públicas, nos aspectos de criação, funcionamento e arcabouço jurídico, junto a Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul (SED/MS) e a Secretaria Municipal de Educação (SEMED/MS). A percepção da falta de políticas públicas e projetos de ação conduz ao próximo capítulo, onde serão abordadas as questões relacionadas à saúde e à doença dos docentes em situação de readaptação.

1.2 A readaptação no ordenamento jurídico

Mostra-se, de suma importância, para o que se propõe no presente estudo, ou seja, para uma reflexão sobre a readaptação e os discursos que permeiam as práticas destes do(c)entes readaptados, abordar a readaptação enquanto dispositivo jurídico, em seu percurso desde a sua emergência no ordenamento pátrio.

Em termos de dispositivo jurídico, a readaptação encontra-se prevista na legislação infraconstitucional, Lei nº 3.789 de 12 de julho de 1960. Esta determina que os servidores em desvio de função, comprovando atender os requisitos legislados seriam aproveitados em outro cargo. Entre estes requisitos legislados estavam o desvio de função, por mais de dois anos, advindo e subsistente por necessidade absoluta do serviço; o desvio de função exercido permanentemente; o desvio de função em atribuições de cargo ocupado perfeitamente diversas do cargo de origem, e apenas, comparáveis ou afins, variando somente de responsabilidade e de grau; o desvio de função em funções de que o funcionário possuía as necessárias aptidões e habilitações para o desempenho regular do novo cargo em que deva ser classificado.

No entanto, a Constituição Republicana de 1934, no parágrafo 2º, do artigo 158, já previra o reaproveitamento de professores quanto à regência de determinada cadeira extinta para outra:

aos professores nomeados por concurso para os institutos oficiais cabem as garantias de vitaliciedade e de inamovibilidade nos cargos, sem prejuízo do disposto no Título VII. Em casos de extinção da cadeira, será o professor aproveitado na regência de outra, em que se mostre habilitado.

Como se pode observar, a Constituição previa o aproveitamento ou reaproveitamento de cargos, todavia a readaptação não estava instituída. As outras Constituições seguiram omitindo a readaptação, mas admitindo-se o aproveitamento como possibilidades de garantias do concurso público, portanto, de salário (renda).

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1967, no parágrafo 2.º do artigo 99, prevê, o “obrigatório aproveitamento do servidor em cargo equivalente” em casos de extinção de cargo. Contudo, o regulamento do aproveitamento foi revogado pelo Ato Complementar n.º 40 em 1968. Posteriormente, a Lei nº 5.645, de 10 de dezembro de 1970, instituiu diretrizes para a categorização de cargos do Serviço Civil da União e das autarquias federais, alterando a Lei 3.780, de 12 de julho de 1960, passando-se a não admitir mais a figura da readaptação com base no desvio de função (SINSECA, 2012 p.4-6).

Por sua vez, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, nos parágrafos 2.º e 3.º do art. 41, faz a previsão, nos casos de reintegração de um servidor, para o reaproveitamento de outro em novo cargo ou o reaproveitamento por motivo de extinção de determinado cargo.

§ 2º - Invalidada por sentença judicial a demissão do servidor estável, será ele reintegrado, e o eventual ocupante da vaga reconduzido ao cargo de origem, sem direito a indenização, aproveitado em outro cargo ou posto em disponibilidade. § 3º - Extinto o cargo ou declarada sua desnecessidade, o servidor estável ficará em disponibilidade remunerada, até seu adequado aproveitamento em outro cargo.

Em interpretação apartada do aproveitamento em outro cargo, institui a Lei nº 8.112/90, a readaptação, relacionada a limitação de saúde que o servidor porventura tivesse sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em inspeção médica:

readaptação é a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física intelectual ou vocacional verificada em inspeção médica.

Destarte, com fulcro na Lei nº 8.112 de 11 de dezembro de 1990, dirigida aos servidores federais, a União manteve a política de consolidação do instituto da readaptação/aproveitamento do servidor concursado para um determinado cargo em outro diferente daquele para o qual prestou concurso público.

Em razão da Medida Provisória de nº 1.573-7, de 2 de maio de 1997, convertida na Lei Federal n.º 9527/97, o artigo 24, parágrafo 2º, da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990 passou a vigorar com a seguinte redação:

a readaptação será efetivada em cargo de atribuições afins, respeitada a habilitação exigida, nível de escolaridade e equivalência de vencimentos e, na hipótese de inexistência de cargo vago, o servidor exerce á suas atribuições como excedente, até a ocorrência de vaga.

Como se pode observar, desde 1934, muito se discutiu, e ainda se tem discutido; várias foram propostas para legalizar e fazer valer os direitos do servidor readaptado. A necessidade do aproveitamento, reaproveitamento e, posteriormente, da readaptação se dá pela impossibilidade de demissão do servidor público e a necessidade de realocação deste em novos cargos com novas funções, a princípio por extinção de cargos e cadeiras na carreira dos magistrados; por desvios de funções desde que por necessidade absoluta do serviço e havendo competências e habilidades necessárias para a nova função; e mais tarde a então nominada readaptação que passa a ter relação com limitações de saúde que o servidor venha a ter sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em perícia médica.

Na esfera pública estadual, consoante o marcos regulatório, Estatuto dos Funcionários Públicos do Poder Executivo, previsto na Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, artigo 42, a readaptação vem definida como:

a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha

sofrido em sua capacidade física intelectual ou vocacional verificada em inspeção médica.

Fruto da pesquisa realizada junto à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul – SED, o acesso à Resolução n. 2444, de maio de 2011, que dispõe sobre a lotação, ou seja, a ‘colocação’ de professores e especialistas de educação readaptados, de forma provisória ou definitiva, em determinado órgão de uma repartição, e as funções desse em grupos operativos de trabalho. Nesta perspectiva, criaram-se quatro grupos operativos de trabalho onde, os professores readaptados do Estado do Mato Grosso do Sul, são inseridos de acordo com a apuração das perícias médicas, no exercício de outras funções da carreira do serviço público estadual

O primeiro grupo de do(c)entes readaptados fica incumbido de acompanhar as atividades do desempenho acadêmico e frequência dos alunos junto às famílias, se necessário com visitas domiciliares; da redação de atas e ocorrências, quando solicitado; do acompanhamento da realização das aulas programadas; do acolhimento de reclamações, da análise de fatos relativos aos alunos; da prestação de apoio às atividades acadêmicas dos alunos; do desenvolvimento de projetos de leitura, bem como outras incumbências que lhe forem solicitadas.

O segundo grupo cuida da segurança dos alunos nas dependências e proximidades da unidade escolar, zela pela limpeza; realiza a inspeção do comportamento dos alunos no ambiente escolar; orienta alunos sobre regras e procedimentos do regimento escolar e de higiene; controla atividades livres dos alunos, fiscalizando o espaço destinado à recreação e definindo limites nessas atividades.

Também organiza murais das unidades escolares e de identificação das salas de aulas e demais dependências da unidade escolar. Ainda, verifica e acompanha os registros diários nos livros ponto, fazendo controle de faltas de funcionários, professores e alunos; atendem pais, alunos, membros da comunidade escolar e visitantes encaminhando-os à coordenação, secretaria ou direção; controla a movimentação de pessoas nas dependências da unidade escolar; executa serviços de apoio às unidades administrativas e operacionais

da unidade escolar, quando solicitado; produz material de apoio pedagógico ao aluno, articulado com o coordenador pedagógico; entre outros.

O terceiro grupo tem como encargo auxiliar na matrícula escolar dos alunos; manter os registros dos prontuários dos alunos, professores e funcionários atualizados; executar a redação e a gestão de correspondência, elaborar atas de reuniões, realizar serviços auxiliares relativos à parte financeira, contábil e patrimonial do estabelecimento; participar na organização das turmas, no ensalamento dos alunos, na preparação dos diários de classe e na elaboração do horário de aulas e dos livros pontos, sempre que solicitado. Articula a comunidade interna; divulga as informações pertinentes recebidas; coleta, digita e mantém os quadros estatísticos da unidade escolar em dia, quanto à avaliação escolar quantitativos de alunos; manter atualizados e organizados os arquivos de legislação e da vida da unidade escola. Também estuda e aplica a legislação ou normas vigentes relativas à regularidade da vida escolar e do estabelecimento da unidade escolar; mantém afixado, em edital, os atos oficiais da unidade escolar; analisa, sob a supervisão do secretário, os documentos apresentados para deferimento das matrículas pelo diretor, entre outros.

O quarto grupo fica encarregado de atender individualmente e acompanhar as atividades de alunos que apresentarem dificuldades de aprendizagem. Este grupo, igualmente, elabora projetos com proposta de ações didáticas e/ou pedagógicas, que visem à melhoria do processo ensino-aprendizagem e o combate à evasão e repetência de alunos; realiza palestras socioeducativas para pais, alunos e membros da comunidade, elaborar propostas de atividades extracurriculares, com vistas ao fortalecimento das relações da escola com a comunidade. Não foge ao escopo, a execução projetos de atividades culturais e de lazer para a comunidade; a participação em grupos de trabalho para elaboração do Regimento Escolar, do projeto político - pedagógico e Plano de Desenvolvimento Escolar (PDE); a coleta dados da avaliação de desempenho dos alunos, análise e tratamento estatístico dos resultados e preposição de alternativas de solução; a elaboração e condução da formação continuada para os profissionais da escola

buscando o aprimoramento e qualificação, mediante coleta de informações e sugestões; o relatório mensal das atividades realizadas no período, descrevendo os obstáculos enfrentados e as soluções adotadas, bem como outras atribuições mediante solicitação (BRASIL, 2011, p.1-2).

A partir da caracterização destes grupos operativos de trabalho é possível verificar em quais funções atribuídas, os professores na condição de readaptação temporária ou definitiva foram realocados, o que serve de subsídio para a investigação da compreensão e percepção do(c)ente acerca do referido acontecimento, como condição de trabalho.

Podemos observar – a partir desses quatro grupos operativos de trabalho – dois diferentes grupos de readaptação aos quais os docentes que se readaptam passam a ser inseridos: o grupo de docentes que continua em atividades institucionais escolares, auxiliando professores nas práticas pedagógicas, orientando os alunos, conversando com pais ou responsáveis, participando das reuniões com pais/responsáveis e alunos, e participando do plano pedagógico da escola; e o grupo que está totalmente excluído das funções de educar, docentes que exercem outras funções institucionais, que está inserido em atividades burocráticas, secretariado, inspetoria, preparação de merenda, entre outras atividades necessárias no cotidiano da escola, como levar o aluno para casa por motivos de incidentes, etc. O tipo de relação com a readaptação para docentes inseridos nesses grupos díspares é diferente. Para o primeiro grupo, não há o sentido pleno daquilo que significa readaptação, pois os mesmos, continuam inseridos no mesmo espaço das antigas atividades de docente.

No segundo grupo, por motivo vários, há uma ansiedade em ser retirado do espaço institucional, sendo submetido à perícias médicas que deem respaldo a seu interesse. Normalmente nesses casos, o interesse é não frequentar a escola e se possível buscar aposentadoria. Isso se torna evidente através da fala de um dos docentes entrevistados:

estava me sentindo que não tinha mais condições de lecionar, sempre frustrado, incomodado, sentindo mal em sala de aula, com ânsia de vômito, então fui ao médico e o mesmo me readaptou. Hoje me sinto melhor, mas não consigo entrar em sala de aula até hoje, tenho recaídas, crises de depressão. Tomo remédios controlados.

Atualmente quero me aposentar e quando isso acontecer, vou passar bem longe da escola, pois a frustração não vai acabar. (Professor José)

Por conta disso as relações entre esses dois grupos são diferentes, pelo fato dos interesses serem diferentes. Aqueles que efetivamente sofrem de um tipo de adoecimento, para esses o processo de readaptação se transforma em exercício de sofrimento. Por conta de apresentarem sofrimento anterior significativo com a sua atividade de docente, forçando uma ruptura do prazer da sua atividade profissional e de sua condição de adoecimento. Para esses, os que se dedicaram, se envolveram, a ideia de sofrimento dependendo da intensidade, se transforma ou se adequa a tristeza, ou outros distúrbios que reforçam e determinam a sua condição precária de enfrentamento das condições que assim o transformaram.

Nesse estudo realizado, não buscou-se fazer uma distinção entre esses dois grupos, por conta de que propósito foi analisar a readaptação como um processo de retirada da sala de aula, independentemente das condições e comprometimento que os sujeitos se encontravam durante o período da pesquisa.

Há que se ressaltar, a teor do artigo 43, da Resolução nº 2444, de maio de 2011, que a readaptação se dá somente por solicitação da perícia médica oficial. Tem caráter provisório ou definitivo, só pode culminar em aposentadoria caso verificada incapacidade do servidor para o serviço público.

Apesar da referida lei distinguir entre readaptação definitiva e readaptação provisória, esta regulamentação se dá apenas por questões administrativas. Mesmo a readaptação definitiva, poderia ter o caráter provisório, uma vez que haverá a convocação para avaliação pericial e confirmação do laudo anualmente. Atestando-se a cessação da incapacidade que materializa a condição de readaptação, o servidor será reconduzido ao cargo de origem. A readaptação provisória, – diferentemente da definitiva, onde o cargo é previsto a partir dos quatro grupos operativos supracitados – pode ocorrer em várias funções “[...] dar-se-á em tantas funções quanto necessárias e possíveis”.

Da mesma forma, no âmbito do ente federado, no município de Campo Grande/MS, nos termos do Decreto 10.343 de 22 de Janeiro de 2008 - Secretaria Municipal de Educação – SEMED, distingue-se entre a readaptação dada de maneira provisória ou definitiva, segundo critérios que definam a capacidade do servidor para o exercício ou não de sua função. A readaptação definitiva acontece após 02 (dois) anos de readaptação provisória, com laudo pericial comprobatório da necessidade de afastamento definitivo das atribuições do cargo de origem e/ou de suas funções por motivos de saúde. (BRASIL, 2008 s/p)

O referido Decreto Municipal, no artigo 26, designa readaptação, o afastamento do servidor público de forma provisória ou definitiva de suas funções, para a assunção de tarefas mais compatíveis com suas capacidades físicas e mentais, com base do parecer da Perícia Médica realizada por equipe multidisciplinar, Junta Médica. Estas avaliações são nominadas 'perícias em saúde'.

Os procedimentos padrões para o processo de readaptação consistem em entrevistas para clareamento das causas do adoecimento, avaliação médica e orientações quanto ao novo cargo.

A readaptação provisória é dada por até 6 meses. O profissional da educação, a cada novo período de seis meses, passa por uma nova perícia em saúde. Completados dois anos de readaptação provisória, uma nova avaliação, poderá determinar que o servidor seja readaptado de forma definitiva.

O profissional em readaptação tem direito à remuneração permanente de seu cargo efetivo, acrescida da vantagem pecuniária prevista em lei; tem direito a 30 (trinta) dias de férias por ano. No entanto, o período de afastamento do profissional da educação em readaptação não é considerado para fins de aposentadoria especial nos termos do ordenamento.

Homologada a readaptação, o servidor é lotado em outra função no espaço escolar ou no serviço público em geral. No caso dos docentes, a readaptação, dentro da organização, da instituição escolar, significa ocupar funções, de cunho pedagógico e administrativo, indiretamente relacionada a

sua atividade docente. Estes voltam-se para os serviços de gestão escolar nas funções de técnico administrativo, ou nos serviços de apoio escolar, merenda escolar ou inspetor escolar.

É neste universo que, pelo número de anos e de afastamentos, licenças médicas, surge a condição de readaptação. Contudo, a readaptação é uma resultante que explicita, também, as novas condições de trabalho social e simbólica que os do(c)entes são submetidos, se configurando enquanto outra atividade escolar.

Essa nova condição se materializa pelas novas relações específicas, advindas do próprio tempo e espaço das condições de trabalho. Desperta nesses trabalhadores sentimentos de perda, incapacidade, frustração, sentimento de inutilidade, fracasso e sofrimento. (LEÃO, 2013)

são coisas nesses quinze anos que eu passei, que eu falo: “Meu Deus será que eu..” como eu te falei, eu fui perdendo, eu só não pedi exoneração porque não deixaram, me aconselharam; que é desaforo, porque assim, eu já dei minha vida pela educação, dei meu sangue, me dediquei, em 2003 fui fazer pós na Federal de Aquidauana, sabe assim sair daqui cinco da manhã, cinco e meia, no máximo seis horas, passar o dia inteiro no sábado em Aquidauana, voltava; me dediquei ao estudo de repente assim, cê fala pô parece que eu parei no tempo mas, foi tão frustrante, pois.. tão assim (pausa) cruel. (Professor João)

No empenho de caracterizar o acontecimento readaptação docente na microrregião de Campo Grande – MS coletou-se, junto à Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul (SED/MS) e a Secretaria Municipal de Educação (SEMED/MS), dados sobre a readaptação docente entre os anos de 2011 a 2014². Igualmente, indagou-se da existência ou não de políticas públicas ou mesmo projetos de ação voltados à categoria.

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED/MS, 2013), na capital de Mato Grosso do Sul encontramos, 64 escolas estaduais e 96 escolas municipais; totalizando 160 escolas públicas de ensino fundamental e médio. Na rede estadual encontram-se lotados de 18.986 docentes e na

² Informações concedidas pelo setor psicossocial da SED e SEMED não divulgados em publicações.

municipal, 4.379 professores. Conforme este levantamento totaliza-se nas escolas estaduais desta capital, 398 professores na condição de readaptados (SED/MS) e nas escolas municipais 291 professores readaptados (SEMED\MS). Conclui-se, segundo os dados coletados, pela existência de um total de 689 professores em situação de readaptação nas 160 escolas públicas da capital de Mato Grosso do Sul.

A Secretaria Municipal de Educação (SEMED\MS), em 2011, já realizara uma pesquisa e uma análise do perfil de docentes em situação de readaptação funcional. Foram levantados os seguintes dados: 58% dos profissionais encontravam-se em readaptação temporária e 42%, na definitiva; 76% têm idade entre 41 e 60 anos; 88% são do sexo feminino; 85% possuem Pós-Graduação; para 26,8% a readaptação ocorreu entre 20 e 25 anos de efetivo trabalho docente. As doenças psíquico emocionais representam 51%, dos adoecimentos; as doenças musculoesqueléticas 29% e as doenças relacionadas a voz 10%. Na mesma escola de exercício, foram lotados 66% dos docentes foram lotados. Estão readaptados em biblioteca 72%, 15% na coordenação e 13% na secretaria e em outras funções. Receberam capacitação para o exercício de suas novas atividades 30%; 84% consideram que a readaptação contribuiu para recuperação de sua saúde; 97% fizeram ou fazem tratamento de saúde; 58% afirmam sofrer discriminação por sua condição; sendo que 42% da discriminação ocorre por colegas de trabalho (vertical), 16,6% pela direção, 7,9 pela SEMED e 27,3% pela junta de saúde³.

Conforme entrevista concedida pela coordenadora substituta da perícia médica estadual ao jornal eletrônico “Mídiamax News”, a média diária de solicitações de licença médica alegando a necessidade de cuidar da saúde chega ao número de 200 servidores estaduais; uma média de 4.000 pedidos de licença médica por mês. Isso mostra o crescente número de trabalhadores estaduais que adoecem (MÍDIAMAX NEWS, 2010).

Segundo o Sindicato Campo-grandense de Profissionais de Educação Pública (ACP), em 2009, 400 professores haviam participado da

³ Informações concedidas pelo setor psicossocial da SED e SEMED não divulgados em publicações.

campanha “Pela saúde do profissional de Campo Grande/MS”. Destes, 200 são da Rede Estadual de Ensino no município de Campo Grande e a outra metade da Rede Municipal de Ensino. Isso aponta para um índice de 41,18% na rede estadual e 33,15% na rede municipal, que obtiveram licenças médicas nos últimos dois anos para tratamento da saúde própria. (ACP, 2009 *in* LEÃO, 2013, p.20).

De acordo com a coordenadoria da Superintendência de Atenção à Saúde e Segurança no Trabalho dos servidores Públicos Estaduais (SAST-MS)⁴, ainda “está no plano das ideias” um projeto de intervenção voltado para os professores readaptados da capital; visto o aumento desses profissionais e os crescentes estudos e pesquisas acerca do caso. Faltam profissionais capacitados para compor a equipe interventiva (médicos, assistentes sociais, psicólogos, entre outros), tanto para escrita e montagem do projeto quanto para a operacionalização e intervenção.

Recentemente, 18 de novembro de 2013, foi inaugurado o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador da Microrregião de Campo Grande (CEREST Regional Campo Grande – MS). O órgão tem por função principal, a assistência técnica ao Sistema Único de Saúde (SUS) nas ações de promoção, prevenção, vigilância, diagnóstico, tratamento e reabilitação em saúde dos trabalhadores urbanos e rurais, com prioridade para as populações do campo e da floresta. Objetiva capacitar os profissionais e as equipes que atuam nas unidades que realizam atendimento por meio do Sistema Único de Saúde (SUS); de modo que estes profissionais tenham condições de detectar – durante o atendimento – e realizar a conexão do problema manifestado com o ambiente de trabalho em que esse sujeito vive no seu cotidiano. Com esse inventário, haverá melhores condições de se intervir junto aos locais de trabalho, visando à prevenção de outros trabalhadores, antes que estes sejam acometidos pelos mesmos males. Todavia, segundo a coordenadora do programa, ainda não há recursos necessários (tempo de atuação e

⁴ De acordo com informações colhidas na (SAST-MS), está em processo de implementação, um novo sistema eletrônico de banco de dados visando à otimização e assertividade no registro de todos os servidores da capital e interior do estado, que apresentaram problemas de saúde relacionados ao trabalho, incluindo transtornos psicológicos e acidentes físicos de trabalho.

profissionais disponíveis), para elaboração de uma política ou projeto voltado - especificamente - para população de docentes readaptados.

Isto se desdobra no endereçamento deste estudo, as narrativas de vida dos profissionais readaptados, os discursos que circundam e/ou medeiam as relações entre os jogos de verdade e poder consolidados com a readaptação funcional docente o adoecimento dos professores, os desdobramentos no contraponto da falta de projetos de ação e políticas públicas visto a crescente necessidade de o processo de readaptação ser complementado com ações preventivas e políticas públicas (Haddad, 2013).

1.3 Políticas Públicas

Políticas Públicas designam o conjunto de planos, metas e ações que os governos dos diversos entes federados delineiam para atender à saúde, à segurança e ao bem-estar da sociedade, bem como, às demandas públicas. Essas ações, planos e metas podem ter a participação de entidades públicas ou privadas. O objetivo é garantir os direitos de cidadania no atendimento dos segmentos cultural, social, étnico ou econômico. Políticas públicas dizem respeito aos direitos que devem ser garantidos constitucionalmente e aos direitos que se certificam através de demandas por parte da sociedade. (LOPES, 2008)

A saúde e a educação, bem como, a moradia, o trabalho, dentre outros, são direitos sociais. Para garanti-los e fomentá-los, o arcabouço jurídico prevê as políticas públicas. As demandas são apresentadas aos administradores do poder público, por meio de associações da sociedade civil, sindicatos, movimentos sociais, militâncias políticas, ONGs entre outros. As políticas públicas não prescindem da “participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação de políticas e no controle das ações em todos os níveis”. (Brasil, 1993)

A primeira evidência de interação da sociedade junto ao Estado, no gerenciamento de políticas públicas é datada de 1981, quando da criação de

um conselho consultivo composto por membros da sociedade civil e do Estado na gerência compartilhada da administração de saúde previdenciária, nominado pela sigla CONASP. (VILELA, 2005)

Os formuladores das políticas públicas selecionam as prioridades em razão da escassez dos recursos financeiros. Para Lopes et al. (2008, p.7) “as Políticas Públicas são o resultado da competição entre os diversos grupos ou segmentos da sociedade que buscam defender (ou garantir) seus interesses”. Os articuladores das políticas públicas são membros do Governo ou do Estado e membros da sociedade civil.

Tal competência atribuída a sociedade, por meio dos grupos supracitados, de interatuar com o Estado, na demarcação das prioridades e na concepção das políticas públicas, constitui-se numa forma aparentemente democrática de controle social. (VILELA, 2005; FOUCAULT, 2002d)

Visto isto, é importante vislumbrar como o Estado, enquanto instituição de poder, e a Escola, enquanto uma instituição, de poder e saber, organizam os jogos de verdade em torno da readaptação docente; situação essa que emergiu enquanto fenômeno nos últimos cinco anos nas produções acadêmicas e nos meios de veiculação midiáticos.

A situação da readaptação, nesse espaço de tempo, passou a demandar a atenção do meio acadêmico e do Estado, do desenvolvimento de políticas públicas, visto que já se tornou um problema de saúde pública. Amplia-se, agora, o campo de visão para entes federados diversos do lócus da pesquisa e traz a colação um estudo e uma matéria de jornal.

Um estudo efetuado no Estado do Rio de Janeiro com trabalhadores de uma escola da rede pública de ensino no ano de 2011, apontou a inexistência de um sistema de política pública ou projeto de ação no setor público para se averiguar as correlações entre saúde e trabalho; bem como avaliar o trabalho efetuado, realizar intervenções sobre as causas de adoecimento e, desta forma, transformar os espaços laborais em ambientes mais saudáveis. A saúde dos profissionais readaptados deve ser examinada como um todo - a partir da situação de trabalho que culminou no adoecimento -

e não tão somente reduzida ao tratamento dos distúrbios clínicos. (NUNES; BRITO; ATHAYDE, 2001 apud ARBEX *et al*, 2013).

Recentemente, no mês de março de 2016, foi publicada uma matéria no jornal eletrônico “O Estadão” com o título “Docentes em SP criam grupo para ajudar no retorno após licença”. Trata-se de uma matéria sobre uma professora de 49 anos, readaptada a mais de 10 anos, em decorrência de uma cena de extrema violência havida na escola em que lecionava no interior do Estado. Após ver um de seus alunos ser morto a facadas, a professora perdeu progressivamente a vontade de lecionar até chegar ao ponto de não sair mais da cama. Depois de sucessivos afastamentos, retorna à escola na condição de readaptada. Percebendo muitos colegas na mesma situação e a falta de apoio à categoria, criou, em 2013, a Associação dos Professores Readaptados do Estado de São Paulo (Aspresp), grupo criado na rede social Facebook. Mais de 1 mil seguidores, trocam relatos virtuais, promovem encontros, discutem os principais problemas da categoria, esclarecem dúvidas e solicitam auxílio jurídico.

A Aspresp é a única associação de professores readaptados que se tem registro no país e vem lutando pelos direitos dos profissionais da categoria. A primeira conquista da Associação foi a contratação de uma psicóloga do trabalho. Esta formou um grupo de apoio aos professores readaptados e trabalha com eles. Outra grande conquista foi a valorização desses profissionais, assumindo cargos na direção de unidades da rede estadual. A próxima luta é para a composição de uma equipe multidisciplinar, que acompanhe os trabalhos da perícia médica, a fim de tornar os laudos um norteador das funções que o docente irá exercer.

A readaptação é um problema de saúde pública. E a falta de políticas públicas, sendo de responsabilidade do Estado, diz respeito efetivamente aos mecanismos de poder deste e influencia diretamente a qualidade do Ensino nas escolas públicas do país.

1.4 O trabalho docente e a instituição escolar

Em se tratando de poder, é extremamente válido caracterizá-lo na instituição na qual esse poder se exerce. Num viés foucaultiano, entende-se a escola enquanto instituição de poder e saber que organiza seus jogos de verdade em torno do processo de ensino-aprendizagem, da docência, da saúde ou da doença e da readaptação docente.

O contexto escolar não se mostrou indiferente aos momentos de crise, às transformações e aos movimentos de resistência da segunda metade do século XX, tais como, o feminismo; movimentos de estudantes; movimentos operários; movimento antipsiquiatria. Neste contexto, emergiram dúvidas e questionamentos referentes ao papel social da escola e da educação, bem como acerca da identidade dos docentes e sua formação.

Essas mudanças perpassaram a relação entre o professor e seus alunos, visto que muito do que funcionava nessa relação décadas atrás não tem funcionado mais na contemporaneidade. Exemplo disso é a questão do sentimento de perda de autoridade nessa relação. Gritos e punições já não funcionam; o que denota que algo mudou.

eu não sei a hora que tenho que gritar a hora que tenho que falar duro e a hora que tenho que acolher (Professora Ana).
não respeitava ninguém, batia de frente com a supervisora, era agressivo com todo mundo, não tinha autoridade pra ele, não se de.. não tinha autoridade (Professor João).

Os alunos de hoje não mais aceitam as chamadas técnicas disciplinares. “Se o aluno tá matando aula, vem o inspetor falar. Se um aluno não quer estudar tá batendo de frente a diretora.” (Professor João). Pode-se dizer que a escola está em crise. Na perspectiva foucaultiana (2006), esta crise não se restringe a escola, e sim a sociedade enquanto uma totalidade.

Foucault trata da emergência do poder disciplinar nas instituições disciplinares; um poder que se perpetuou ao longo do tempo sem receber grande atenção. O Professor do Collège de France descreve essa nova forma de poder, nos vestígios dos arquivos do Hospital Geral nos séculos XVIII e XIX, e um texto de Jeremy Bentham. Instituições que até então passavam

desapercebidas (prisões, hospitais, hospícios, escolas, entre outros) começaram a ser indagadas. Em especial, as relações que se constituíam entre os que nelas se mantinham e trabalhavam. E o tipo de poder que dentro de todas elas se exerce é a disciplina (FOUCAULT, 2006).

O poder e o saber estão, sobretudo, interligados. O exame; forma de imbricação de poder e saber, opera nos mais diversos ambientes disciplinares (escolas, hospitais, prisões, etc.). Porém, diferentemente de uma análise institucional, o poder não tem somente função de repressão. O poder, não só reprime; é também produtivo. (FOUCAULT, 1975)

Como pensar o poder na escola? Foucault não trata da educação e sim da escola enquanto Instituição. É a partir do século XVIII que novas tecnologias ou mecanismos de poder, a disciplina, torna-se parte da vida das pessoas. O poder é positivo; fabrica corpos tornando-os dóceis e úteis. A disciplina é então entendida como um conjunto de técnicas de adestramento do corpo do trabalhador, do aluno, do doente:

a modalidade, enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1975, p. 133).

Tais métodos eram importantes, pois incidiam sobre o corpo de modo a torna-lo apto as mais diversas atividades. Por exemplo, a postura mais correta para precisão e agilidade na escrita de um aluno. O poder não mais destrói o corpo por meio de suplício, mas torna-o um instrumento útil. (Foucault, 1795)

Os métodos ou técnicas para a docilização de corpos atravessam as instituições e vão para além delas (escolas, hospitais, prisões, família). Essas técnicas vem recepcionadas como “herança” nas escolas de hoje: cada um aluno deve ocupar uma única carteira (quadriculamento), as salas de aulas são dispostas uma em frente a outra, geralmente formando um ‘U’ ou quadrado

ficando o pátio livre de obstáculos visuais de modo a poder se observar tudo (localizações funcionais), filas para oração, filas para entrar em sala, alunos dispostos em filas de carteiras, horários de entrada, intervalo, saída (controle da atividade). Tudo numa pretensão de exatidão, regularidade e aplicabilidade. É toda uma complexa rede de poder – inclusive hierárquico – que se estende no âmbito da escola. (FOUCAULT, 1975)

A relação de poder disciplinar também é observada, coexiste, e é instituída em sala de aula, na relação professor-aluno, no decurso do ensino e da aprendizagem. O poder neste caso, não é o poder apenas como quem pode mais ou menos, mas o poder criado nas interações no espaço da instituição social e formal da escola, como “poder disciplinar”, no qual as relações de poder desenvolvem-se na condição da interação mútua e influem na construção de saber:

[...] poder produz saber [...] poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não supunha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (FOUCAULT, 1975, p. 30).

Portanto, a escola é estrutura para o exercício do poder disciplinar. Na medida em que existem relações de poder existe também resistência. E a resistência vem tornando-se decisiva no que se refere ao exercício do poder disciplinar.

Assiste-se hoje ao “falimento”, e tentativas de mudanças e renovações de inúmeras instituições da contemporaneidade, tal como a escola: “a disciplina, que era eficaz para manter o poder, perdeu uma parte de sua eficácia. Nos países industrializados, as disciplinas entram em crise” (FOUCAULT, 2006, p. 268).

ninguém consegue lida com essa situação; que diz a escola né? Porque nós não temos é... Suporte pra isso... Não da, do... do, do poder maior que são a esfera do, dos dirigente, governantes. Não, não temos. É a escola que está aqui, nós não temos estrutura [...] tem os que queiram abraçar isso aí, mas ele não consegue, abraçar tudo isso sozinho, não vai conseguir nunca e isso sobrecarrega o professor emocionalmente e vai desgastando... Até que ele chega fica doente. (Professora Sara)

A questão não é a “falência” da escola, ou seja, da instituição. Trata-se de um enfraquecimento das técnicas disciplinares na medida em que, na contemporaneidade, há uma forte insubmissão a elas e, no limiar, uma resistência a elas. Dessa forma, entende-se que o poder disciplinar, progressivamente, se torna efêmero e ineficaz, fazendo com que a escola não funcione com a eficácia dos moldes em que surgiu no século XIX. A escola, assim como as demais instituições, é uma criação social amoldada ao tempo, espaço e exigências sociais que incidem sobre os corpos e atuam enquanto dispositivos disciplinares. (OSÓRIO, 2013)

Todavia, isso não significa “extirpá-la ou dar-lhe uma condição de eliminação. Todos, de forma geral, reclamam das instituições escolares” (p.78) sem compreender a dinâmica conservadora em que emergiu, e sem compreender que em cada época histórica há a necessidade de acrescentar novos significados e significantes, o que pode conduzi-la a novas configurações. (OSÓRIO, 2013)

[...] a instituição sempre será espaço de disposição, arranjo, formação, instrução, educação do corpo e da mente; marcada por princípios, métodos, sistemas, doutrinas. Seu movimento será sempre operativo (ação propriamente dita), voltado para instituir, arranjar, estabelecer, construir, preparar, dar e recuperar, organizando seus propósitos na perspectiva de um determinado grau de regularidade ativa; concebido culturalmente por atributos designados em suas práticas sociais. Os movimentos das instituições serão, ainda, sempre delimitados em suas funções também construídas pela sociedade, especificando, assim, seus atributos (OSÓRIO, 2010 p.23).

Os alunos parecem perder o interesse pela instituição escolar nos moldes de hoje. E, provavelmente, o mesmo acontece com todos os agentes que nela trabalham; professores e demais funcionários, principalmente os alunos já não se sujeitam facilmente a tais técnicas disciplinares, este modelo de instituição, com este tipo de poder que herdamos do século passado, parece não ter sentido de ser tal como é.

hoje em dia como eu te falei, se você me perguntasse se eu tenho condições de retornar para sala de aula, se eu me

sentiria apta para isso, eu responderia que acho bem difícil, porque eu já estava em um desgaste emocional muito grande, de sair da sala de aula para chorar no banheiro, porque tava assim sufocante, desgastante. Ah... eu via mais assim, a sala de aula muito cheia, tinha sala de 42, 43 alunos, e somava o problema de aluno não querer assistir aula, eles não tem motivação para assistir aula, e aí acaba que você tenta suprir a carência que ele tem fora da escola, a motivação dele, fazer ele se motivar, e nesse meio tempo todo você tem que cumprir seu conteúdo, cumprir os horários, e aí acaba que a situação fica estressante. (Professora Rute)

Outro molde de escola, novos modos de relação, talvez possam proporcionar uma educação formal básica que faça sentido na vida dos estudantes e também dos educadores.

eu preciso fazer mais. Se eu vejo a necessidade de se fazer, eu posso fazer. E se não deixarem eu fazer, então não tem sentido. Entendeu? Perde o sentido de estar no lugar por estar. Não é. Eu vou pra cumprir não. Eu quero fazer alguma coisa. Eu posso fazer, eu sei que eu posso fazer. Agora não, não mecha aí porque sempre foi assim.. ah não. É aí que eu quero mexer, quando você fala que sempre foi assim, que não pode mexer, é aí que eu quero mexer. Meu marido fala, você é teimosa! Eu falo eu sou! (Professora Ana)

Essa 'crise' também está presente no ser professor, como consequência psicológica, como resposta as mudanças sociais e disciplinares. A não aceitação das técnicas disciplinares pelos alunos e o sentimento de perda de autoridade nessa relação professor-aluno, somadas à falta de formação do professor, a precarização das condições de exercício profissional levam ao adoecimento.

2. Saúde do(c)ente

estava me sentindo que não tinha mais condições de lecionar, sempre frustrado, incomodado, sentindo mal em sala de aula, com ânsia de vomito, então fui ao medico e o mesmo me readaptou. Hoje me sinto melhor, mas não consigo entrar em sala de aula até hoje, tenho recaídas, crises de depressão. Tomo remédios controlados. Atualmente quero me aposentar e quando isso acontecer, vou passar bem longe da escola, pois a frustração não vai acabar. (Professor José)

As tentativas da comunidade docente de superação de seus conflitos também se remetem as tentativas de superação de seu adoecimento pessoal.

No título, desta dissertação, utiliza-se a palavra docente com a consoante “c” entre parênteses. O uso dessa estratégia de linguagem escrita foi proposital, pois ao retirar a consoante “c” da palavra docente resulta a palavra doente. Os profissionais docentes desse estudo estão acometidos por alguma doença/síndrome psicológica e, não rara vezes; acompanhadas de doenças físicas, encontradas com frequência em profissionais da educação; problemas ortoesqueléticos como coluna, lesões por esforço repetitivo – LER; problemas na voz e aparelho respiratório, dentre vários outros.

Entre vários problemas encontrados no âmbito organizacional, em particular no âmbito escolar, há uma preocupação com as dinâmicas atuais que se relacionam à saúde-doença dos educadores; o que muitas vezes é apontado como a falta de saúde dos professores. Enquanto fenômeno, há indicações de diferentes condições de comprometimentos. O trabalho docente não permaneceu ileso às condições em que são levadas a termo as práticas pedagógicas devido as questões relacionadas as demandas de ordem social.

Estudos vêm apontando fenômenos, como a indisciplina, a violência escolar e as condições humanas precárias de muitos alunos, no comprometendo a saúde docente tanto do ponto de vista físico como psíquico. Contraditoriamente, a sala de aula como lócus de um ambiente de realização profissional – indiscutivelmente - passa a ser um lugar também de adoecimento desses profissionais, pela sobrecarga física e emocional.

Segundo Leão (2013, p.17): “as condições de trabalho, a falta de saúde e a maneira como os professores vem sendo tratados nos últimos anos, tem trazido algumas inquietações [...]”. A autora complementa asseverando que:

a categoria docente é uma das mais expostas a ambientes de enfrentamento com alta exigência de trabalho, tais como, tarefas extraclasse, reuniões, atividades adicionais, pressão do tempo, currículo imposto, dentre outros, sem contar os problemas com os alunos que chegam até a ameaças verbais e físicas [...] uma situação estressante que repercute na saúde física e mental dos professores além de afetar seu desempenho profissional (LEÃO T, 2013 p.18).

Para Arbex *et al* (2013), a precariedade das condições de trabalho e de saúde comprometem social e psiquicamente esses trabalhadores. Para o autor, em concordância com Leão (2013), apesar da sala de aula ser caracterizada como um ambiente de realização profissional, é igualmente um lugar de adoecimento e de sobrecargas físicas e mentais.

Segundo Soratto e Olivier-Heckler (2006, p. 93), além dos problemas com acesso a educação, problemas de violência escolar e estrutura física das instituições; enfatizam se a importância das condições de saúde e bem-estar do professor para a qualidade do serviço prestado.

[...] o professor entra na sala de aula e lhe falta giz, carece por vezes de um armário para guardar suas tralhas, [...] um professor é contratado para inventar o futuro de pessoas, para construir o futuro do país, para empolgar, desenvolver corações e mentes. Qualquer reforma que se tentar na educação que não leve em conta as condições objetivas e subjetivas de trabalho dos educadores não pode ser considerada séria.

Apresenta-se, na sequência, os caminhos metodológicos realizados para a coleta de dados, as entrevistas com os docentes em situação de readaptação funcional, articulando-o sempre com o referencial teórico foucaultiano, numa tentativa de vislumbrar a readaptação não enquanto resultante do adoecimento pura e simplesmente provocado pelas condições de sala de aula, mas como o contínuo do adoecimento provocado pela instituição

escolar e pelas demandas de nossa sociedade contemporânea. Articula-se a discussão às práticas e tecnologias do cuidado de si por estes profissionais.

Antes de iniciar as discussões e articulações dos resultados deste estudo com a teoria escolhida para a análise e com a psicologia, em especial no que tange a síndrome de Burnout, síndrome que acomete muitos profissionais da saúde e da educação, como no caso dos professores entrevistados neste estudo, faz-se necessário uma breve caracterização dos percurso para a realização da pesquisa, as dificuldades encontradas e superadas, as condições em que o trabalho de pesquisa de campo (entrevistas) foram concretizadas e também uma breve caracterização dos sujeitos de pesquisa entrevistados.

Esse percurso precisa ser explicitados para que se fique claro as condições em que submeteram o estudo e sob que condições os dados foram coletados; e que os discursos foram evocados da maneira em que se apresentam em função dessas condições. Posteriormente a essas caracterizações serão iniciadas as discussões dos resultados do estudo – as entrevistas – a luz do referencial foucaultiano numa interligação sobre a doença psicológica – Síndrome de Burnout – e as questões do cuidado de si na vida dos docentes readaptados entrevistados.

2.1 A trajetória da pesquisa: caminhos Teórico-metodológicos

Numa primeira elaboração, o presente projeto pretendeu estudar /pesquisar, a partir do acontecimento “professores readaptados” em seus processos de Saúde-doença (formas de violência interna e externa, esgotamento emocional, entre outros), e à luz das contribuições de Michel Foucault no que concerne as questões do discurso de verdade e formação das subjetividades; construído – preliminarmente – por meio do discurso de médicos peritos através dos CID’s nos laudos periciais que apontassem relação ao Capítulo V - Transtornos mentais e comportamentais (F00-F99), documentos os quais (con)formam subjetividades, as relacionam e as ordenam com as práticas do cuidado de si.

Uma das primeiras barreiras se visibilizou no contato com as Secretarias Estadual e Municipal de Educação para a coleta de dados sobre os profissionais em readaptação, bem como solicitar a documentação necessária para contatar os docentes em vista do convite para a participação no estudo. A deficiência de profissionais para tratar com informações, documentos e estatísticas relacionadas aos professores (as) readaptados (as) ocasionou o insucesso. Também, diante das orientações em supervisões e das considerações dos próprios servidores das Secretarias de Educação, concluiu-se que seria impossível acessar documentos e laudos médicos, relacionados a população estudada. Primeiramente, por questões éticas, não sendo permitido a veiculação de nenhuma informação pericial de laudos médicos para pesquisas; segundo, porque não há atendimento diferencial para esses sujeitos. A orientação obtida foi a de procurar diretamente as escolas nas quais estes docentes estariam em exercício.

Uma pesquisa realizada por Pereira e Leite (2015) mostra que a maioria dos profissionais atuantes na biblioteca está em desvio de função por readaptação ou reenquadramento de função. Na Rede Municipal de Ensino, são 55 professores readaptados em 90 escolas que possuem bibliotecas em oposição a 41 assistentes técnicos em biblioteca. Na Rede Estadual, são 75 escolas com bibliotecas e 62 professores readaptados em atuação nessas em oposição a somente 11 assistentes técnicos em biblioteca. Esses dados foram importantes na busca por escolas para a realização deste estudo, e ressalta a relevância da elaboração deste estudo junto aos docentes da rede de ensino público, e valida o critério de opção por estes profissionais.

Com o decorrer do estudo e das investigações outras séries de dificuldades foram encontradas. A primeira, como já mencionada, foi a falta de informações, dados e pessoal nas Secretarias do Estado e do Município quanto a dados referentes aos professores readaptados na capital, e a inacessibilidade aos laudos dos docentes readaptados junto à perícia Coordenadoria de Perícia Médica do governo de Mato Grosso do Sul que levou a realizar as buscas pelos profissionais professores em situação de readaptação diretamente nas

escolas. A segunda, foi a dificuldade de abertura e a inacessibilidade das instituições escolares para a realização do estudo.

E razão disso, a pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual de ensino, escola que concedeu autorização para a realização da pesquisa. A referida escola conta com 10 servidores/professores readaptados. Logo, a pesquisa seria realizada com todo o universo de sujeitos. Todavia, o critério de seleção da população de sujeitos para a pesquisa reduziu o número de participantes para menos que o previsto (6 participantes).

a pesquisa na perspectiva foucaultiana, lança mão de um corpus com elementos variados, tendo em vista a conexão estratégica entre eles. Podem-se incluir fragmentos de documentos oficiais e legais, produção escrita e depoimentos verbais de sujeitos das investigações que permitem delinear os diferentes enunciados daqueles que tiveram mais incidência referente às práticas educativas e às formas de sujeição e subjetivação dos sujeitos; elementos como pequenos casos expressos em depoimentos verbais, que são o corpus não oficializado, que podem enriquecer e dar sentido ao tema, além de depoimentos dirigidos a um público mais amplo, como os dos recortes de jornais, revistas, discursos de formatura, manifestações espontâneas em debates e mesas-redondas, selecionados em razão do significativo. (LEÃO T., 2013 p.107).

Muitos poderiam questionar sobre a quantidade de instituições e sujeitos pesquisados, podendo apontar que este número seria ínfimo e não traria veracidade ou qualidade estatística para o estudo. Vale lembrar que o estudo é um estudo qualitativo de perspectiva empírico-analítica e não tem pretensão alguma de transformar os resultados da pesquisa em dados estatísticos. Sobre esse tipo de pesquisa, Osório (2013, p.70) pontua:

[...] estudos e pesquisas ao corpo, ao sujeito e a subjetividade, desenhando uma base empírico-analítica, cuja vertentes não possuem um local, tempo ou espaço determinado de suas ocorrências, mas auxiliam a consolidação das tentativas de um saber efetivamente, não para rotular, mas para entender quais os motivos que nos conduzem a isso ou aquilo, dando não somente os efeitos de sua compreensão, mas parte das causas que o levam a existir.

Michel Foucault elucida que as estatísticas, por si só, não demonstram nada. Uma pesquisa com dez ou dez mil sujeitos, para ele, possui

a mesma importância. Para o Professor do Collège de France, o que importa é o que foi dito. Logo, não importa quantos falam ou o que falam; o que importa é ir identificando historicamente o que dá sustentação ao que se fala. Como destaca Osório (2010a, p. 97):

a relevância e a qualidade de um trabalho não são suficientes para caracterizar uma pesquisa, muito pelo contrário, seus resultados devem transgredir aquilo que é sempre constatado, sinalizando instrumentos e procedimentos de superação. Eis o essencial do conhecimento.

Assim, a pesquisa foi realizada com 6 profissionais, docentes readaptados. Considerou-se como critérios de inclusão e exclusão no estudo: a) Professores (as) da rede estadual de ensino da cidade de Campo Grande – MS; b) Estar em readaptação por motivos psicológicos e em exercício de outro cargo na instituição de ensino; c) Professores (as) que assinaram o TECLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido juntamente ao Termo de Anuência – e conforme a disponibilidade de escolas e profissionais servidores encontrados.

Uma outra dificuldade enfrentada e superada foi o receio manifestado por parte dos entrevistados, fato observado ainda nos contatos iniciais com os docentes, foi o restringir-se a responder somente o que fora perguntado, às questões/questionamentos de uma pesquisa qualitativa de base empírica analítica, a ser produzida por meio de um questionário semiestruturado. Isto levou a uma mudança fundamental nos caminhos do estudo. Alterou-se o instrumento da entrevista: de questionário semiestruturado para Narrativas de Vida, onde os sujeitos puderam falar livremente sobre o ser professor e sobre a readaptação.

Os primeiros contatos com os docentes readaptados, após concessão de autorização de pesquisa, em uma escola da Rede Estadual de Ensino da capital, foram realizados de maneira individual, com uma breve explicação do que se tratava o estudo, acompanhado da entrega do “Questionário utilizado para a coleta da Narrativa de Vida” (apêndice III) - somente para leitura - também foi solicitado o consentimento para a gravação

de áudio; assegurado o sigilo ético das entrevistas para o estudo, além da permanência da identidade do docente entrevistado ocultada.

Neste primeiro contato verificou-se os perfis dos docentes se enquadravam com os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, bem como a aceitação em participar do estudo por parte destes profissionais. Ato contínuo, agendou-se as entrevistas para o relato de suas Narrativas de Vida, de acordo com data e horário de disponibilidade de cada voluntário a participar.

A entrevista narrativa, instrumento utilizado para a coleta dos dados, está baseada nas orientações de Jovchelovitch e Bauer (2002). Ela consiste em realizar perguntas abertas como forma de incentivar o entrevistado. Nesse modelo de entrevista, o sujeito relata sobre acontecimentos importante de sua vida, do contexto social de origem e o atual; pessoal e social, além do relato de seus pensamentos e opiniões.

as entrevistas narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar e universal de comunicação humana. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

Seguindo o esquema de narração das autoras supracitadas, iniciou-se a entrevista com o questionário sociodemográfico (apêndice IV); inquirendo-se sobre o perfil físico e econômico dos entrevistados bem como especificidades: data de nascimento, escolaridade, estado civil, número de filhos, onde mora, onde trabalhou antes e depois da readaptação, cargo, carga horária de trabalho, salário, tipo de concurso, mês, ano e motivo da readaptação e se realiza tratamento para a saúde ou não. Após essa etapa, partiu-se então para a única pergunta contida no “Questionário utilizado para a coleta da Narrativa de Vida” (apêndice III), o qual já havia sido apresentado no contato inicial e individual com os docentes entrevistados. Foi realizada a leitura junto aos entrevistados, de forma a haver certeza no entendimento do questionamento, para posterior discorrência da entrevista.

As entrevistas foram realizadas individualmente no ambiente de trabalho dos sujeitos. Vale destacar, que não havia um ambiente específico em que se pudesse ter privacidade para a realização das mesmas. Logo, nesse

ambiente escolar, enfrentou-se dificuldades, como ruídos excessivos, que tornaram trechos das gravações de áudio inaudíveis e interrupções de diversas naturezas.

A falta de privacidade também foi um fator que contribuiu negativamente para a livre expressão dos sujeitos em estudo, principalmente no que tange a um conjunto de perguntas a serem respondidas diante de outras pessoas como os colegas de trabalho, o que mais uma vez convergiu para a narrativa de vida como instrumento mais eficaz para esse estudo.

Sabe-se que a coleta de narrativas de vida com o cerne nos distúrbios psicológicos e no sofrimento deveria ser acolhida em ambiente propício sem a presença de outrem. O ambiente inapropriado à entrevista pode restringir suas respostas. O entrevistado omitirá ou mentirá sobre questões delicadas referentes a problemas e sofrimentos quanto ao ambiente de trabalho. A criação desse ambiente é imprescindível; porém, é preciso lidar com os dados e ferramentas e realidades oferecidas pelo meio. A criação deste ambiente era impossível na escola em que foi realizado o estudo, pois esta não subsidiava com condições físicas para a realização das entrevistas. Não havendo disponibilidade de um ambiente para a realização das entrevistas, as mesmas tiveram que ser realizadas no exato local de trabalho dos docentes readaptados em questão.

As condições em que se deram as entrevistas remetem a formas de resistências que poderiam se manifestar; fenômeno para Foucault “tão inventiva, tão móvel, tão produtiva” quanto os próprios discursos que são por sua vez categorizados selecionados e enunciados. (FOUCAULT, 2002d p.241)

Após as entrevistas, as gravações foram transcritas na sua íntegra. A transcrição dos discursos, do que foi dito, é realizada na exata maneira como foi dito. Dessa forma, o corpus de análise desse estudo, consiste essencialmente nas entrevistas com os profissionais docentes readaptados; Foucault se utiliza mais em suas obras de documentos “arquivos” para suas análises, logo, essa foi uma das dificuldades fundamentais encontradas para a realização da análise dos discursos dos entrevistados.

Foram entrevistados 06 (seis) docentes, servidores readaptados em exercício na escola, cujos perfis estavam de acordo com os critérios de inserção no estudo: a) Professores (as) da rede estadual de ensino da cidade de Campo Grande – MS; b) Estar em readaptação por motivos psicológicos e em exercício de outro cargo na instituição de ensino e c) Professores (as) que assinaram o TECLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido juntamente ao Termo de Anuência. Por questões de sigilo ético serão utilizados nomes fictícios.

Dos participantes 02 são do sexo masculino e 04 do sexo feminino. Todos possuem concurso público nas Redes Estadual e Municipal de Ensino. Todos já lecionaram para o ensino fundamental e médio. Uma das docentes entrevistadas atuou na educação especial. Todos estão readaptados.

O professor João, é solteiro tem 40 anos, não tem filhos e nunca quis ser professor; sempre quis cursar outra faculdade e atribui a suas condições de vida ao fracasso no vestibular para a aprovação no tão sonhado curso. Cursou universidade, graduou-se em filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Lecionou durante 15 anos, é concursado pelo Estado e Pelo município. Lecionou durante 5 no estado e 7 anos no município.

Está readaptado há 3 anos com diagnóstico de bipolaridade. Há 8 anos possui sintomas de depressão e admite ter realizado o tratamento de maneira inadequada, com interrupções dos medicamentos de uso contínuo. Hoje não tem mais vontade de lecionar e tem verdadeiro pavor da sala de aula.

Atualmente trabalha como auxiliar de coordenação, no período vespertino e noturno em escola da rede estadual de ensino. Durante a entrevista, demonstrou ansiedade e preocupação com sua fala e quanto ao sigilo. Com o desenvolver da entrevista, demonstrou diminuição da ansiedade e pareceu sentir-se mais a vontade com a situação. (“o professor readaptado é mal visto e indesejado pelas escolas”)

A professora Maria é separada, tem 66 anos e tem um filho adulto. Sente-se totalmente desvalorizada enquanto professora e enquanto servidora

readaptada. Coursou pedagogia, lecionou por 14 anos e atua na Rede Estadual de Ensino.

Está readaptada há 10 anos, com o diagnostico de depressão e por problemas na coluna. Assumiu primeiramente a função de bibliotecária, passou por diversas escolas e hoje atua como auxiliar de coordenação em escola da Rede Estadual de Ensino.

Durante a entrevista a professora mostrou-se bastante nervosa e tímida, comportamento esse observado durante toda a entrevista - provavelmente ocasionado pelo espaço inadequado para a entrevista (dentro da sala de coordenação junto aos demais funcionários).

O professor José tem 55 anos, é solteiro, não tem filhos, possui um irmão com deficiência física e mental, e o pai tem Alzheimer. Está à espera de sua aposentadoria no Estado e no Município que ocorrerá no final do ano de 2016. Lecionou por 24 anos nas Redes Municipal e Estadual de Ensino.

Está readaptado há 7 anos com o diagnostico de Transtorno Depressivo Recorrente (F.33 segundo informações do próprio docente) e atua como fiscal de pátio e auxiliar de coordenação. Relatou que já realizou tratamento com psicólogo e interrompeu, pois não gostou. Atualmente, trata-se com psiquiatra e toma várias medicações controladas.

Durante a entrevista mostrou-se obnublado, apresentando dificuldade de evocação de suas memórias; lentidão na fala e no pensamento, além de sonolência acentuada. Esses comportamentos podem ter sido provocados por conta da utilização da medicação controlada e/ou por desconforto causado pelo ambiente em que a entrevista fora realizada (o pátio da escola).

A professora Ana é casada, tem 47 anos e dois filhos. Gosta de lecionar, sentia-se muito satisfeita lecionando. Coursou Letras, e tem pós-graduação na área de inclusão. Desejou ter feito faculdade de psicologia e ainda assim lecionar. Lecionou por 25 anos nas Redes Municipal e Estadual de Ensino.

Está readaptada há 2 anos, diagnosticada com ansiedade que leva a depressão, atua como fiscal de pátio e auxiliar de coordenação. Sente-se desvalorizada enquanto professora readaptada e deseja lutar para exercer as funções propostas para sua readaptação, conforme Resolução n. 2444, de maio de 2011 a qual dispõe sobre a lotação de funcionário em determinado órgão de uma repartição e as funções desse funcionário. Funções essas que ela afirma não exercer na escola enquanto readaptada. Demonstrou-se tranquila durante a entrevista, porém um tanto desconfortável, situação provavelmente provocada pelo ambiente no qual a entrevista foi realizada (sala da coordenação).

A professora Rute é casada, tem 35 anos e um filho. Nunca pensou em lecionar, mas passou em concurso público e acabou tomando gosto. É graduada em Biologia pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Lecionou por 11 anos nas redes municipal e estadual de ensino.

Está readaptada há 3 anos com o diagnóstico de Transtornos do sono devido a fatores emocionais e depressão, exercendo a função de auxiliar de coordenação. Tinha medo de ser readaptada e ficar “encostada”, isolada na escola. Relata não fazer acompanhamento psicológico por dificuldades impostas pelo plano de saúde.

A professora Sara é divorciada, tem 59 anos e dois filhos. Não desejava ser professora, queria fazer nutrição, mas, na época, não existia esse curso de nível superior em Campo Grande-MS. Quando ainda estava cursando o magistério foi convidada a lecionar como professora na educação especial e com crianças e jovens marginalizados. Lecionou por 25 anos nas Redes Municipal e Estadual de Ensino, na educação especial e na educação infantil.

Está readaptada há 5 anos com o diagnóstico de Depressão e Síndrome do Carpo. Atua no cargo de assessora pedagógica. Durante a entrevista se mostrou nervosa, ansiosa. Houve momentos de choro ao relatar suas lembranças. No decorrer da entrevista, a professora ficou visivelmente mais calma.

O método de pesquisa escolhido não nos permite alcançar uma essência dos sujeitos, tão pouco é possível chegar a uma verdade, uma universalidade ou uma totalidade. Foucault não admite universalidades ou verdades absolutas.

Entretanto, tudo o que pode ser observado, desconstruído, por intermédio da análise do discurso, tem sua importância e sua legitimidade condicionada às leituras e interpretações na atualidade (FOUCAULT, 1997 p.150).

O estudo não pretende encontrar uma verdade universal. Cabe-nos examinar, ponderar, analisar, identificar margens ou limites do objeto em estudo, no interior de um determinado âmbito discursivo em questão, tendo o olhar de que os limites são volúveis e são utilizados como delimitações que podem ser trasladados no interior de determinado campo conceitual; expandidas e restringidas, e mesmo, vincular-se a diversos enunciados.

Feitas as caracterizações de como se deu a realização da pesquisa de campo deste estudo, das dificuldades encontradas e contornadas, bem como a caracterização dos sujeitos docentes readaptados entrevistados, passamos a articular os resultados obtidos com as entrevistas com o referencial escolhido para as análises dos discursos e as inter-relações realizadas com o adoecimento docente e as questões concernentes ao cuidado de si a luz do referencial foucaultiano.

2.2 As vozes dos sujeitos, o adoecimento e o cuidado de si: aproximações com o referencial teórico Foucaultiano.

Dentre vários assuntos possíveis para esta investigação, optamos pelo “cuidado de si” em Foucault (1985), no que tange aos docentes, para a realização da análise dos discursos. A investigação consiste em compreender a lógica da unicidade nos discursos apresentados, Foucault não acreditava na existência de algo parecido com uma unanimidade ou homogeneidade nos discursos, visto isso, buscamos a singularidade.

Busca-se compreender por intermédio dos relatos dos próprios docentes; o significado da palavra “readaptação”, os novos sentidos gerados pelos novos cargos na vida destes, e os sentimentos suscitados por meio de tal expressão como constituinte do processo de construção de sua subjetividade. Buscamos também investigar a partir do viés foucaultiano, por qual (ais) motivo (s) grande número desses profissionais não retornam ao exercício de suas funções de docência? Quais os discursos que circundam e/ou medeiam às relações entre os jogos de verdade, poder e empoderamento estão rompidas ou consolidadas com a readaptação funcional? (FOUCAULT 1991; IBID, 1995, e NUNES *et al*, 2001 apud ARBEX *et al*, 2013; RAMOS *et al* 2008).

No espaço das leituras possíveis do acontecimento professores readaptados de escolas públicas de Campo Grande-MS, por meio dos relatos dos próprios docentes; dos sentidos gerados pelos novos cargos na vida destes, dos sentimentos suscitados por meio de tal expressão como constituinte do processo de construção de sua subjetividade assume--se a perspectiva foucaultiana do cuidado de si.

Michel Foucault (1926-1984) iniciou pela literatura, passou pela visão do normal e patológico na clínica médica (2001a) e na História da Loucura (2002c), pelo disciplinar na análise das prisões (1975), pelos interditos e pelo desejo na sexualidade (2004b), pela governamentalidade (2002d), no uso dos prazeres e desembocou num ethos da verdade, com o cuidado de si na História da Sexualidade I (1988), II (1984) e III (1985) e na Hermenêutica do Sujeito (2004a).

Mais do que fazer uma incursão pelo que o professor do *Collège de France* escreveu sobre o sujeito, os saberes, os poderes e as instituições modernas, como crítica das formas biopolíticas de controle social e denúncia da violência das formas de estigmatização que imperam socialmente. Buscam-se pistas e possíveis saídas indicadas em vários momentos da sua produção, desdobrá-las, aproveitá-las e reelaborá-las numa vontade de superação que estimula a ir além do que se lê, do que se estuda, do que se é em vista da construção de modos de vida libertários.

Ele, interessado no “aqui e agora de nós mesmos”, em “o que somos nós” trabalha, desde o momento socrático-platônico, das primeiras formas

filosóficas do cuidado (séc. V a.C), à época de ouro do cuidado de si (séc. I-II) filosofia helenístico-romana até o asceticismo cristão (séc. IV-V), as técnicas de si ou técnicas de cuidado de si que possibilitavam aos indivíduos a realização, por eles mesmos, de determinadas operações em seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos e principalmente em suas condutas.

“Cuidado de si”, título do terceiro volume da História da Sexualidade, traduz o grego *hepimeleia heautou* (ocupar-se consigo), um treinamento de si, que se realiza por meio de uma *askésis* (exercício, prática), da consideração progressiva de si, intrinsecamente relacionada com o processo de subjetivação, de intensificação de sua subjetividade, e representa uma forma de resistência social, uma vontade de singularizar-se e de afirmar a sua alteridade, permitir viver melhor na realidade deste mundo. Também abordado nos cursos do Collège de France, em especial, Subjetividade e Verdade (1980-1981) e Hermenêutica do Sujeito (1982), bem como no Seminário em Vermont (1982) – As técnicas de si, a história do cuidado constitui-se numa maneira de fazer a história da subjetividade considerando-se a formação e as transformações na cultura “das relações consigo mesmo”, no governo de si.

A prática destas técnicas de si, - exame de consciência, a escrita de si, a correspondência, a meditação, os procedimentos de aprovação e a interpretação dos sonhos – todas visando o que se faz e não o que se pensa em vista de um maior domínio de si, enquanto uma atitude constante de atenção e cuidado em relação a si próprio, as quais também se dedicaram os filósofos Sêneca, Epicuro, Epiteto e Marco Aurélio, devem ser entendidas como práticas, por intermédio das quais o homem não apenas determinava para si mesmo as regras de sua conduta, como também buscava modificar-se para alcançar a sua singularidade.

A análise de Foucault faz pensar, na atualidade, as condições de possibilidade para a afirmação de uma maneira singular de se fazer sujeito, ou seja, para a criação de modos de existência e estilos de vida (formas de subjetivação) dotados do direito à diferença e à variação, capazes de resistir e escapar dos dispositivos de captura e fixação de identidades individuais, transformando a vida em uma obra sempre por se fazer.

Desta forma, o cuidado de si, que se efetua em atos e ações para consigo e para com os outros, está implicada diretamente na produção inventiva de si, de novas formas de subjetividade, ao mesmo tempo, assujeitada e resistente.

O tema desborda os limites da filosofia e ganha os contornos de uma cultura do cuidado de si, de uma estética da existência. “É preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo” (FOUCAULT, 2004a, p. 6). Logo, cuidar de si é justamente o conhecimento de si, o conhecimento das suas possibilidades, das táticas e estratégias para a própria sobrevivência na sociedade em que vive. “indica uma relação singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo” (FOUCAULT, 2004a, p.10).

Os depoimentos a seguir, retratam elementos de tais condições:

não consegui nem me recuperar da minha cirurgia, porque você não tem tempo, você não tem tempo de se cuidar. (Professora Sara)

você vê, eu nunca sai da sala de aula, é a primeira vez que eu me vejo, e eu estou muito incomodada. Sabe? É.. me incomoda porque eu acho assim, que tem que tá ali, sabe? Eu sei o que falta, sabe? Pra melhorar. Não tenho o, vamos supor assim, sei o problema e tenho a solução. Então vamos fazer? Né, vamos acreditar que dá certo? Dá certo. Né, mas você tem que amar aquilo que você faz. Se você não tiver paixão, amor, se você olhar pra aquele aluno [...] (Professora Ana).

Outros dois momentos do desenvolvimento do cuidado de si também são de suma importância. Na mesma e extensa obra Foucault (2004) trata brevemente sobre o cuidado de si no cristianismo ascético-monástico, como o cuidado com a espiritualidade, onde a verdade só é acessível através da total pureza da alma. A técnica utilizada era a de conversão a si, olhar para dentro e se auto-observar. Tal técnica, todavia levou a uma desqualificação dos valores da vida privada (p.48).

eu me envolvo, me doo por cada um deles quando eu vejo que fala que expulsou, que mandou embora [...]me dói me dói me dói, fico chateada, angustiada, isso me deixa doente [...]Cadê a educação para os seus alunos, o aluno é seu espelho [...].

Acho que é o meu papel enquanto professora enquanto cidadã enquanto cristã eu sou assim. (Professora Ana)

Na cultura helenística e romana temos o ápice do cuidado de si, investindo-se no eu para a autoconstituição do sujeito. São superadas as limitações do período socrático-platônico, onde Alcebíades preocupava-se somente com o governo das cidades e das populações. Não se trata mais de um privilégio ou dever de uns poucos para com o governo, mas uma obrigação, um princípio de formação do sujeito válido de todos; em todas as fazes da vida. Principalmente na maturidade e na velhice para se rejuvenescer, devendo iniciar ainda na juventude, como preparação para a vida ou para a arte de viver (*tékhne tou bíou*); desmembrando-se nas funções de luta, de crítica e de terapia.

Em toda a dinâmica que caracteriza a prática das técnicas de si, enfatiza-se o aspecto da luta que se trava de si para consigo. Foucault ressalta que a prática de si é concebida como um combate permanente. Não se trata, simplesmente, de formar para o futuro um homem de valor. É preciso dar ao indivíduo as armas e a coragem que lhe permitirá lutar a vida inteira.

As metáforas "justa atlética" - o indivíduo deve se comportar na vida como um lutador capaz de resistir aos acontecimentos que se podem produzir e "guerra" - aponta para a necessidade da alma estar sempre organizada como um exército pronto a enfrentar o inimigo, foram frequentemente utilizadas para descrever esta postura combativa. Luta, pois, o cuidado de si estabelece-se como confrontação constante, frente aos fenômenos e provações vivenciais; de forma a preparar os sujeitos para suportar fortuitos acidentes, infelicidades e desgraças que possam-lhes ocorrer. Crítica, pois o cuidado de si impõe-se como correção sobre os erros, os maus hábitos, as deformações e dependências impregnadas, que precisam livrar-se. "Correção-libertação" (Foucault, 2001, p.91). E por fim terapêutica, pois o cuidado de si une cuidado do corpo e da alma.

Essa infindável terapêutica, do corpo e da alma, transforma-se em tarefa essencial do cuidado de si. E estende-se para toda uma teia de relações sociais: nas formas individualizadas - cartas, confidências ou aconselhamentos

- nas formas institucionalizadas - escolas e comunidades - e aos círculos de parentesco - amizade e profissão - que preconiza direitos e obrigações específicas. Eis os diferentes sentidos do cuidado de si, conforme o discurso de uma professora entrevistada:

eu caracterizo como fenômeno, e um fenômeno que tá muito além da... Do espaço escolar né? Da... É uma questão, pra mim é uma questão social, política, econômica e... Aculturação da população brasileira, né? Nós vivemos a.. A consequência da nossa ignorância. Né? É isso que acontece conosco. Nossa ignorância; e... Isso reflete na sociedade e a sociedade a massa popular... Ela joga tudo pra escola. A própria, a própria, o próprio sistema, ele joga a massa pra responsabilidade do... Do segmento. No caso, o que tá mais a frente é a educação, então ela joga tudo pra educação. (Professora Sara)

Foucault não defende uma posição egoísta do sujeito ao cuidar de si, pelo contrário, pontua que tais práticas se introduzem num enquadramento mais extenso de práticas sociais. Afirma também o autor que o cuidado de si passou por evoluções ao longo da história, ganhando novos sentidos e significados, superando as dimensões de atitude do espírito, as formas de atenção e memorização. Refere-se a prática de si mesmo com exercícios, tarefas práticas, ocupando o tempo de dedicar-se a si mesmo com atividades diversas. “Práticas críticas e imaginativas sobre si, de modo a ser reflexo das praticas de liberdade de si mesmo que conformam o núcleo da relação entre subjetividade e verdade”. (FOUCAULT 2004a p.144)

Isto se evidencia quando somos informados que:

[...] foi ficando muito cansativo pela questão de provar mais... da educação né. Os alunos vem trazendo para sala de aula, eu ia somatizando, tentando resolver tudo e acabei que, me sufoquei e até saí de licença um tempo, com uma psiquiatra que me afastou um tempo e aí que me readaptei. Eu tinha muito medo de ser readaptada, até quando eu tirei... que eu comecei, ter um... um cansaço de começo e, problema de insônia, aí eu fui na psiquiatra ela disse vou te afastar. Eu dizia, não! se eu for, vão me readaptar, morria de medo de ser readaptada. Não sei por que desse medo, acho que é porque para mim era uma coisa tipo vou ficar encostada na escola, ficar meio de lado, e aí a psiquiatra disse, não, eu vou ter que te readaptar porque você não vai aguentar ficar dando aula. Aí eu entendi assim que, no momento eu não estou apta para sala de aula, mas ainda posso contribuir na escola de alguma

forma. Para mim readaptação é isso. Posso estar auxiliando em outras funções na educação. (Professora Rute)

Por possibilitar a escrita, por meio de novas fontes que fazem emergir novos sujeitos históricos, torna-se visível a contribuição de Foucault. Conforme pontua Veiga Neto (2003) adotando a perspectiva foucaultiana, passamos a nos centrar em questionamentos tais como: “que visibilidades são ativadas?”, “que posições de sujeito são construídas?”, “a que vontade de verdade atende?”, “como se engendraram os saberes que precisaram ser ativados?” (VEIGA NETO, 2003, p. 128-129).

Para Osório (2010b, p. 99-100), nos escritos de Foucault:

[...] cada página carrega em suas linhas pressupostos calcados em processos históricos e sociais. Logo, suas contribuições extrapolam as descrições factuais, explicitam os porquês das práticas sociais exercidas, suas contradições, elaborações e seus limites enquanto diferentes processos que, quando recuperados por meio de temáticas específicas de reflexões, permitem recolocar novos elementos. Essa dinâmica contribui para identificar outras causas e razões dos fenômenos sociais culturalmente impostos, conferindo-lhe assim novas configurações, outros significados frente às constantes mutações das relações impressas no interior de cada domínio da sociedade.

Há o murmúrio anônimo e algo é dito. Dá-se um acontecimento. Mas por que é que foi dito isso e não outra coisa? O que é que tornou possível dizer isso? Pois não pode se falar em qualquer época de qualquer coisa (Foucault, 1969). Dar conta desse acontecimento, diz Deleuze, em Foucault (1988), eis a tarefa da análise do discurso.

A análise foucaultiana do discurso visa descrever aquilo que é efetivamente dito do ponto de vista da sua existência - abordar as performances verbais e demarcar as diversas regularidades a que obedecem - o que ele chamou de arqueologia.

Esta forma de interrogação que pergunta pelas condições de possibilidade de existência dos discursos, do método de descrição do discurso e das práticas discursivas – que instauram os objetos sobre os quais falam e

postulam subjetividades como posições, lugares ocupados no discurso – definindo os conceitos com os quais operarão e fixam estratégias que rareiam os atos discursivos; problematizando-se a verdade articulada com a constituição de subjetividades. Neste sentido, na perspectiva foucaultiana, não se pergunta: o que é o sujeito, e sim como se constitui. (FOUCAULT, 2000a, 2002a)

Foucault (2004) examina ainda as origens múltiplas e dispersas dos discursos, arremessa de volta ao campo de produção e as zonas estratégicas de suas emergências pontuais e específicas; o que se tem por evidência. Aborda os diversos jogos através dos quais o sujeito se tornou objeto de conhecimento - com *status* científico nas “ciências humanas” – e os critérios de verdade enquanto formas pelas quais se articulam discursos capazes de serem ditos verdadeiros ou falsos. A verdade não se encontra nem na correspondência entre o objeto e a palavra, nem na estrutura formal da proposição; nem porque é logicamente ou coerente, mas no efeito de verdade existente no discurso.

Ele se distancia do vínculo tradicional entre sujeito e conhecimento da verdade; em favor da articulação entre práticas discursivas, práticas sociais, práticas de si e produção da verdade. O homem é constituído entre os saberes e os poderes. Para saber o que ele é, se faz necessário elaborar a arqueologia da biologia, da filologia e da economia política onde ele emerge como vivente, falante e trabalhador (suas diversas identidades); efeito dos jogos de regras dos saberes positivos. O sujeito é constituído na trama/rede/teia histórica, numa história de saberes. O saber cria o seu próprio sujeito e produz formas de verdade. (FOUCAULT, 2000a, 2002a, 2011).

Por sua vez, o corpo é carregado experiências adquiridas (cultura, economia, ética, biopolítica) esses objetos adquirem características de verdade que são sempre provisórias; no corpo encontram-se os atributos mais arraigados, por isso sua transformação demanda maior tempo e espaço de adaptação quando o sujeito professor abandona ou é levado a abandonar sua carreira de anos de magistério, (OSÓRIO, 2013), pois:

mudanças de governos acabou revertendo as suas regras, e você tinha que seguir aquele roteiro, aí já começava a não gostar. Não era mais você que montava. Não. Já vinha pronto. Em cima daquilo, você tinha que criar em cima daquilo aí eu já não gostei. Por quê? Aí você tinha um prazo pra fazer os planejamentos, um prazo pra enviar, aí começou os planejamentos online, e aqui você tinha que descrever tudo que você iria fazer como se fosse possível prever a dificuldade do aluno. (Professora Ana)

A análise feita a respeito dos saberes, da articulação entre o sujeito e os jogos de verdade em *As palavras e as coisas* (2002b), na forma dos jogos teóricos ou científicos, de critérios de verdade, desdobra-se sob uma perspectiva genealógica nos anos 1970. A genealogia, aponta diretamente para a subjetividade; problematiza o sujeito e sua formação, as relações entre o poder e o saber que o permitem e a constituição da subjetividade. Faz um diagnóstico do presente, e nesta interrogação direta sobre a atualidade, explicita os dispositivos de poder ligados aos processos de formação de subjetividade, para responder “o que somos nós?”.

Michel Foucault defende que existem regras históricas que determinam que algo apareça como verdadeiro nos discursos. A verdade está ligada ao acontecimento. “A verdade não é da ordem daquilo que é, mas do que ocorre: acontecimento” (FOUCAULT, 2002c, p. 310). Complementando:

[...] somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade [...] somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar; temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. O poder não para de questionar, de nos questionar; não para de nos inquirir, de registrar, ele institucionaliza a busca da verdade, ele a profissionaliza, ela a recompensa. Temos de produzir a verdade como, afinal de contas, temos de produzir riquezas, e temos de produzir a verdade para poder produzir riquezas. (FOUCAULT, 1999, p. 28-29)

Em ‘*Vigiar e Punir*’ (1975) verifica-se a objetivação da constituição do homem útil, dócil, de vontade submissa; por uma tecnologia disciplinar operada nas instituições de sequestro das sociedades industriais dos fins do século XVIII (manicômios, presídios e escolas) a emergência de uma nova

economia das relações de poder e saber, o espaço social da mecânica disciplinar na sua incidência sobre os corpos. A disciplina que exclui, paradoxalmente, inclui o que se exclui num saber que o resgatará para si como objeto de seu exame e dos regimes de verdade. (FOUCAULT, 1975; FONSECA, 2003)

Esse poder disciplinar incide sobre os corpos de tal maneira, que é possível afirmar que se adocece tanto quanto ou mais pelas demandas e práticas sociais. O corpo é fruto dos interesses sociais, o corpo é amoldado, “triturado” e constantemente reconfigurado pelas mais diferentes instituições de forma a que se torne dócil e útil de acordo com as demandas da sociedade em que está inserido. (OSÓRIO, 2013)

Os textos de Michel Foucault apresentam seis hipóteses para a emergência da Psicologia: o surgimento do homem como sujeito e objeto de um saber, seja em função dos avessos de suas práticas ou de sua negatividade essencial; o surgimento do homem como representação no círculo antropológico, via reduplicação do empírico-transcendental, cogito/impensado, recuo/retorno à origem; o surgimento do indivíduo como objeto de conhecimento e controle em função da prática jurídica do exame; ,ou do poder disciplinar, em contraste (ou não) com o poder soberano ou ainda do poder pastoral; o surgimento do sujeito ético por meio do cuidado de si greco-romano, que se desloca no cristianismo para um conhecimento (hermenêutica) de si.

Em Doença Mental e Psicologia (2000) Foucault indaga sob que condições pode-se falar de doença no domínio psicológico? (FOUCAULT, 2000, p. 7). Ele entende que a patologia mental exige métodos de análise diferentes da patologia orgânica em razão de que a abstração se faz de modo diverso em psicologia e em fisiologia - a coerência de uma vida psicológica parece assegurada de modo diverso que não a coesão do organismo (FOUCAULT, 2000, p. 18).

Na linha de separação entre o normal e o patológico, pois, o exame de personalidade, em patologia mental, antecede exames que permitem distinguir e unir dano mórbido e resposta adaptada (FOUCAULT, 2000, p. 19)

e da relação do doente com o seu meio haja vista que cada individualidade mórbida deve ser entendida através das práticas a seu respeito (FOUCAULT, 2000, p. 19).

A exploração das dimensões psicológicas da doença mental acontece nas três principais perspectivas por meio das quais se pode constituir uma lógica da doença mental: 1) sociológica: a evolucionista, com Jackson na neuro e psicopatologias afirmando a sedimentação de estruturas; Freud com sua perspectiva lamarckiana da libido, Janet e sua força psíquica. "A doença mental situa-se na evolução como uma perturbação do seu curso; por seu aspecto regressivo, ela ocasiona condutas infantis ou formas arcaicas da personalidade" (FOUCAULT, 2000, p. 91); 2) histórico-individual: principalmente nas Cinco Psicanálises de Freud. "A história individual com seus traumatismo, e seus mecanismos de defesa, sobretudo com a angústia que a obseda, pareceu formar uma outra dimensão psicológica da doença". (FOUCAULT, 2000, p. 93) e 3) analítico existencial não heideggeriana, estudo do homem como ser-no-mundo.

O texto rompe com esse círculo da interpretação neuro-socio-psico-existencial.

Estas dimensões psicológicas da doença não podem ser encaradas como autônomas. Na análise do mundo onde se constituem as doenças, Foucault entende que é "a história que se pode descobrir o único a priori concreto, onde a doença mental toma, com a abertura vazia de sua possibilidade suas figuras necessárias" (FOUCAULT, 2000, p. 95). A Psicologia é fato de civilização.

Toda a estrutura pistemológica da psicologia contemporânea consolida-se neste acontecimento do status da loucura, doença mental irreduzível a qualquer doença, do começo do século XIX, e que concerne da relação do homem consigo próprio. "A "psicologia" é somente uma fina película na superfície do mundo ético no qual o homem busca sua verdade – e a perde". (FOUCAULT, 2000, p. 85). Ou, como mesmo conclui o Professor do Collège de France que:

as dimensões psicológicas da loucura não podem então ser reprimidas a partir de um princípio de explicação ou redução que lhes seria exterior. Mas elas vem situar-se no interior desta relação geral que o homem ocidental estabeleceu há praticamente dois séculos consigo mesmo. Esta relação vista sob o ângulo mais agudo, é esta psicologia na qual ele colocou um pouco do seu espanto, muito do seu orgulho, e o essencial de seus poderes de esquecimento; sob um ângulo mais amplo, é a emergência, nas formas de saber, de um homo *psychologicus*, encarregado de deter a verdade interior, descarnada, irônica e positiva de qualquer consciência de si e de todo conhecimento possível; finalmente recolocada na abertura mais ampla, esta relação é a que o homem substituiu à sua relação com a verdade, alienando-a neste postulado fundo que é ele próprio a verdade da verdade. (FOUCAULT, 2000, p. 96).

A psicologia vista pelo olhar crítico de Foucault (2000, 2002c), naturalizou a normalização e a partir do dispositivo da disciplinariedade, o sujeito passa a compreender-se, enunciar-se e existir e sob essa perspectiva é enunciado a normalidade, o desvio, e até a patologização do indivíduo.

Para tentar compreender o sujeito, há que se compreender os processos intrincados de “sujeição” por alguns elementos das práticas sociais (regularizações), na multiplicidade de relações com a subjetivação e a subjetividade, como um meio de normalização, tendo em vista uma possível adequação de sua existência, na tentativa do cuidado de si (desregularizações) com exercícios de possibilidades de sobrevivência entre “buscas, escolhas e realizações, desejos e frustrações, possível e impossível, o que não se limita a condições subjetivas ou objetivas, mas se apossa de um corpo complexo, que pelas próprias condições naturais e sociais é submetido a constantes agressões biológicas, psicológicas e sociais”. (OSÓRIO, 2013 p.69)

Refere-se ao esforço de equilíbrio físico e emocional de um sujeito frágil e ameaçado de todas as maneiras possíveis sob sentimentos de sofrimento, que justificam seus comportamentos e sumariam a existência individual e coletiva. Esse corpo frágil e inacabado precisa de diversos cuidados e tem por necessidade constante moldagem, aperfeiçoamento e redistribuição de acordo com as estratégias organizativas disciplinares contemporâneas em busca de novas regulamentações, até mesmo

correlacionadas a posturas que assinalem suas diferenças afetando negativamente suas potencialidades. (OSÓRIO, 2013)

E, para além dos deslocamentos produzidos nas formas de pensamento e da ação, num olhar atento que faz Foucault para a antiga cultura grego-romana, em *o Uso dos prazeres* (1984) e *O cuidado de si* (1985), chamando atenção para as temáticas do cuidado de si inscritas na vida comunitária dos antigos; inspira a busca de outros modos de produção da subjetividade, de uma estética da existência que implica a constituição de si e das relações com o outro pautadas na autonomia e na expansão das práticas da liberdade.

O trabalho docente é envolto pelo cuidar, cuidar do outro, cuidar de seres humanos prezando seu desenvolvimento e aprendizagem. A partir deste entendimento visualiza-se práticas do cuidado de si pelos professores, a partir das pressões exercidas pelas condições de trabalho a que estão submetidos; sobre questões de afetividade com os seus alunos, o fato de não conseguirem dar conta dessa afetividade e/ou de não conseguirem dar conta de tudo aquilo que lhe é cobrado.

Não é possível compreender a subjetividade dissociada do corpo biológico e do social, pois o homem é fruto do meio, fruto dos seus papéis sociais e de seu corpo biológico que lhe impõe limites e possibilidades. O sujeito está sempre em relação com o outro, nem que sejam submetidos a práticas de submissão, vigílias e exames. O corpo é submetido a estratégias de disciplinamento pelas práticas culturais (regularizações) e é matriz de normalização, fisiológicas e psicológicas como uma peça de um jogo:

é a explicação de discursos com bases disciplinares em atos, sobre o corpo, que exigem respostas, coletivas e individuais, que forjam ansiedade, medos e receios a que são submetidos os sujeitos, a partir de critérios da anormalidade, em prol de uma discriminação concebida como doença, forjando um lastro para tristeza ou depressão pautadas nas sociedades modernas. (OSÓRIO, 2013 p.73)

Essa compreensão permite o entendimento do por que todos os professores entrevistados possuíam alguma morbidade física associada ao

adoecimento psicológico. A fala da professora Sara deixa evidente tais condições:

eu não sei como adoeci. É... Oh! Eu tenho, eu tenho, síndrome do carpo, eu tenho... Artrite, artrose, osteoporose... Eu tenho esse fibromialgia... Eu acho que tudo é... Sei lá, eu acho que, sei lá, também é coisa da idade do corpo, da idade... E também muitas vezes a alimentação né? Não sei. Que, oh você trabalha o dia inteiro, eu geralmente ia pra faculdade, pra escola, você comia um lanchinho só né, um salgadinho. Hoje em dia que eu procuro cuidar da minha saúde, mas naquela época era qualquer coisa, um lanchinho passava né. Então eu acho que tudo isso contribuiu para mim ficar doente. Todas essas situações emocionais, né, todas as que eu vivi. Situação... Eu acho que tudo isso somou tudo e eu adoeci. E a escola que está aqui, nós não temos estrutura, e alguns professores né? Alguns comprometidos e outro não, tem os que queiram abraçar isso aí, mas ele não consegue, abraçar tudo isso sozinho, não vai conseguir nunca e isso sobrecarrega o professor emocionalmente e vai desgastando... Até que ele chega fica doente. É isso que acontece comigo. É muita sobrecarga, porque você tem sua casa, sua família, você tem a escola tudo pra ficar nas suas costas. Então você vai e acaba ficando doente. (Professora Sara)

Para essa análise, é fundamental o entendimento que o corpo, na sociedade atual, deixou de ser o centro de controle da punição como um ritual de castigo coletivo; tivemos uma ampliação no significado de anomalias e, principalmente, a mudança da punição física para o emocional do sujeito. Agora é a alma quem padece com as marcas da violência, permanecendo assim o suplício como mecanismo de punição preservando os sentimentos de medo, insegurança, receio e a intensificação da ansiedade. (FOUCAULT, 1975; OSÓRIO, 2013)

Esse drama passa a recair sob a subjetividade de cada um, assim como nos sujeitos do estudo, os professores readaptados. Demandam-se novas formas de subjetivação entendidas como recurso para problematizar as experiências e reestruturar seus limites com base nas possibilidades de se reorganizar e de se desregularizar na qualidade de sujeitos, por meio dos mesmos dispositivos que os estabeleceram e que foram de serventia para determinados momentos, porém necessitarão se readequar as novas práticas de subjetivação que se reordenam e se reinventam nas condições de realidade de cada um, pois:

foi uma profissão que eu, por mais que eu gostava enquanto estava na sala de aula, eu sempre fiz muita resistência em relação ao planejamento. Sempre fui, fiz muita resistência com relação à leva trabalho pra casa. Poxa é injusto, é uma profissão muito cruel. Por quê? Por que que eu no meu trabalho não posso desenvolver e fazer? Eu tenho que ter tempo hábil no meu trabalho pra corrigir uma prova, pra corrigir avaliações, e infelizmente não é assim que acontece. A realidade não é essa. [...] Aí com essa metodologia, por exemplo, com informática, com tudo, o aluno no celular, hoje em dia o aluno com *whatssap*, é outro aspecto complicado pra sala de aula. Você tem que saber se impor, mas, o professor nunca pode ser um ditador, o aluno, você tem que ganhar esse aluno e infelizmente é tempo, é jeito, você como professor, eu digo assim, a única coisa que eu aprendi como professor é ser diplomático. Se você não sabe ter um jogo de cintura, se você não sabe ter um... um jeito de conquistar o aluno, você não consegue dar aula. Porque infelizmente o aluno às vezes é inacessível, às vezes não gosta de você, às vezes não gosta da disciplina e transfere se não gostar da disciplina. [...] Você tem que estar mudando constantemente, de jeito, de tática, de conquista. O pior problema do professor na sala de aula, não é em si com a disciplina [matéria/conteúdo], é com relação a respeito. (Professor João)

Todos nós de maneira geral somos projetos dos outros, somos fracionados por papéis determinados na e pela sociedade (pai, mãe. Filho, filha, religioso, aluno, professor, etc.), em cada uma desses papéis circundam um aglomerado de princípios pré-estabelecidos determinantes das condições as quais devem ser exercidas esses papéis predeterminados pelas práticas culturais anexas a concepções de conceitos ideais ratificadas pelas diferentes dos papeis sociais, uma vez que isso dificulta a unidade e os liminares do próprio corpo, na medida em que:

[...] e professor eu falo assim, você não é só professor, cê tem que ser policial, tem que ser psicólogo, cê tem que ser pai, cê tem que ser mãe, cê é tudo do aluno, menos professor. Infelizmente sala de aula é muito desagradável por isso. Porque você tem autoridade, mas, ao mesmo tempo você não tem. Você conquista essa autoridade. Você vai ganhando com o tempo, você vai ganhando essa confiança do aluno com o tempo, você vai tendo é jogo de cintura [...] cê tem que ser meio que um camaleão (Professor João).

O estresse é um dos sintomas que aparecem de forma muito recorrente em uma síndrome muito conhecida entre os profissionais da saúde e

os da educação; a síndrome do esgotamento Profissional, ou síndrome de desistência do trabalho, a Síndrome de Burnout. Conforme Codo e Vasques-Menezes (2006, p. 237) é apenas na década de 1970 que “[...] começaram a ser construídos modelos teóricos e instrumentos capazes de registrar e compreender este sentimento crônico de desânimo, de apatia, de despersonalização”. Versa sobre uma síndrome que compromete, sobretudo, os trabalhadores responsáveis pelo cuidado com o outro, onde o trabalhador desvanecese de todo o sentido da relação com o trabalho, relação tal qual já parece não ter tanta importância, a tal ponto de que seus esforços lhe pareçam inúteis prejudicando suas relações com os demais.

O adoecimento acomete o profissional da educação e, tira-o muitas vezes, de seu eixo e, conseqüentemente, do campo de trabalho. O professor se desgasta emocionalmente, e não consegue atingir bons resultados profissionais o que resulta em um baixo envolvimento com suas atividades escolares, e acarreta dificuldades no relacionamento com os alunos e com os demais funcionários da instituição escolar, o que acaba por se refletir transversalmente em suas relações familiares. O adoecimento vem como um mecanismo de defesa, ao não suportar mais uma relação tão complexa no espaço escolar, uma violência àquele professor que vai se deixando exaurir e consumindo-se por completo, restando-lhe somente o suplício:

burnout foi o nome escolhido; em português, algo como 'perder o fogo', 'perder a energia' ou 'queimar (para fora) completamente (numa tradução mais direta). É uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil (CODO 2006 p.238).

O termo burnout não aparece nos discursos dos entrevistados. Eles mesmos, por muitas vezes, não têm consciência desse processo e tendem explicar seu adoecimento mental por outras razões e/ou patologias. O sujeito entra em sofrimento a partir do momento em que pela extrema exigência sobre si mesmo, não consegue dar o melhor de si aos seus alunos, e/ou quando entra em conflito em detrimento as regras institucionais, por não consentir total submissão à instituição e suas normas. Burnout é sofrimento, é esgotamento psicossomático, porque o docente não pode mais estabelecer o intenso vínculo

constituído com o seu trabalho de educar ou alguém – médico perito – o impede de concretizá-lo. Esse tipo de sofrimento muito particular é encontrado nos discursos dos entrevistados, como pode ser observado a seguir:

eu fiquei doente, fiquei em depressão, não aguentava ficar em sala de aula, e até então que fui ao psiquiatra, aí fui até a Dra., comecei a conversar com ela e ela me contando, eu não pedi para ela para eu sair da sala de aula, mas ela viu minha situação[...] não posso voltar mais para a sala de aula, Hoje não voltaria para sala de aula porque não tenho mais aquele pique, não tenho mais paciência com isso, com aluno não, aqui é uma escola de ensino médio. Ser professora hoje é muito difícil, porque os alunos não obedecem mais, nem professor, nem diretor, nem coordenação, nem nada, são muito rebeldes, e também isso vem da criação, se não obedece pai e mãe, não vai obedecer lá fora, professores e autoridades sobre eles, então eu acho que professor sofre muito, tinha que ganhar muito bem, não ganha bem para enfrentar, infelizmente. (Professora Maria)

Para Codo (2006, p.241) falar de burnout requer considerar três fatores: despersonalização, exaustão emocional e baixo envolvimento no trabalho:

exaustão emocional – situação em que os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si mesmos a nível afetivo. Percebem esgotada a energia e os recursos emocionais próprios, devido ao contato diário com os problemas. [...] Despersonalização – desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas e de cinismo às pessoas destinatárias do trabalho (usuários/clientes) – endurecimento afetivo, como ‘coisificação’ da relação. [...] Falta de envolvimento pessoal no trabalho – tendência de uma ‘evolução negativa’ no trabalho, afetando a habilidade para realização do trabalho e o atendimento, ou contato com as pessoas usuárias do trabalho, bem como com a organização. (CODO e VASQUES-MENEZES, 2006, p. 238).

Este conceito multidimensional pôde ser constatado no depoimento a seguir:

eu já tava passando um pouquinho de depressão, eu já vinha passando várias... fases né? [...] Ai a última fase que eu passei que, eu chorei na escola, chorei, chorei, chorei, chorei... bastante... e aí... e depois, aí fui no psicólogo, fui no psiquiatra ele falou que eu tava muito depressivo, bastante depressivo aí me deu uma licença, aí a própria medica, a própria junta médica me readaptou. Hoje, atualmente eu já consigo me dar com isso, mas sala de aula eu não entro. Pode vê, eu ando no

pátio converso com aluno, mas da porta pra dentro eu não entro, você pode... eu não consigo, não consigo entra em sala de aula, não sei por quê. Entendeu? Não tem assim... eu sou doido, não tenho problema com a minha doidura, to nem aí... pro pessoal que fala né? Tudo bem. [...] Eu sempre fui estilo de água, sempre dialoguei... dá até vontade de chora, pode? Então, então reimpresado num fica legal, não adianta... entendeu? falo de sala de aula eu fico ruim. Não sei por quê... só sei que é assim. Entende? [...] e aí eu venho na escola pra isso, eu venho pra me divertir, não prometo nada, trago um caderno, escrevo, escrevo, escrevo... Só besteiras minhas. [...] Então pra me distrai, pra me desligar eu posso escrever (Professor João).

Codo (2006, p.241) agrupa algumas abordagens para caracterizar o Burnout: Freudenberger, a partir de uma perspectiva clínica, considera que burnout representa um estado de exaustão resultante de trabalhar exaustivamente, deixando de lado até as próprias necessidades; Cherniss, a partir de uma perspectiva organizacional, argumenta que os sintomas que compõem a síndrome do burnout são respostas possíveis para um trabalho estressante, frustrante ou monótono, sendo justificado e comprovado no depoimento a seguir:

[...] o professor, um dos.. um dos poucos profissionais que acaba levando muito trabalho pra casa, você é obrigado a fazer coisa de trabalho em casa, coisa de avaliação, fazer os planejamento, tem que tá sempre informado, você sempre tem que tá sempre atualizado, então uma profissão eu digo assim injusta ela é meio árdua, ela é uma profissão assim que você tem que gostar muito do conhecimento, investir muito em você, e o retorno é mínimo, não há um retorno à altura do que você investe. Você investe muito do seu pessoal, você acaba investindo muito no saber, você tem que investir em livros, investir em pesquisa, investir em conhecimento, investir a sua dedicação em si nisso e querendo ou não, complica lá. Você acaba causando um conflito do seu lazer, da sua qualidade de vida, um esporte, você vai restringindo seu tempo de dedicação pra si, dedicação da sua saúde, dedicação de uma atividade física, dedicação de social, seus amigos, de repente uma namorada [...] “hô profissão desgastante! Hô profissão estressante!” falo: “nossa” assim, nossa.. tinha um corpo perfeito, tinha assim uma dedicação com a saúde quando eu comecei a dar aula, mas parece que você vai perdendo o gosto de cuidar de você. (Professor João)

Malasch e Jackson *in* Codo (2006, p.241), representando uma abordagem sociopsicológica da síndrome, apontam como o estresse laboral

leva ao tratamento mecânico do cliente. Burnout aparece como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos.

Todos os sujeitos desta pesquisa trabalharam por mais de 10 anos lecionando, muitas vezes em 2 ou até mesmo 3 períodos, em escolas diferentes, bairros diferentes e em cidades diferentes. As relações com alunos de diversas idades, gestores e colegas da instituição escolar junto as demandas sociais, denotam ao professor um ideal do seu exercício; as praticas culturais exigem o reconhecimento do sujeito por sua representação de professor, independentemente de quem esse sujeito verdadeiramente seja.

Isso evidencia os jogos de poderes e saberes aos quais, o docente esta submetido e ate mesmo justifica possíveis identificações por possíveis negatividades, uma precariedade, limitação, algum grau de comprometimento emocional, físico e/ou social que permite localizá-lo nalgum agrupamento de anomalias definidas pelo social e produzidas pelas relações sociais as quais se submete, no caso a readaptação. (CODO, 2006; OSÓRIO, 2013)

Codo (2006) aponta para o fato de que não há uma política de saúde do trabalhador definida para os professores. A categoria é investida por várias patologias que, ao ver da medicina do trabalho, são manifestações da síndrome de Burnout. Ainda assim, cômicos da importância do seu trabalho, e continuam perseguindo a tentativa de atuar na profissão para ensinar seus alunos apesar das péssimas condições de trabalho, poucos recursos e do desgaste emocional.

Codo (2006, p.241) coloca a situação da seguinte maneira: o trabalhador se envolve afetivamente com seus clientes, desgasta-se, não aguenta mais, desiste, entra em burnout. O sofrimento então é consequência das relações de saberes e poderes imbricados pelas relações sociais em geral e pela instituição escolar (precariedade das condições de trabalho, falta de autonomia, despersonalização da figura de autoridade entre outros).

Há diferentes compreensões sobre a síndrome de Burnout em diferentes culturas e campos profissionais. Sobre essa síndrome o Ministério da saúde a caracteriza como:

a sensação de estar acabado, ou Síndrome do Esgotamento Profissional, é um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho. Tem sido descrita como resultante de uma vivência profissional em um contexto de relações sociais complexas, envolvendo a representação que a pessoa tem de si e dos outros. O trabalhador, que antes era muito envolvido afetivamente com seus clientes, com seus pacientes ou com seu trabalho em si, desgasta-se e, em um dado momento, desiste, perde a energia ou se "queima" completamente. O trabalhador perde o sentido de sua relação com o trabalho, desinteressa-se e qualquer esforço lhe parece inútil (BRASIL, 2002 s/p).

A partir de uma concepção de uma leitura mais ampla sobre a psicopatologia, as doenças de origem emocional, trazem em sua latência o sofrimento, sendo que o aprofundamento deste, irá promover uma melhor compreensão sobre uma concepção que exige uma leitura mais cuidadosa a partir de uma metapatologia.

A princípio, o sujeito envolvido explicita de diferentes formas de resistência essa sua condição marcada por aquilo que é denominado sofrimento e culturalmente é considerado um fenômeno de desistência. Nesse sentido a readaptação docente tem como pressuposto que o docente não consegue desenvolver suas atividades pedagógicas em sala de aula, em outros espaços da instituição, ou outros (gestores, colegas) dizem que ele não consegue e o reconhecem como sem condições de realizar o seu trabalho.

Ao retomar conceitos elementares da própria síndrome, ela trás consigo a desistência como um dos cuidados de si pregoados por Michel Foucault, da mesma maneira, as questões pertinentes a readaptação.

Foi observado que há uma saturação das atividades envolvidas no processo pedagógico, simbolizadas por diferentes formas de resistências, atribuídas por violências de diferentes origens ou porque não consegue-se mais ensinar, atribuindo as condições de trabalho, ao desrespeito por parte dos alunos e colegas, a desvalorização da carreira entre outros. A partir disso

podemos dizer que a primeira característica do processo de readaptação enfatizada como resistência, começa por toda uma representação simbólica, há um aprofundamento emergindo com uma condição pessoal.

Desta forma o adoecimento pode ser entendido como um mecanismo de resistência (em Foucault). O termo resistência em Foucault é precedido por noções de exterioridade provisória no sistema saber/poder. De maneira geral, trata-se de descrever de que maneira e por meio de qual procedimento (que para Foucault é em usual a escritura) um indivíduo singular conseguiu evadir-se – voluntariamente ou eventualmente – dos dispositivos de identificação, normalização e classificação do que está posto.

A resistência se dá, impreterivelmente, onde há poder, pois das relações de poder ela é indissociável; desta forma, resistência cria relações de poder, e simultaneamente é, o resultado dessas relações; uma vez que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte. (REVEL, 2005)

Relações de poder e estratégias de resistência não são ligações dialéticas, visto que o poder para Foucault é algo muito complexo, como o expresso no primeiro capítulo deste relatório. Foucault insiste em três pontos:

resistência não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea a resistência deve apresentar as mesmas características que o poder: tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele [...] como ele, ela se organiza, se consolida [...] como ele, ela vem de 'baixo' e se distribui estrategicamente. as resistências podem, por sua vez, fundar novas relações de poder, tanto quanto novas relações de poder podem, inversamente, suscitar a invenção de novas formas de resistência: elas constituem reciprocamente uma espécie de limite permanente, de ponto de inversão possível [...] De fato, entre relações de poder e estratégia de luta há atração recíproca, encadeamento indefinido e inversão perpétua (FOUCAULT, 2002d p. 241).

Não há anterioridade lógica ou cronológica da resistência - o par resistência/poder não é o par liberdade/dominação; e a resistência não provém, de fora do poder, mas se aparenta a ele por adotar as suas peculiares, não

significando que ela se torne impossível; tal reciprocidade indissolúvel não reduz o entendimento ao poder como exclusivamente negativo e as lutas como esforço para liberação: não apenas o poder, ao criar efeitos de verdade, é positivo, como também as relações de poder encontram-se em todo lugar, pois em todo lugar os indivíduos são livres.

Portanto, não é, necessariamente contra o poder que principiam-se as lutas, mas em oposição a determinados efeitos de poder, em oposição a determinados estados de dominação, em um ambiente que existiu e ficou, contraditoriamente, aberto pelas relações de poder. E opostamente: se não existisse resistência, não existiria efeitos de poder, nem praticas de liberdade. (REVEL, 2005)

Por outro lado, como um contra ponto, da resistência há docentes que dizem que não queriam ser readaptados e segundo eles, foram forçados a se readaptarem. Em linhas gerais estamos na expulsão. Esta expulsão é diretamente relacionada as atividades em sala de aula. Ora, o sujeito encontra serias dificuldades em educar, embora queira permanecer em sala de aula. Na fala a seguir verificamos que a docente não deveria estar fora de sala de aula, embora durante o transcurso da entrevista ela negue essa intenção:

[...] to no pátio, levo o aluno para sala só eu não quero fazer só isso, não sou formada para isso mas hoje eu falo para o meu marido, olha se for para fazer só isso, eu rasgo meu diploma e vou varrer rua, eu varro rua, isso não é ser educadora, isso não é ser professora. [...] Eu gosto de estar aqui e eu gosto de ensinar, não gosto de só ficar passeando, pegar aluno levar pra coordenação, ver que não resolve, liga pra mãe, volta. Retornar pra sala se aula...Tenso! Eu já dei o meu sangue pela educação, néh.[...] Falta dois anos pra eu me aposentar, esse ano eu vou fazer 47 néh. Eu espero que... eu vou pegar isso daqui [se referindo e apontando a legislação dos professores readaptados] eu não estou me sentindo bem e eu quero mudança o meu CID bate com isso, [...] o meu CID bate com grupo quatro então ele fala aqui: Atender individualmente alunos apresentam dificuldades de aprendizagem. Elaborar projetos com propostas de ações didáticas ou pedagógicas, que visem à melhoria do processo de ensino e aprendizagem. (apontando o documento fornecido pela SEMED) Casou comigo. Participar de grupos de trabalho para elaboração de regimento escolar para o processo político pedagógico no plano de desenvolvimento escolar. Isso aqui já ta pronto no PDDE. Realizar palestras sócias educativas para alunos e

membros da comunidade. Gosto. Tudo tem a ver comigo, então eu identifiquei isso daí, só que quando eu vim pra cá, eu me guardei né. Porque lá, final do ano, aí fala acompanhar as atividades escolares de ensino e aprendizagem. Elaborar propostas de atividades extracurriculares, com vistas fortalecimento da seleção para comunidade, é o que eu faço desde que eu me vi como professora faço tudo isso aqui, hoje ta descrito então eu quero trabalhar com isso. O meu grupo é esse. Então se eu estou nesse, hoje eu estou desempenhando um papel fora da minha função. (Professora Ana)

Nos discursos dos docentes, pode-se encontrar muitas referências ao cuidado de si a partir do referencial foucaultiano. Não divergente das demais pesquisas, os mesmos carregam no bojo de seus discursos os sentimentos de frustração, incapacidade, inutilidade, fracasso e sofrimento; causados por diversos fatores, como falta de infraestrutura para o trabalho, falta de formação e de reconhecimento, pois:

é a escola que está aqui, nós não temos estrutura, e alguns professores né? [...] ele não consegue, abraçar tudo isso sozinho, não vai conseguir nunca e isso sobrecarrega o professor emocionalmente e vai desgastando... Até que ele chega fica doente. (Professora Sara)

sala de aula superlotadas, às vezes é giz e quadro branco que te dão. É só esse material; você não tem nenhum um livro de acervo, você não tem num tinha.. A gente nunca teve um planejamento, uma hora de pesquisa necessária [...] Só que é o que a gente fala, o salário ideal de um profissional pra você se dedicar, falando, você po.. Você ter tempo pra estudar, você ter tempo pra fazer uma pesquisa, você ter tempo e condições financeiras pra fazer um mestrado, um doutorado, onde quer que seja, uma instituição pública ou particular, você tem que ganhar no mínimo uns cinco mil. Isso é o salário, seria o salário mínimo pra que, pra você falar, poxa poder comer bem, poder dormir bem, poder fazer pesquisas, poder comprar livros, de ter um notebook, poder ter um.. Um lugar agradável de estudo, só que não é o que acontece. (Professor João)

Ao pensar no que é dito e trazido pelos docentes nesse determinado período de tempo e espaço; cogita-se a possibilidade de que a readaptação fosse vista como uma forma, um instrumento do cuidado de si, principalmente no sentido helenístico-romano apresentado por Foucault; como sendo um princípio válido para todos e para toda vida, na velhice e na juventude como forma de preparação para a vida, para enfrentar a vida, para superar pressões, exigências e questões com a afetividade.

Enfrentar possíveis acidentes, infelicidades e desgraças no que diz respeito a ascense (condição de acesso a verdade) de todos os acontecimentos da existência e sobre de que forma o indivíduo deve se preparar para enfrentá-los, já que:

eu chegava da escola assim num estresse tão grande, que... foi... a própria escola que falou pra mim vai num psiquiatra, eu chora, eu chorei na escola naquele dia... eu falei comigo (grande pausa no discurso) eu não volto mais. E eu não voltei mais desde esse dia. (Professor José)

A readaptação nesse sentido pode ser aqui compreendida como o meio utilizado por estes profissionais para lidarem com suas patologias - psicológicas e físicas - de modo ainda, a se manterem no ambiente da instituição escolar, como sujeitos ativos, críticos e pensantes, dando suas contribuições e fazendo a diferença que podem fazer no aprendizado dos alunos, mesmo fora da sala de aula; bem como contribuírem para o bom funcionamento da instituição de ensino.

Deixá-los “encostados” ou exercendo funções aquém de sua formação e de suas capacidades, só deteriora ainda mais a saúde psíquica desses profissionais; além de acabar fixando estereótipos trazidos nos discursos dos mesmos como: a segregação e o preconceito, no que se refere ao discurso que eles mesmos evocam de seus colegas na mesma situação de readaptação (horizontalmente) aos discursos dos demais funcionários da instituição a respeito deles (verticalmente), compreendido a partir dos seguintes discursos:

é o faz nada, às vezes eu ouço, ah fulano não faz nada. (Professora Maria)

morria de medo de ser readaptada. Não sei por que desse medo, acho que é porque para mim era uma coisa tipo vou ficar encostada na escola, ficar meio de lado. (Professora Rute)

ninguém pode ver você parado, ninguém sabe o que te levou pra aquele quadro médico, aquele quadro clínico. Ninguém sabe o que aconteceu com você, acham que você é um vagabundo, acham que você não quer trabalhar. Ninguém sabe todos os stress, os choros, as noites perdidas, insônia. (Professor João)

professor readaptado, que tá.. tem que dar a sua contribuição, se tá, tem que dar a sua contribuição. ‘Se acham’ [se referindo

a personalidade dos demais professores readaptados da escola] e eu estou lá no pátio também. [grifos nossos] (Professora Ana)

mas sala de aula eu não entro. Pode vê, eu ando no pátio converso com aluno, mas da porta pra dentro eu não entro, você pode... eu não consigo, não consigo entra em sala de aula, não sei por quê. Entendeu? Não tem assim... eu sou doido, não tenho problema (sic) com a minha doidura (sic), to nem aí... pro pessoal que fala né? Tudo bem. [...] eu ficava na coordenação, lá é um saco, e sabe que tudo acontece ali. Então eu ficava ali na coordenação de manhã e a tarde, eu ficava na vaga da biblioteca... lugar vazio, eu me sentia, eu só vivia doente com depressão, era crise atrás de crise. (Professor José)

Os benefícios de tratá-los adequadamente, por meio de uma gestão apropriada e em funções amoldadas para cada um deles, influenciam diretamente na saúde de cada um dos professores readaptados e se estende a toda comunidade escolar; pois cada um à sua maneira, dentro de seus limites e possibilidades, desejam contribuir para com a escola e a educação dos alunos. Necessitam sentir-se úteis e valorizados, e possuem condições para isso; desde que uma boa gestão seja aplicada, desde que possam sentir-se incluídos na comunidade escolar adequadamente como professores, que mesmo fora de sala de aula tem muito a oferecer de si, de suas experiências de vida, de carreira e de suas habilidades.

A readaptação então entendida como um instrumento do cuidado de si, é uma forma onde o professor enquanto readaptado, afasta-se daquilo que lhes adoece psicológica e fisicamente; no caso a sala de aula.

Podemos compreender neste viés, a readaptação funcional docente como uma maneira desses profissionais cuidarem de si mesmos; na tentativa de se prepararem para uma nova realidade de vida a qual são submetidos, deixando para trás os maus hábitos - que agrediam sua saúde física e mental - enquanto estavam submetidos às condições de sala de aula que os adoeciam; bem como uma nova forma de enfrentarem a si mesmos - suas limitações e possibilidades - e também de lidarem com todos os seus círculos de relações sociais - familiares, amigos, profissão - que passam a ter novos sentidos e novos significados para si, e constituem suas subjetividades.

3. Considerações finais

O aumento crescente no número de profissionais, em situação de readaptação, chama a atenção para a realização de estudos sobre a temática. A partir do acontecimento, readaptação docente, situação que emergiu, nos últimos cinco anos, nas produções acadêmicas e nos meios de veiculação da mídia; passando a demandar, nesse espaço de tempo, a atenção do meio acadêmico e do poder público, a ponto de requisitar políticas, visto que já se tornou um problema de saúde pública e à luz das contribuições de Foucault à análise discursiva, formação das subjetividades e à prática do cuidado de si, empreendeu-se o presente estudo qualitativo de perspectiva empírico-analítica e que, como tal, não tem pretensão alguma de transformar os resultados da pesquisa em verdades que deem conta de lidar com a complexidade desta realidade.

Toda pesquisa é passível a riscos, riscos de erros, riscos de falhas. Metodologicamente, admitimos falas, sobretudo na elaboração do estado do conhecimento e realização das entrevistas. Nos limitamos a escolha de somente literatura brasileira para a discussão, e em determinados momentos do estudo, este parece limitado pela quantidade material para as discussões. A ausência de um ambiente propício – *setting* – para a realização das entrevistas, e a falta de maiores inquisições por conta do ambiente, podem manifestar resistências; ocultação de fatos, modificações, criações de ideias e fatos. (FOUCAULT, 2002d p.241)

Ainda outras falhas. Alguns temas parecem ficar em aberto como, por exemplo, a questão do preconceito presente nos discursos dos docentes de maneira vertical – entre os próprios readaptados – e o horizontal – o preconceito que os docentes acreditam que os gestores da escola e colegas professores em exercício possuem para com eles. Durante o roteiro das entrevistas, por conta do espaço/ambiente, não permitia o aprofundamento no inquérito da entrevista. O espaço público, a entrada e saída de pessoas, a presença de colegas e gestores, pessoas por muitas vezes envolvidas com a história pessoal dos entrevistados, foram fatores que não permitiram que as

perguntas dessem abertura a outras indagações. Durante a investigação/entrevista os presentes no ambiente ficavam atentos ao que ocorria, o que reforça a questão do preconceito e a impossibilidade de aprofundamento na referida demanda, embora seja totalmente impossível de dimensioná-lo.

Outras questões que seriam importantes de serem observadas são os efeitos da divisão de classe na readaptação. Foram realizadas discussões acerca dos sujeitos envolvidos de maneira particular visto a abordagem teórica utilizada, e não sobre classes sociais ou a relação de grupos de classes sociais com cada sujeito. Considera-se que outros trabalhos possam verificar tais questões.

No entanto, mesmo sabendo que o trabalho nunca se esgota, e que jamais ficamos inteiramente satisfeitos com o produto final, não devemos deixar de apontar que, os resultados alcançados foram satisfatórios. O corpus de análise deste estudo consistiu nas entrevistas com os profissionais docentes readaptados em uma escola da rede pública de ensino do município de Campo Grande/MS; coleta de narrativas de vida com o cerne nos distúrbios psicológicos e no sofrimento, a fim de compreender, por intermédio dos relatos dos sujeitos deste estudo, o significado da palavra “readaptação”, os novos sentidos gerados pelos novos cargos na vida destes, e os sentimentos suscitados pela expressão como constituinte do processo de construção de sua subjetividade.

Buscou-se também, na medida do possível, investigar, a partir do viés foucaultiano, por qual (ais) motivo (s) grande número desses profissionais não retornam ao exercício de suas funções de docência, e quais discursos circundam e/ou medeiam às relações entre os jogos de verdade, poder e empoderamento estão rompidas ou consolidadas com a readaptação funcional.

Não distante das demais pesquisas realizadas com as temáticas: readaptação, saúde docente, violência para com os professores, dentre outros; conseguiu-se localizar, nos discursos dos entrevistados, os sentimentos de insatisfação, abandono, incapacidade, frustração, inutilidade, fracasso e

sofrimento, pela situação na qual estão submetidos - falta de infraestrutura para o trabalho, falta de formação e de reconhecimento.

Pode-se ainda verificar, no seu bojo desses discursos, estereótipos como os da segregação e do preconceito; que estão consolidados e circundam e/ou medeiam as relações entre os jogos de verdade, poder e empoderamento, com a readaptação funcional; discursos esses que acabam por (con)formar a subjetividade desses docentes.

Existem diferenças significativas entre os profissionais docentes que se readaptam e continuam continua educando, auxiliando professores, alunos, pais, coordenação pedagógica da escola, participando do plano pedagógico da escola; e o os profissionais que estão totalmente excluídos das funções de educar, está inserido nas atividades burocráticas, preparação de merenda, etc. – o tipo de relação com a readaptação para docentes é diferente. Para os que efetivamente estão acometidos por algum tipo de adoecimento psicológico a readaptação enquanto processo, se converte numa dinâmica de sofrimento. O sofrimento gerado por sua incapacidade de educar força uma ruptura – do prazer pela sua atividade profissional e da sua condição de adoecimento.

Existem diferentes concepções acerca da síndrome de Burnout, por diferentes culturas e diferentes campos profissionais. Por meio de uma concepção mais ampla por intermédio de leituras sobre a psicopatologia das doenças de origem emocional, estas trazem e sua latência o sofrimento. O aprofundamento do sofrimento trás nos uma melhor compreensão sobre uma concepção que exige uma leitura mais acurada a partir e uma metapatologia.

Na análise dos discursos dos entrevistados, no que é dito e trazido pelos docentes, tornou-se plausível a hipótese cogitada da possibilidade de que a readaptação fosse vista como uma forma, uma prática do cuidado de si, tal como entendida por Michel Foucault (2004a); uma prática para toda vida, como forma de preparação para a vida, para enfrentar a vida, para superar pressões, exigências e questões com a afetividade. Na antiguidade, o cuidado de si não representa um solipsismo e nem está em oposição ao cuidado com os outros. O cuidado de si encontra-se indissociável das práticas.

Nesta perspectiva, a readaptação não constitui um espaço social de exclusão, asilar, com técnicas de precaução social e ou de caráter de estratégia médica, no qual se oferece ao exame, para o qual se retira e, ao mesmo tempo, o universo de constrangimento ao qual ele está dedicado, no modo de abandono, mas uma maneira encontrada pelos professores readaptados de se afastarem daquilo que prejudica sua saúde psíquica e física, que lhes traz aviltamento e os reposiciona na vida, no mundo e em suas próprias subjetividades.

A partir de sua readaptação o professor cria novos mecanismos para estar no mundo. A readaptação nesse sentido pode ser aqui compreendida como o meio utilizado por estes profissionais para lidarem com suas patologias - psicológicas e físicas - de modo ainda, a se manterem no ambiente da instituição escolar, como sujeitos ativos, críticos e pensantes, dando suas contribuições e fazendo a diferença que podem fazer no aprendizado dos alunos, mesmo fora da sala de aula; bem como contribuírem para o bom funcionamento da instituição escolar.

Se não foi tarefa fácil ou pontual, compreender a readaptação a partir da representação de poderes - pelas ferramentas de poder e saber enredadas aos discursos - e ao mesmo tempo estabelecer diálogos, entre a teoria e os artefatos acessados como dispositivos de análises, com aqueles que participaram da proposta.

Todavia, todo esse seguimento foi fundamental na obtenção de indicações de análises, que alvitram um maior aprofundamento, no intento de colaborar para a consolidação de uma política de Estado de Educação e/ou Saúde em benefício da categoria dos profissionais readaptados; como foi também essencial para incitar novas investigações a partir das inúmeras possibilidades a que tal enunciação remete.

A readaptação é um problema de saúde pública (e a falta de políticas públicas também), portanto de responsabilidade do Estado e que diz respeito efetivamente aos mecanismos de poder deste, o que influencia diretamente a qualidade do ensino nas escolas públicas do país.

Através das pesquisas realizadas para este estudo, observou-se que as políticas ou projetos de ação voltados a essa categoria são insuficientes, todavia, ainda como germe do cuidado de si, no campo mais amplo, ao que versa sobre a teia de relações sociais, há uma movimentação (através de uma associação organizada no estado de São Paulo) – ainda pequena e desconhecida – de professores na situação de readaptação, que estão se unindo para lutar por seus direitos de justiça, trabalho, e saúde. Algo que merece ser difundido e conhecido por todos os profissionais da categoria.

Não é tarefa fácil conhecer até onde vai o comprometimento dos sujeitos – no sentido do adoecimento – não é possível saber com exatidão quem tem ou não comprometimento. Reiteramos a não existência da totalidade. A readaptação se transforma, para além da resistência, num jogo pesado e tortuoso de verdades, de interesses de utilidades públicas e mercadológicas. Não há política pública, muito menos formação de professor que dê conta disso. Cada sujeito tenta sobreviver da maneira como pode, cada um busca e cria seus mecanismos de escape.

A problematização desse estudo não se esgota, pois as possibilidades de sua dimensão analítico-empírica permitem, pelas informações levantadas, outras remontagens e novas configurações, para estudos futuros e novas pesquisas a serem realizadas.

Referências

ARBEX, Ana Paula S.; SOUZA, Katia R.; MENDONCA, André Luís O. Trabalho docente, readaptação e saúde: a experiência dos professores de uma universidade pública. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312013000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 maio 2014 às 17h30min.

_____. *Apud* NUNES, B.O.; BRITO, J.C.; ATHAYDE, M. Readaptação profissional e produção de sentido no trabalho de merendeiras e serventes. In: BRITO, J. et al. (Orgs.). **Trabalhar na escola? Só inventando o prazer**. Rio de Janeiro: Ipub-Cuca, 2001. p.185-214.

BRASIL. Ministério da Saúde amplia para 210 (duzentos e dez) a quantidade de Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) passíveis de implantação no território nacional. Brasília, **Portaria Nº 2.978, DE 15 de dezembro de 2011**.

_____. Constituição (1934). Constituição da República Federativa do Brasil. **Constituição Federal de 16 de Julho de 1934 parágrafo 2º artigo 158**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10616151/artigo-158-da-constituicao-federal-de-16-de-julho-de-1934>> Acesso em: 26 mai 2016.

_____. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. **Seção II Dos Servidores Públicos**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 26 mai 2016.

_____. **Diário Oficial**. Disponível em: <<http://apl03.pmcg.ms.gov.br:8070/e-diario/buscardiario.jsp>> Acesso em: 26 maio 2014 às 19h30min.

_____. *Diário Oficial* N. 7.60, 31 de maio de 2011. **Resolução/SED n. 2.444, de 30 de maio de 2011**. Disponível em: <http://ww1.imprensaoficial.ms.gov.br/pdf/DO7960_31_05_2011.pdf> Acesso em: 26 mai 2014 às 21h30min. p. 30-31.

_____. **Lei Nº 3.780, de 12 de julho de 1960.** Capítulo X da readaptação Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/LEIS/1950-1969/L3780.htm> Acesso em: 26 mai 2016.

_____. **Lei, nº 8.112 de 11 de dezembro de 1990.** Dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civil da União, das autarquias e das fundações públicas federais, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8112cons.htm>. Acesso em: 29 maio 2014 às 17h20min.

_____. **Lei, nº 8742, de 7 de dezembro de 1993.** Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8112cons.htm>. Acesso em: 29 maio 2014 às 17h30min.

_____. **Ministério da Saúde do Brasil (2002).** Lista de doenças relacionadas com o trabalho do ministério da saúde - (elaborada em cumprimento da Lei 8.080/90 - inciso VII, parágrafo 3o do artigo 6o - disposta segundo a taxonomia, nomenclatura e codificação da CID-10).

CODO, Wanderley. **Educação, Carinho e Trabalho.** 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.

_____, W & VASQUES-MENEZES, I. O que é burnout? In: Codo, Wanderley (Coord.). **Educação, Carinho e Trabalho.** Petrópolis, Vozes, 2006. p. 237-254.

DREYFUS, H. e RABINOW. **Michel Foucault – Uma Trajetória Filosófica.** Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FAUSTINO, Gabriela Gimenez; BASTOS, Gustavo Grandini; ALMEIDA, Ludmila Tatiane Rodrigues de, ROMÃO, Lucília Maria Sousa. A Voz de Sujeitos-Readaptados em Discurso: O Lugar do Bibliotecário. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 76-94, set. 2010. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4040/3406>>. Acesso em: 2014-11-02.

FERREIRA Norma Sandra de Almeida. As Pesquisas Denominadas “Estado da Arte” **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n o 79, vol.23, Agosto/2002 pp.257-

272. Disponível em: <ISSN 0101-7330. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>>. Acesso em: 2015-02-03.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luís Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2002a.

_____. **A coragem da verdade: curso no Collège de France (1983-1984)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. A sociedade disciplinar em crise. In: **Ditos e Escritos: estratégia poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v. IV.

_____. **A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France (1982-1983)**. Tradução de Marcio Alves da Fonseca, Salma Tamus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. **A ordem dos discursos**. São Paulo: Loyola, 2000a.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

_____. **Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **História da Loucura na idade clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2002c.

_____. **História da Sexualidade 1 – A Vontade de Saber**. 16 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade 2 – O Uso dos Prazeres**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade 3 – O cuidado de si**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Microfísica do Poder**. 17a. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2002d.

_____. **Nascimento da biopolítica** (1ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Segurança, território, população**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

_____. **Ética, Sexualidade, Política**. Coleção: Ditos e Escritos v. V. Organização e seleção dos textos de Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HORTA, Patrícia Rossi Torralba. **Identidades em jogo: duplo mal-estar das professoras e das coordenadoras pedagógicas do Ensino Fundamental I na constante construção de seus papéis**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25062007-120102/>>. Acesso em: 2014-10-21.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LEÃO, Tatiana Calheiros Lapas. **A Educação e a Falta de Saúde dos Professores das Redes Municipal e Estadual de Ensino em Campo Grande, Mato Grosso do Sul**. 2013. 200 f. Tese. Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2012.

LOPES, Brenner; AMARAL, Jefferson Ney. **Políticas Públicas: conceitos e práticas**. Coord. CALDAS, Ricardo Wahrendorff. Manual Sebrae: Belo Horizonte/MG, 2008. 48 p.

MACAIA, Amanda Aparecida Silva. **Excluídos no trabalho? Análise sobre o processo de afastamento por transtornos mentais e comportamentais e retorno ao trabalho de professores da rede pública municipal de São Paulo**. Tese. Curso de Doutorado Faculdade de Saúde Pública. Departamento de Saúde Ambiental. São Paulo; s.n; 2014. 242 p. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=Ink&exprSearch=716062&indexSearch=ID>>. Acesso em: 2014-10-21.

MIDIAMAX. Jornal eletrônico de Mato Grosso do Sul. “Todos os dias 200 servidores estaduais pedem licença médica”. Entrevista. In: LEÃO, Tatiana Calheiros Lapas. **A Educação e a Falta de Saúde dos Professores das Redes Municipal e Estadual de Ensino em Campo Grande, Mato Grosso do Sul**. 2012. 200 f. Tese. Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2012.

OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento. (Org.). Apresentação. In: OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento. (Org.). **Diálogos em Foucault**. 1. Ed. Campo Grande, MS: Editora Oeste, 2010.

_____. (Org.). As Instituições: discursos, significados e significantes, buscando subsídios teóricos e metodológicos. In: OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento. (Org.). **Diálogos em Foucault**. 1. Ed. Campo Grande, MS: Editora Oeste, 2010.

_____. (Des)regularização do sujeito: constituições, mecanismos, concessões... In: OSÓRIO. (Org.). **Poderes e saberes: corpus em educação**. Campo Grande: Ed. Oeste, 2013, p. 69-99.

PEREIRA, Eliane Pinheiro Miranda; LEITE, Marli Lucia de Oliveira Barbosa. Bibliotecas escolares do território de Campo Grande - MS: uma análise situacional. **Diálogos Educ. R.**, Campo Grande, MS, v.6, n.2, p. 12-19, dez. 2015 – ISSN: 2179-9989. Disponível em: <<http://ojs.semed.capital.ms.gov.br/index.php/dialogos/article/viewFile/169/244>> Acesso em: 26 jan. 2016.

RAMOS, M. Z.; TITTONI, J.; NARDI, H. C. A experiência de afastamento do trabalho por adoecimento vivenciada como processo de ruptura ou continuidade nos modos de viver. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 1, n. 2, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 maio 2014.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005. 96 p. ISBN 85-88638-09-6.

SARGENTINI, V. E; NAVARRO-BARBOSA, P. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

SINSECA. Sindicato dos servidores da Capelinha de Minas Gerais. **O Servidor Público e a Readaptação**. Minas Gerais. 05 de jan 2012. Disponível em: <<http://wwwsinserca.blogspot.com.br/2012/01o-servidor-publico-e-readaptacao.html>> Acesso em: 26 mai 2016.

SORATTO, Lúcia; OLIVIER-HECKLER, Cristiane. Os trabalhadores e seu trabalho. In: CODO, Wanderley. **Educação, Carinho e Trabalho**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.

TOLEDO, Luiz Fernando; VIEIRA, Victor. Docentes em SP criam grupo para ajudar no retorno após licença médica. **O Estadão**. São Paulo, p 1. 24 mar 2016. Disponível em: < <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,docentes-criam-grupo-para-ajudar-no-retorno-apos-licenca,10000022939>> Acesso em: 28 mar 2016.

VILELA, Maria Diogenilda de Almeida. **Legislação que disciplina os conselhos de políticas públicas**. Brasília-DF, 2005. Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/areas-da-conle/tema6/2005_740.pdf> Acesso em: 17 mar 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido E Termo de Anuência.....	95
APÊNDICE II – Questionário de dados Sociodemográficos.....	97
APÊNDICE II – Questionário utilizado para a coleta da Narrativa de Vida.....	99
APÊNDICE IV – Registro das Entrevistas.....	100
Entrevista do professor João.....	100
Entrevista da professora Maria.....	139
Entrevista do professor José.....	142
Entrevista da professora Ana.....	147
Entrevista da professora Rute.....	170
Entrevista da professora Sara.....	177

APÊNDICE I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Anuência



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS)
Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGpsi)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa tem por finalidade de analisar a subjetividade e os processos discursivos em docentes readaptados das escolas públicas de Campo Grande, MS.

Participarão deste estudo professores (as) da Rede Estadual de Ensino do Município de Campo Grande - MS, nos quais, serão analisados os seguintes enfoques: de que modo professores consideram a si mesmos nos últimos anos, pelos diversos aparatos reguladores; buscar entender as questões que colaboram para a insatisfação no espaço de trabalho dos docentes readaptados por ordens psicológicas; identificar de que forma esses docentes constroem mecanismos de defesas para darem significado e continuidade a seu exercício de prática institucional e buscar compreender o não retorno as suas funções em sala de aula.

Para a realização desta pesquisa, solicitaremos algumas informações dos professores, por meio de entrevista semiestruturada, em relação aos aspectos descritos.

O registro das informações, o nome e identidade do (a) docente entrevistado (a) serão mantidos em sigilo, sendo assegurada a confidencialidade e privacidade às informações coletadas quando da publicação do relatório final da pesquisa.

Sua participação no estudo será em caráter voluntário, podendo optar em participar do mesmo ou não. Entretanto sua colaboração é importante para efetiva realização este trabalho.

Na possibilidade de poder contar com essa parceria, segue uma via assinada do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e uma via do “Termo de Anuência”.

Pesquisadora: Angélica de Moreira Ribeiro.

Autorizo a gravação da entrevista: () SIM () NÃO

Caso o participante opte pela AUTORIZAÇÃO para a gravação da entrevista, será acordado o compromisso da pesquisadora, citado à cima, e garantir os seguintes direitos: poderei solicitar a transcrição de minha gravação para leitura; os dados coletados serão utilizados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos, e livros; serei livre para interromper minha participação na pesquisa qualquer momento e solicitar a posse da gravação e transcrição de minha

entrevista. Os dados coletados serão armazenados por 05 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora, e após este período serão descartados.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS)
Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGpsi)



TERMO DE ANUÊNCIA

Declaro que li e compreendi o documento denominado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas oralmente e por fim, participo deste estudo voluntariamente.

Assinatura do (a) voluntário (a) _____

Nome completo do (a) voluntário (a) _____

Data da Entrevista ____/____/____.

Professor (a) Readaptado (a) na Escola _____

Local e telefone de contato _____.

Assinatura da Pesquisadora _____ Data ____/____/____

Nome completo da pesquisadora: Angélica de Moreira Ribeiro

Telefones para contato: Residencial: (067) 3361-3278 / Celular: (067) 9204-1376.

Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi).

Curso de Mestrado em Psicologia (UFMS): (067) 3345-3587.

Assinatura do Orientador: _____ Data: ____/____/____

Nome Completo do orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório

Telefone para contato: Cel.: (067) 9984-3042

Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi).

Curso de Mestrado em Psicologia (UFMS): (067) 3345-3587.

APÊNDICE II – Questionário de dados Sociodemográficos



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS
Programa de Pós Graduação em Psicologia - PPGPsi



Questionário Sociodemográfico

Nome Completo (Somente as Iniciais):

Data de Nascimento: ____/____/____

Escolaridade: _____

Estado Civil: _____

Bairro de Residência: _____

Filhos: () Não () Sim, quantos: _____

Cargo Atual na Instituição e carga horária semanal: _____

Salário Atual: _____

Tipo de Concurso: () Estado () Município () Outro: _____

Mês e Ano da Readaptação: ____/____

Motivo da Readaptação e CID (se houver): _____

Realiza algum tratamento de saúde/acompanhamento médico: ()Não ()Sim,
qual (is): _____

Tempo de Magistério e nomes das escolas em que lecionou antes da
readaptação:

Nomes das escolas em que já trabalhou após ser readaptado (a) e funções que
já exerceu:

Data da Aplicação:

APÊNDICE III – Questionário utilizado para a coleta da Narrativa de Vida

Prezado (a) Professor (a),

Este estudo será desenvolvido a partir da pesquisa intitulada: “Subjetividade e Processos Discursivos em Do(c)entes Readaptados das Escolas Públicas de Campo Grande – Mato Grosso do Sul”, no Programa de Pós-graduação em Psicologia – Curso de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Pretende-se investigar o acontecimento da readaptação na vida dos professores, identificar os elementos contidos nos discursos dos sujeitos envolvidos, suas compreensões e percepções desse processo de readaptação, ao qual estão submetidos.

Será realizada uma entrevista onde será coletada sua Narrativa de vida, com todas as considerações que puderem ser relatadas sobre o ser professor (a) e sobre o ser professor readaptado (a). Os resultados poderão contribuir com a promoção da saúde dos (as) professores (as) readaptados (as). As informações coletadas através desta entrevista são de caráter sigiloso e serão usadas somente para desígnios de pesquisa. Ao final do estudo, todos os participantes voluntariados receberão informações acerca dos dados obtidos.

Solicito que primeiramente preencha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Anuência, em seguida, realize o preenchimento do Questionário Sociodemográfico para que somente então, demos início à entrevista.

Sua colaboração é fundamental para a realização deste estudo.

Agradeço desde já a sua atenção e participação.

Angélica de Moreira Ribeiro
Mestranda em Psicologia – PPGPsi/UFMS

APÊNDICE IV – Registros das Entrevistas



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS
Programa de Pós Graduação em Psicologia - PPGPsi



Dados de Identificação do Entrevistado (a)

1. Nome: João

2. Área de Formação: Filosofia

3. Cargo/função: Auxiliar de coordenação

J: Você gostaria do meu relato a nível de experiência de carreira profissional ou no geral?

P: Do que o senhor se sentir à vontade em disponibilizar para nós.

J: É isso que eu falei, é difícil falar da gente, mas vamos lá. Eu não planejei ser professor, eu estudei três anos no colégio de freiras, tanto eu como meu irmão, foi engraçado, agente.. Meus pais se separaram eu tinha 12 anos e desses mais ou menos os 12 anos pra frente quando meus pais se separaram a gente foi morar com um tio, esse tio nosso é professor. Então assim, eu não escolhi desde a infância, eu não sonhava em ser professor; meu sonho mesmo era ser advogado. Achava assim uma profissão muito bonita, muito atraente né em si, eu acho bonito você discutir com o júri, você provar para o juiz, mostrar para o juiz que você tem um réu inocente, coisa assim, só que fui me envolvendo como foi quando eu fiz filosofia, eu coloquei como segunda opção a faculdade de filosofia e como a nota da segunda opção foi boa, se eu tivesse esperado a primeira chamada, daria na sétima chamada eu estaria fazendo direito. Só que eu não quis esperar, falei “há demorou, demorou, não vou perder” não vou deixar de estudar em função de não ter sido chamado pro direito, daí eu fiz filosofia, até porque filosofia eu elimino oito matérias pro direito. Então assim, sonhar ser professor... Falar é uma profissão promissora no Brasil, não é.. Infelizmente, quinze anos que eu dou aula eu sempre caprichei, sempre fiz com muito orgulho, sempre assim muita dedicação com a minha profissão, mas eu

acho uma profissão complicada. Foi, eu passei, sou concursado no município e no estado. No município eu fiz o concurso em 2006, passei em quinto lugar no concurso. No estado, eu entrei em 2000 no concurso do município, no estado entrei no concurso.. Em 1999 fiz o concurso, só que só chamaram em 2004, chamaram em dezembro de 2003 passei em 38º lugar no estado então de 99 para cá, nesses 15 anos que eu dou aula no estado ficou 40 horas. Eu já fiz um concurso com a carga horária bem puxada né, bem excessiva.

Sempre trabalhei. Antes de efetivar era contratado, fiquei cinco anos mais ou menos contratado no município e sete anos contratado no estado. Trabalhei em escolas particulares, trabalhei na escola Aza, trabalhei na escola Faz... Atividade, ali atrás do shopping atrás da avenida ali no shopping, e fui assim, trabalhei muito no interior trabalhei em Anhanduí, Camapuã, Rochedinho, sempre assim.. Nunca tive frescura, aonde tinha serviço, ainda mais como contratado você não tem que fazer muita opção muitos critérios, falar isso eu não faço, isso eu não faço. Inclusive o primeiro ano que eu dei aula na minha vida, eu dei aula de matemática, história, geografia e ciências.

P: E a tua formação é em?

J: Filosofia. A filosofia me habilita, posso dar aula de filosofia, minha habilitação são quatro faculdades. Posso dar aula de filosofia, sociologia, História e Psicologia; a nível de ensino médio. Só que aí eu me especializei mais em história, eu gosto por gostar da matéria de história fui tendo mais afinidades, daí eu fiquei no meu concurso mesmo tanto no estado quanto no município que é história, e eu posso dar aula de ciências sociais então, História, filosofia e sociologia pro ensino médio; primeiro, segundo e terceiro ano posso, enquanto encontro habilitado só que eu fui assim restringindo né. Como no município é só história, e no estado depois de um certo tempo de você efetivo você pode escolher as ho.. As horas que você pega se tiver vaga na escola. Eu fui especializando mais em história que a própria filosofia pra trabalhar em segundo grau era difícil. É uma linguagem muito técnica o aluno não entende, sofre muito, aí você tem que passar muito texto, trabalhar muito metodologia de filósofos como você disse, como no caso de Foucault a gente vai trabalhar muito as teorias, trabalhar método, trabalhar dar algumas características

biográficas do autor pra facilitar pro aluno, onde ele viveu, como ele viveu, porque ele pensava assim qual corrente que ele defendia, qual a ideologia desses autores desses filósofos. Então assim, encontrei muita dificuldade o Estado em si não te da suporte são poucos anos, foram de uns cinco anos pra cá só que aí desenvolveram livros mesmo específicos de segundo grau. Sempre a gente tem que trabalhar a gente tem que passar texto saber muito ai você acaba cansando o aluno, textos no quadro avaliações também cê faz tanto subjetiva como objetiva, mas, muitos textos né como analisar, então assim ela é uma matéria engraçada filosofia, sociologia, História pra trabalhar com aluno de ensino medi, o aluno, tem aluno que cria aversão. Do jeito, Do mesmo jeito que tem aluno que adora, tem aluno que detesta essa disciplina. Então assim, analisando profissionalmente, eu gostei, esses quinze anos que eu dou aula, foi.. Foi muito produtivo foi muito gostoso, só que ao mesmo tempo assim como você falou, de repente a gente colocar um aspecto de vida, me desgastou muito porque assim, quando a gente começou, não tinha assim, leis que defendiam o professor, eu lembro que tinha turma que eu dava aula com 60 aluno na sala. Sala de aula superlotadas, às vezes é giz e quadro branco que te dão. É só esse material; você não tem nenhum um livro de acervo, você não tem num tinha.. A gente nunca teve um planejamento, uma hora de pesquisa necessária, então o professor, um dos.. Um dos poucos profissionais que acaba levando muito trabalho pra casa, você é obrigado a fazer coisa de trabalho em casa, coisa de avaliação, fazer os planejamento, tem que tá sempre informado, cê sempre tem que tá sempre atualizado, então uma profissão eu digo assim injusta ela é meio árdua, ela é uma profissão assim que cê tem que gostar muito do conhecimento, investir muito em você, e o retorno é mínimo, não há um retorno à altura do que você investe. Você investe muito do seu pessoal, você acaba investindo muito no saber, você tem que investir em livros, investir em pesquisa, investir em conhecimento, investir a sua dedicação em si nisso e querendo ou não, complica lá. Você acaba causando um conflito do seu lazer, da sua qualidade de vida, um esporte, você vai restringindo seu tempo de dedicação pra si, dedicação da sua saúde, dedicação de uma atividade física, dedicação de social, seus amigos, de repente uma namorada, a gente via assim que foi uma profissão que eu, por

mais que eu gostava enquanto estava na sala de aula, eu sempre fiz muita resistência em relação ao planejamento. Sempre fui, fiz muita resistência com relação à leva trabalho pra casa. Poxa é injusto, é uma profissão muito cruel. Por quê? Por quê que eu no meu trabalho não posso desenvolver e fazer? Eu tenho que ter tempo hábil no meu trabalho pra corrigir uma prova, pra corrigir avaliações, e infelizmente não é assim que acontece. A realidade não é essa. Então assim eu digo que esses quinze anos que eu dei aula,... Foram me desgastando, eu tinha uma saúde perfeita então eu fui desenvolvendo devido a de repente estar escrevendo, respirando o giz ali do quadro negro, um calcário puro, certo, vai acabando com suas digitais, cê força muito a junta, vem renite, faringite, desenvolvi esofagite, gastrite, você vai desenvolvendo doenças nervosas de estresse que cê passa com o aluno.

Tem aluno que te xinga, tem aluno que te desrespeita, manda você tomar naquele lugar, te manda pra adiante, não tem assim um pingão de consideração com o professor. Aí com essa metodologia, por exemplo, com informática, com tudo, o aluno no celular, hoje em dia o aluno com *whatssap*, é outro aspecto complicado pra sala de aula. Você tem que saber se impor, mas, o professor nunca pode ser um ditador, o aluno, você tem que ganhar esse aluno e infelizmente é tempo, é jeito, você como professor, eu digo assim, a única coisa que eu aprendi como professor é ser diplomático. Se você não sabe ter um jogo de cintura, se você não sabe ter um.. em jeito de conquistar o aluno, você não consegue dar aula. Porque infelizmente o aluno às vezes é inacessível, às vezes não gosta de você, às vezes não gosta da disciplina e transfere se não gostar da disciplina. Que eu te falei que, é umas disciplinas meio delicadas que eu dou principalmente no ensino médio então, cê tem que saber levar o aluno, saber contagiar, saber transmitir esse conhecimento, é igual um camaleão o professor. Você tem que estar mudando constantemente, de jeito, de tática, de conquista, não bater de frente com o aluno, não xingar, não entrar “na dele” de, de repente usar a mesma linguagem, respirar fundo. Quantas vezes não ouvi algum xingamento, ouvi alguma afronta, algum desrespeito que é o que mais acontece. O pior problema do professor na sala de aula, não é em si com a disciplina, é com relação a respeito, com relação a.. O aluno saber o que cê tá fazendo tá ligado? Até o aluno perceber que você tá ali pra ajudar.. Falo gente,

não to aqui pra ferrar ninguém, não to aqui pra prejudicar ninguém, as notas quem tiram são vocês, a gente simplesmente avalia a sua produção, avalia o seu saber, só que o aluno não vê assim. Tirei 10! Poxa tirei um 10! Se você tirou um 5,0, tirou um 3,0, tirou um zero, o professor me deu zero, o professor me deu nota baixa, então assim é uma profissão muito delicada, porque os alunos principalmente depois dessa LDB os alunos sabem todos os direitos deles, eles sabem o que eles podem fazer, só que obrigações o aluno não sabe nenhuma. Então assim, cê tem um conflito de autoridade muito grande. De repente o aluno tem um pai banana, uma mãe banana, sobra pra você na sala de aula e você fala que o aluno, se você chegar a narrar tudo o que certos alunos fazem na sala de aula você fala pro pai ou fala pro pai fala é mentira. Meu filho não faz assim, meu filho é um santo meu filho num não num teve a coragem de desacatar, meu filho nunca bateria em ninguém, nunca faria isso aquilo. Então assim, trabalhando nesses quinze anos em várias periferias em lugares delicados, lugares assim bem carentes, pobres, assim interior do estado, mas, principalmente lugares mais carentes foram aqui na cidade, aquele Alves Pereira, Moreninha. Você pega assim, bairros que você – Nova Lima – você estranha, cê fala gente do céu, quê que eu fui fazer na educação? Por quê que eu to aqui? Porque tem sala de aula e tem locais, e tem alunos que faz você se decepcionar com a profissão. Faz você simplesmente você perguntar pra você mesmo: será que eu estudei tanto, me dediquei tanto, será que tudo o que eu fiz era pra isso? Pra escutar um xingamento? Pra ser desrespeitado? Pra ser afrontado? Aluno ameaçar a gente de morte, aluno riscar seu carro, aluno te ame... Te desrespeitar, desacatar e de repente cê ter que respirar fundo e passar por cima daquilo. Então assim, foi muito intenso esses quinze anos. Eu digo assim que, eu não sei se devido há ganhar muito pouco, ou se foi ganância, até eu me culpo assim sabe, será que foi ganância da minha parte querer dar aula em três períodos? E ao mesmo tempo às vezes eu critico falo poxa, eu tinha que trabalhar muito porque o salário era pouco, ou você se joga e trabalha os três períodos pra ter um salário decente, ou você acaba tendo que trabalhar pouco e procurar uma outra profissão de bico, uma outra profissão que te sustente, então é delicado porque uma vez que você entra na sala de aula, você não consegue conciliar uma outra profissão, que o

ideal seria você ter uma função administrativa e você ter de repente um período em sala de aula. Não seria tão estressante, não seria tão desgastante, não seria assim tão exigente da profissão pra com o professor.

Só que é o que a gente fala, o salário ideal de um profissional pra você se dedicar, falando, você po.. Você ter tempo pra estudar, você ter tempo pra fazer uma pesquisa, você ter tempo e condições financeiras pra fazer um mestrado, um doutorado, onde quer que seja, uma instituição pública ou particular, cê tem que ganhar no mínimo uns cinco mil. Isso é o salário, seria o salário mínimo pra que, pra você falar, poxa poder comer bem, poder dormir bem, poder fazer pesquisas, poder comprar livros, de ter um notebook, poder ter um.. Um lugar agradável de estudo, só que não é o que acontece. Infelizmente, a gente reclama, reclama, reclama, eu.. Eu vi como tá muito na mídia aí os professores no Paraná, que eu tenho uma tia.. Sou paranaense, tenho uma tia que diz que lá ganha uns seiscentos reais por período, se chegou a oitocentos mil reais. eu via assim professores serem espancados, não sei se cê olhou na mídia. Poxa vida gente! Bando de professor lá apanhando, bando de professor sendo espancado, e não é uma realidade, falar, só no Paraná, é no Brasil inteiro. No nordeste tem professor que ganha trezentos reais de salário! Cê fala, poxa graças a Deus, Mato Grosso do Sul, nos somos o terceiro melhor salário do Brasil, mas cê vê com muitas lutas, devido-se a muitos conflitos, eu sempre fui muito briguento, até que por ser professor de história e filósofo, sempre fui muito radical, nunca baixeí bola pra diretor, nunca baixeí bola pra ninguém, nem pra prefeito, pra isso pra quilo, pra cê ter uma ideia no, num mandato do Bernal, a gente foi fazer uma reivindicação, fomos à rua fizemos greve, e eu quase.. Vários colegas, fomo parar na prefeitura, eu quase fui espancado por assessores do Bernal. Uma colega minha chegou a levar um tapa um arranhão, outro colega levou uns empurrões, então assim não acreditei. Cê fala pô gente o Brasil tão democla.. de.. de.. democrático, um Brasil tão evoluído, e você reivindica prum salário decente, você ser espancado, você ser perseguido, inclusive chegou momentos que uma colega assim falou, até psicóloga da SEMED, que uma vez ela me chamou pra conversar, falou assim: “Poxa João, você é um cara novo, um cara bonito, um cara inteligente, por quê que você, você já percebeu por

quê que de repente cê nunca pegou uma direção, você nunca pegou um cargo de importância nem na SEMED nem noutro lugar?” ela só faltou dizer assim, larga de ser polêmico, aprende a ser puxa-saco, aprende a ser baba-ovo, aprenda a ser.. a ser conivente com a podridão do poder que você consiga. Eu não quero isso, e se depender de eu baixar a bola, eu ir contra os meus valores cristãos, eu ir contra minha moral pra conseguir um cargo, pra conseguir um lugar que eu falo assim, não eu não vou falar mal do governante, eu vou ver coisa errada, eu vou ser conivente com aquilo, eu vou consentir com a coisa errada, eu prefiro, eu falo, não preciso. Eu prefiro ir a favor dos meus, da minha moral, da minha ética, da minha religião e batalhar por esses princípios, do que de repente ser uma pessoa conivente, ser uma pessoa corrupta, ser uma pessoa falsa, hipócrita ou covarde assim. Então minha vida inteira, se eu vejo coisa errada eu critico, se eu vejo situações de injus.. inju.. de injustiça que uma vez assim aconteceu, vou até narrar aqui; tem muitas situações de injustiça na educação, em vários lugares, tem no Brasil. Infelizmente nos tamo num país de muita injustiça.

Aconteceu um caso no primeiro ano que eu dei aula. Parecia assim que até foi um teste. O primeiro ano que eu dei aula 99, meu professor levou L. R. e foi fazer mestrado nesse program... A gente tinha ganhado bolsa, e como nós tamo.. Nós távamos numa turma de cinco ele gostou do meu jeito, acho que eu.. fui fazer estágio.. Fui fazer estagio à noite, ele falou, ele fez essa proposta pra ir: “Professor o senhor gostaria de assumir minhas aulas? Eu vou.. eu vou tá me ausentando, daqui pra frente eu vou largar as aulas e se você quiser você pode.. eu to, to fazendo mestrado fora, eu to, to na faze de pesquisa que eu vou ter que estar me ausentando de fora do país por um bom tempo, pelo menos por um ano, então, eu vô tá deixando essas aulas a filosofia da educação e a sociologia da educação.” Falei, não tudo bem eu assumo. E foi interessante, que nessa sala tinha uma menina que era deficiente Alessandra. Trabalhava pra caramba, era mãe solteira, e.. pelo fato de trabalhar aquela correria, você vê quando o aluno é esforçado, a gente.. você acaba percebendo, por mais que o aluno seja inteligente, por mais que o aluno se dedique que dá o sangue que tem vontade de aprender e estudar, é um aluno diferenciado, a gente até contribui pra esse aluno, faz de tudo pra que ele

consiga, porque o aluno ele não é inteligente, porém, o mérito dedicação de busca, o tentar vencer na vida às vezes ele supera qualquer outra coisa. E esta aluna é engraçado, ela era bocuda, atrevida, ela era aquela pessoa que cê vê assim crítica, aquela pessoa que não era puxa-saco, mas dedicada, uma pessoa, uma menina assim, muito seria. A vida foi dura com ela em si, você imagina pruma pessoa mãe solteira, deficiente, trabalhava pra sustenta filha, por mais que morava com os pais em si, ou seja, era uma menina sofrida. E aí eu não sei, saber a gente até sabe assim, mas, até que ponto a professora.. ela bateu de frente com a professora de didática dela, e essa professora conseguiu convencer todos os outros professores a reprovar essa aluna. E foi bonito que aí veio à diretora falar comigo: “João não pode, essa aluna só tem 3,0, 4,0, 5,0, no Máximo 6,0 em todas as disciplinas ela tá indo mal, ela vai reprovar de todo mundo, e como com você em filosofia da educação e sociologia da educação ela tem 8,5? Falo, eu não sei o que ela faz para os outros professores ou deixa de fazer, eu não sei o porquê tá todo mundo querendo reprovar, eu percebi uma conversa no conselho de classe ela envenenando os demais professores pra reprová-la, essa nota sua, isso no quarto bimestre já, o ano inteiro eu via a dedicação dela de repente não conseguia entregar trabalho, mas: “professor tá aqui me vinha na outra aula, eu ia atrás, perdi prova, posso ir na outra sala fazer prova?” aquela pessoa que você vê assim que tem garra que tem determinação, e continuou. Aí veio a diretora falar comigo, passou o conselho, terminou o conselho tudo, ninguém falou nada, ninguém teve coragem de expor, se pronunciar no conselho aí veio à diretora como era nota do quarto bimestre, fechamento de ano ela falou assim: “cê tem certeza que essa nota que ela tirou?” Falei: “tenho”. E vou aonde for preciso. É uma aluna que merece, essa matéria não é uma matéria fácil, eu não dou nota pra aluno e se ela conseguiu isso é mérito próprio, ela se dedicou é uma aluna assim que tem mérito, que tem gabarito, ela pode ter ido mal com as outras eu acredito que seja até uma birra pessoal com essa professora com ela, que ela é bocuda e é uma aluna crítica porém, uma aluna dedicada ela merece o que ela conseguiu. A Diretora: “Cê tem certeza?” Tenho. “Cê assina em baixo, se precisar ir pra algum conselho da secretaria, o quê quer que seja?” Falei: “Assino em baixo. Eu defendo o que eu.. a nota que eu dei, é essa nota que ela merece. Mérito

Próprio.” Não deu outra, a menina foi procurar os direitos, orientaram-na a ir na secretaria da educação e ela foi. Foi, fizeram umas outras provas com ela, acho que outros professores, ou.. averiguaram que ela era uma aluna inteligente, não era uma aluna boba ou como a outra colocava como se fosse uma retardada, como se fosse uma retrógrada. Uma aluna que tinha que ser reprovada. E interessante que eu achei bonito isso, a justiça prevaleceu. Por mais que ao contrario, que acontece com o nosso país, a justiça foi cumprida nesse papel. Todo mundo no mês de janeiro teve que mudar a nota dessa guria. Teve que aprová-la sendo que é uma situação que a gente vê assim de injustiça, uma menina no terceiro ano terminando o seu ensino médio, por ela ter batido de frente com o professor, como infelizmente a gente sabe que tem profissionais que não são éticos, tem profissionais que mit.. misturam a vida pessoal com o profissional, só que ali eu vi justiça. Eu achei bonito a situação, falei poxa vida, uma aluna que tinha de tudo de repente pra ser nada, pra não estudar até porque poxa, era ‘mancueba’ tinha uma perninha menor que a outra, sofria pra chegar na escola, chegava atrasada, falava: “professor posso entrar? Professor posso assistir sua aula?” respeitava, tra.. ela podia ser crítica, mas, respeitava o lugar, o.. a relação professor-aluno, dedicava-se as coisas, tudo o que você dava, cê podia dar até apresentação, podia dar redação, podia dar prova; o que você dava nunca contestava, dava, se fazia, que eu desde que eu pensei.. eu peguei o professor, a gente viu o método dele, ele era aquele professor que dava aula.. tinha um ritmo de.. de matéria já levando ali. Não era fácil às avaliações, não era fácil, mas ele explicava bem, ele me.. me deixou com todos os livros que ele lecionava, então eu peguei o método dele rápido, em questão de dois meses que eu fiquei fazendo estagio com ele eu peguei toda a dinâmica dele, eu vi o comportamento, vi como ele.. como ele trabalhava então assim eu simplesmente continuei, questão de dois meses, em três.. em três meses pra terminar o bimestre eu peguei mesmo; setembro mais ou menos agosto setembro, e interessante assim poxa eu achei bonito que aí depois veio a diretora e falou: “que bom que cê persistiu com as suas notas, foram só duas disciplinas, quase todas as demais ela foi mal, quase todas as demais ela não tinha nota pra ser aprovada, só que ela provou pra secretaria que ela tinha capacidade, que era uma perseguição pessoal.” Como ela provou

que era uma perseguição pessoal da professora, todo mundo teve que mudar diário, tiveram que trocar através de conselho de classe.

Então assim, não é essa uma única, uma.. são varias situações que a gente presencia, são varias as situações assim às vezes de injustiça, mas ao mesmo tempo, são varias situações positivas, aconteceu um caso que me marcou muito também no Anhanduí [MS].

Lá foi ate desagradável. Foi na gestão do N. T. Dando aula em 2003, 2004, 2005.. 2006 lá. Logo que eu cheguei no Anhanduí [MS], eu tinha dado aula lá em 2000, 2001, 2002, 2003, daí eu saí. 2006 eu voltei como efetivo. Eu tinha passado no concurso, e eu sabia que a escola rural paga-se cinquenta por cento a mais, acaba pagando melhor eu voltei pra lá, infelizmente como te falei, cidade nunca foi um salário muito bom, quando eu comecei, logo nessa época eu peguei essas aulas com o L. R., eu ganhava R\$ 360,00 pra dar aula dois períodos, quarenta horas, ou seja, eu fazia faculdade de manhã, tarde e noite eu já dava aula.

Então assim você é obrigado. Infelizmente o mercado, as dificuldades financeiras, tudo.. então faculdade toma muito dinheiro, a gente tem que investir, você tem que investir em você, cê tem que investir em conhecimento, então acabei agarrando; o professor ofereceu, falei, a não vou ter medo. A primeira oportunidade que eu tive eu agarrei com as duas mãos, e foi interessante isso. Eu coloquei esse caso porque no Anhanduí [MS], a situação assim foi muito desagradável, por que assim, eu dava aula, no município, é.. de sexto ao nono ano. Quinta, sexta, sétima e oitava que eu.. seria sexto ao nono ano. E no estado, primeiro, segundo e terceiro. Então dava aula de tarde e de noite na escola. Na parte da tarde um dia foi uma situação assim que se de repente, se precisar em outros momentos a gente narra, mas pra mim foi.. foram algumas coisas que foram acontecendo, que levou eu a desgostar de vez da profissão, eu perder o tesão por dar aula, eu perder toda a motivação por dar aula.

Tinha um professor de educação física, professor “X”; eu dando aula, escrevendo no quadro, terminando quase no final da aula uns dez, quinze minutos pra acabar a aula, terminei de escrever no quadro todas as matérias

que eu tinha que dar, daí sentei pra fazer a chamada, aí daqui a pouco sentado esperando, esperando os alunos copiarem, toca o celular, da minha aluna que sentava bem na frente assim da minha direita, toca o celular, ela: -“Professor “X””. Falei: “como?” Sétima serie, tinha treze anos a menina. Falei: “como?” -“É, Professor “X””. Falei: “Porque professor “X”?” -“É meu namorado”.

Nossa! Foi uma situação muito desagradável por que; tem hora que você entra num dilema, o profissional, você se.. ter uma certa amizade, um certo convívio, com o professor, mas, ao mesmo tempo, você ir contra a sua.. contra a sua ética, a sua moral, a sua.. poxa gente! Tanta mulher solteira, por que que um cara de uns trinta e oito anos tem que meter com uma menina de treze anos?

Então aquilo ali eu senti, eu vi uma injustiça tremenda. Eu senti assim revoltado. Aí não foi só da minha parte, aí a gente conversou, professora de geografia, professora C. na época e a professora de inglês, A. C. Ass.. agente conversou e viu que vários professores foram covardes, vários professores se eximiram de não dar a cara a tapa, de não denunciar mas nos três denunciemos. Denunciemos na SEMED, em 2006 depois voltamos a denunciar em 2008, e assim, até o procurador da prefeitura que era o Dr. “Y” na época ficou vermelho; um baita bitelão, um careca, ele veio fazer umas co.. umas colocações, umas perguntas, assim que você percebe maldade, você percebe covardia. Você percebe ate maquiavelismo na forte.. na forma que era feita. Que além da diretora em si, ela era muito apadrinhada, ela era ‘coelho’, um apadrinhado político muito forte, eu percebi assim, que o cara depois que eu denunciei, eu fui descobrir que o sem-vergonha era assessor político do N., do A. P. e do A. Então alem do cara infelizmente tar.. estar cometendo abuso sexual, com.. com menor vulnerável que a gente fala, ele tinha uma ‘costa política’, uma ‘costa larga politicamente’.

Então assim, foi muito desagradável porque, eu fui posto à disposição como efetivo, a A. C. foi posta a disposição como efetiva, e a C foi po.. nós três tínhamos percebido isso. Perdemos não o concurso graças a Deus, mas aquela vaga naquela escola. O engraçadinho contratado, por ter ‘costa política’ por ter padrinho político continua na escola. Até hoje ele trabalha nessa escola. E aí eu procurei saber nesse desenrolar dessa investigação, no desenrolar da

denúncia, nós não procuramos o órgão certo; tínhamos que denunciar na polícia federal, no ministério público, nós denunciávamos na SEMED acreditando que o nosso órgão responsável iria fazer as coisas corretas, iria investigar, iria tirar as coisas desse menino.. desse rapaz, ia fazer justiça. Que a justiça prevalecesse. Não foi o que aconteceu. Então assim, foi desagradável porque, pra você ter uma ideia eu tive que chegar aí.. um dia eu cheguei numa juíza federal, eu cheguei, contei toda essa história e chorando aí depois ela falou assim, faz uma denúncia, não precisa ser escrita.. não precisa ser com o seu nome, pode ser anônimo, você faz a denúncia que eu vou investigar. Mas a perseguição foi tanta que eu fiquei por cinco anos sendo perseguido pelo PT, pelo PMDB. Foi uma situação, foi tão desagradável e eu fiquei com medo. Sabe quando você fica acuado? Me tiraram das melhores escolas que eu tinha, me tiraram das escolas rurais, me jogaram nas piores escolas pra eu dar aula no período. Padre José, falei.. é Gerardeli, (inaudível) e Dom Antônio. Pensa numa favela, num lugar desagradável, um lugar que você tem alunos de quinta série, que é o sexto ano grávidas, assim, é abuso sexual, é abuso.. vê a miséria, é desrespeito do aluno para com a gente, então assim, eu fui parar num lugar que eu pensei que eu tivesse passado pelas piores escolas de Campo Grande. Quando eu cheguei eu falei meu Deus aqui é uma FEBEM.

Muito pior do que eu já estava, então assim eu dei.. dessa desta época pra cá, eu não sei por que, mas, fui desestimulando com a educação, fui desestimulando com a falta de seriedade de gestores, com a falta de.. de clareza nas.. nos.. nas atitudes nos comportamentos, atitudes desonrosas até dos gestores, a gestora ‘encampou’ o caso; ela sabia que a situação não era correta, mas, ela preferiu defender uma pessoa de mau caráter, preferiu defender uma pessoa (pausa) infelizmente doente, porque pra mim acho que uma pessoa dessa é doente. E de repente foi contra três professores, três profissionais, que não tinham nada. A gente nunca deixou nada a desejar.

Então assim, são coisas nesses quinze anos que eu passei, que eu falo: “Meu Deus será que eu..” como eu te falei, eu fui perdendo, eu só não pedi exoneração porque não deixaram, me aconselharam; que é desaforo, porque assim, eu já dei minha vida pela educação, dei meu sangue, me dediquei, em

2003 fui fazer pós na Federal de Aquidauana, sabe assim sair daqui cinco da manhã, cinco e meia, no máximo seis horas, passar o dia inteiro no sábado em Aquidauana, voltava; me dediquei ao estudo de repente assim, cê fala pô parece que eu parei no tempo mas, foi tão frustrante, fois.. tão assim (pausa) cruel como aconteceu... tanto desse abuso sexual, como algumas coisas que a gente vai vendo na educação que cê fala assim, “gente pra quê? Que você vai dar o sangue; que você vai doar sua vida pra isso”. Às vezes às pessoas são coniventes, às vezes as pessoas são covardes no Brasil, às vezes tem muitas pessoas que se omitem na hora de te defender. Tem nome de vários professores lá que a.. na investigação pediram testemunhos, eu inocente dei o nome só de pessoas lá dentro tanto a.. umas faxineiras, como a cozinheira, como um professor; coloquei dois professores. E todas as pessoas que nós colocamos, simplesmente.. o mais covarde, o mais errado, o ca.. num caso de abuso sexual, se a mãe diss.. disser que não houve abuso, ficou como se não existisse. A mãe negou a situação toda, era uma situação.. era uma relação pública e notória, todo mundo na cidade sabia, tem um monte de revoltada com ele, porque sabe que eu fui injustiçado, eu fui tirado de lá por isso, que a A. C. e a C. foram; hoje a C. continua dando aula, ela voltou depois de.. de uns três anos, acho que a poeira baixou. Não no município, mas ela dá aula no estado lá, então assim, a A. C. voltou pra cidade depois, parece que aí tentaram (foi prejudicada) aí tentaram colocar numas escolas melhores.

Que eu vi assim, que várias pessoas foram se acomodando, mas as.. todas as pessoas que eu coloquei como testemunha, todos foram contra, todas ficaram com medo da diretora, todas fiz.. fi.. é.. foram covardes em si, eu vejo assim como covardia, e falaram: “eu não sabia de nada”, que não tinha visto, que não aconteceu, que de repente num era verdade a veracidade dos fatos, então falei: “Gente do céu!” Nós três colocamos a cara a tapa, nos três fomos contra o sistema, que o sistema apoia quem tá a favor deles, quem tá a favor da direção, quem.. quem beneficia ou quem é puxa-saco dessa direção e aí infelizmente, se você vai contra esse, sistema, independentemente estando certo ou errado, você fica perseguido né é o sistema. ao mesmo tempo que a gente vê situações assim, relações de professor com o aluno, a gente vê situações desagradáveis em vários outros momentos.

No decorrer da minha vida profissional, cê fala: “poxa gente, mas por quê que acontece isso?” e é engraçado, não é só ni um lugar, não é só ni um momento. Você percebe num todo, parece que cê vai.. nós somos muito coniventes, nós somos muito covardes com as coisas erradas que existem, nós somos muito covardes assim de não brigar pelos nossos direitos, de não ir à veracidade dos fatos; tem pessoas que preferem continuar naquela vidinha dela, mesmo sabendo que alguma coisa ela tá fazendo, alguma coisa que ela vê, que ela presencia tá errado, ela pra não perder aquele cargo, pra não perder aquele salário, pra não ir contra o diretor por medo, por ignorância, eu acredito assim, até por negligência, prefere deixar as coisas acontecerem. Então assim, são poucas coisas que aconteceram, mas pra mim foi tão pesado, foram tão negativas que eu falo: “Meu Deus porque, que a.. que a vida é assim? Por quê que as pessoas são assim? São tão hipócritas, são tão covardes, por dinheiro vendem a alma pro diabo, por dinheiro assim, elas preferem ir contra o caráter, contra a moral, ir contra o bom costume, ir contra tudo?” por que que eles tão.. que na droga a gente até entende, é questão de sobrevivência, mas eu mesmo decepcionei, eu não tinha, eu não tenho mais coragem por mais que hoje eu tivesse uma oportunidade de trabalhar com os mesmos colegas eu falo: “poxa! Quando eu precisei, quando eu queria que alguém fosse sincero, que alguém narrasse o que aconteceu; eu me senti sozinho, eu me senti isolado, até com a com.. (inaudível) juiz depois eu falei: “poxa eu fui covarde” Doutora Perez, uma juíza federal, eu fui lá contei tudo, mas, depois eu cheguei na, no gabinete da L. que era sub intendente de educação, e foi ela que me arrumou pra eu vim na época pra escola rural, já tinha trabalhado lá, falei: “poxa L., eu to passando por uma dificuldade financeira, um momento difícil da minha vida, você pode me conseguir escola rural?” ela conseguiu. Um outro momento quando eu fui pedir ajuda pra ela, falou: “olha, tão me perseguindo, a situação tá difícil. A gente foi fazer uma denúncia lá; tá todo mundo contra a gente, tão falando.. tão falando que é mentira, virou uma situação de não dar pra gente conviver, virou uma situação insuportável no lugar.” Ela simplesmente virou pra mim e falou: “Quem colocou o “X” lá fui eu. Fui eu que coloquei esse professor lá”.

Como quem assim.. quem você pensa que é pra tá tentando tirar, quem você pensa que é pra.. pô assim, eu me sentia sozinho então, nem tive coragem de

seguir a diante a investigação. De ir procurar aju.. a polícia federal, procurar o ministério público.

Nós fizemos a denúncia, tem, tá narrado lá, tem nos protocolos lá. Como a gente não viu seriedade no.. na forma como foi conduzido essa denuncia, como a gente viu assim, muita gente covarde, falo: “pra quê que eu vou continuar dando a cara à tapa? Pra quê que nós vamos continuar de repente batendo contra a parede.” É foi assim, foi muito desgastante, foi assim; eu perdi um salário tremendo.

Pra mim foi muito prejudicial financeiramente, porque você imagina, você tem o seu salário e às vezes você.. que nem na rural ou não a gente empréstimo em cima do salário, você tem uma qualidade, um ní.. um nível de vida que você tem uma.. você conta com a renda que você tem. Você faz planejamento com o orçamento que você tem. Do nada, por causa de uma injustiça, de uma coisa errada que nós vimos, fomos tentar levar a diante, denunciar e tentar com que a, a verdade aparecesse, ou tentar fazer com que aquele professor no mínimo fosse tirado da educação, porque eu procurei saber, e isso aconteceu em varias escolas que ele deu aula na cidade, aconteceu no Bernal de Souza Baís, todas as escolas que ele deu aula, ele se envolvia com aluno. Simplesmente as gestores preferiam às vezes mandar embora, do que ele.. simplesmente. Tinha que ser caçado o direito profissional desse, ou proibido de dar aula numa escola, deixar só numa academia. Sé que eu não vi seriedade, eu não vi assim, dedicação da gestão, dedicação do município ou clareza nas próprias investigações dos gestores. Cê.. a gente não vê seriedade. Cê fala: “poxa vida, por quê que eu vou continuar com isso? Pra que eu vou levar a diante?” então eu fiquei com medo, eu fiquei até.. eu fui covarde, porque tanto eu vi o.. a dificuldade que causou, pô a C. tinha três filhas uma das filhas dela passou na federal, então assim, três (inaudível) tentaram.. mãe de família, pai.. o pai ajudava, o pai tinha uma vendinha lá na cidade, mas morava do lado da escola, falei: “poxa olha o.. o que nós causamos”. Essa denúncia o que causou pra C., foi prejudicada financeiramente, o que causou pra A. C., o que causou pra mim.

Se comigo foi tanto prejuízo, tanta dívida, tanto problemas que causou depois sabe aquela coisa assim, é tão desgastante, foi tão humilhante, foi tão assim,

covarde que eu me senti assim, falei, pô eu me senti sozinho. Cê se sente que cê tá nadando contra uma correnteza, cê fala: “poxa gente, por quê que as pessoas são assim? Por quê que as pessoas não são sinceras? Por quê que as pessoas não são claras?” e foi engraçado, eu simplesmente, como eu vi que elas sendo prejudicadas e eu; a C. tinha quarenta horas lá. Ela tinha que simplesmente, ela foi tão prejudicada que ela tinha que vim dar aula de carro na cidade, então tava fazendo que nem eu, ela dava de manhã lá, dava aula à tarde aqui, e dava aula à noite lá. Ela teve que sair.. ela tinha que sair.. de, da cidade, da.. do.. morava do lado da escola, ela tinha que vim de carro, gastava horrores com combustível, ela indo daqui, são sessenta quilômetros, ida e volta são cento e vinte quilômetros, aí ela tinha que vir dar aula à tarde na cidade, que ela perdeu a aula da rural, que ela dava aula de manhã no Anhanduí [MS], aí voltava à noite pra dar aula de manhã; todo dia, aí vinha na parte da manhã, almoçava, vinha pra escola, voltava.. eu falava: “gente do céu”, se comigo foi cruel, comigo graças a Deus sou solteiro, não fu.. não era casado, não tinha filho, não tinha família, eu imagino o que causou pra A. C., o que causou pra C.

Você fala: “pô nossa” entre aspas, inocentes tentando fazer com que a verdade aparecesse, com que tivesse mais clareza e mais lisura no processo de professor-aluno, uma coisa que seria assim, óbvia, que todo mundo sabia no lugar passou a me prejudicar. Nos fomos assim, perseguidos, fomos simplesmente assim, deixados de lado. Eu não vi assim, doutor “Y” mesmo num.. quando eu falei que eu senti assim, muita raiva, até fiquei magoado com ele. Ele simplesmente umas, nas.. alguma das perguntas à gente vê quando a pergunta.. a pessoa tá fazendo pergunta, quando a pergunta é pra te manipular ou pra te prejudicar. Não sou bobo. Ele simplesmente perguntou assim: -“O que você presenciou durante as rela.. o envolvimento do professor “X” com a aluna?” Falo: Meu querido, é uma situ.. foi uma relação tucrotória. A minha obrigação como professor foi denunciar, que eu não servi de travesseiro disso, porque se eu to aqui denunciando é porque eu não concordo com isso. Agora a sua obrigação enquanto SEMED, é sua obrigação enquanto procurador da prefeitura é investigar. Se nós denunciemos eu não to inventando denuncia, se nós denunciemos é porque tinha coisa errada. É uma menina de treze anos sendo abusada por um cara de trianta e oito anos. Namorada do cara; você

sem celular, cê tem.. você pode tirar foto, você pode fazer o que quiser. Eu não servi de travesseiro”. A fa.. a pergunta dele foi tão maliciosa, foi tão maldosa, “o que você presenciou? O que você viu dos fatos?” Falo, eu narrei, falei, eu simplesmente dando aula, toca o celular da guria, quem que tá tocando.. quem que tá chamando? “é o meu namorado professor “X”.” Ela disfarçadamente desligou, tal, mas, conversou com o cara. -“Posso atender professor?” Eu fiquei quieto. Se não.. ainda mais, tinha acabado a aula, falei: -“Não pode atender.” Depois de desligar ela mesmo falou, falou: -“Não, professor “X”, meu namorado.”

Aí eu vi varias vezes, não foram uma ou outra coisa. Andavam na cidade junto, ela tinha bicicleta, os dois tinham então assim, todo o lugar sabia do envolvimento. Nós que ficamos errados por denunciar. Aí o doutor “Y” ficou vermelho faltou voar ni mim na hora. Falei: “Poxa gente, então, errado é quem denuncia, então errado não é quem comitê um crime”.. quem comete um crime, o errado é quem tá fazendo aquilo.

Então assim, aí eu percebi muita maldade, eu percebi o cara.. pegou um advogado que esse “X” arrumou era um pro.. foi um ex-procurador da prefeitura. Eu vi a força do dinheiro eu vi a força política.. eu falei: “há deixa pra lá porque (pausa)”. Foi assim uma coisa que eu falo, eu fiz justiça eu simplesmente fiz o meu papel de cristão ali, agora se é certo se é errado se.. o que aconteceu, o que vai a vir acontecer, que até em Sidrolândia [MS] parece que esse cara dá aula, então também lá ele tem envolvimento uma.. um dia eu conversando no facebook com uma ex aluna, há professor, tal, tal aí eu comentei: “Você conhece o “X”?” Ela falou: -“Eu estudei no Anhanduí [MS] uma época logo que o senhor.. porque o senhor saiu do Anhanduí [MS]?” Aí sabe aquela coisa? Eu perguntei: “Mas porque, por quê que cê ta falando?” Daí ela falou: “Não, depois o senhor sumiu do nada”; que nem os alunos sabiam o porquê que a gente foi mandado embora; do nada; cê tá, se vai.. cê vai procurar outra escola em Campo Grande [MS] aqui cê não trabalha mais. Foi da.. foi posto a disposição que é o termo né.

Removido ex ofício. Dai eu comentei sobre, ela comentou que era ex aluna, eu nem lembrava mais quem que era, ela falou assim: “há tal”; aí eu perguntei do

assim, eu falei: “cê conhece o “X”?” Ela falou: “Eu conheço.” E era até namorado dela. Eu não sabia. Aí eu falei assim: “há por causa do “X”. Infelizmente nos fizemos uma denúncia lá na promotoria, eu a A. C. e a C., essa denúncia terminou em pizza, parece que o cara tem ‘costa larga política’ tudo.. tudo o que nós denunciávamos parece que terminou em nada, num.. num se chegou na veracidade dos fatos, a mãe negou, todo mundo negou, todos os professores que eu coloquei, colocados como testemunhas negaram, diz que não era verdade, então, infelizmente a verdade dos fatos foi omitida.” Aí ela falou assim: “há eu conheço, mas o “X” é muito bom, muito gente boa, num sei o que..” Daí eu falei: “Há”, ao ela soltou. A conversa foi tão assim engraçada que no final ela soltou: “Não, ele é meu namorado, eu já fiquei com ele já. A gente namora.” E mesmo uma adolescente, igual cê vê, essa menina tem dezessete anos, mas já tem filha. Outra que começou a vida sexual muito nova, e a gente vê assim, que eu tentei nesse decorrer pra gente tens.. está convivendo na escola, eu tentei entender a história do cara. Que às vezes tem pessoas que chegam a isso, às vezes uma doença, uma carência tem; cada um tem seu motivo. Eu tentei saber a história desse “X” porque assim, ele.. ele tentar usar os alunos contra mim, colocar.. fizeram várias acusações falsas, daí então eu falei: “por quê? As pessoas gostam de mim. Nunca tive inimigo na escola. Por que que..” um dia eu sentei pra dar uma prova, eu encostei assim sentado aqui, pra dar prova na sala de aula, seus.. aí o.. a.. ao fizeram o registro que aí é orientado por esse “X”. Igual eu falei, depois que eu fiz a denúncia a situação na escola foi ficando insuportável. Toda hora inventava uma coisa conta mim, se eu atrasava cinco minutos, dez minutos fazia um registro. Daí eu fui percebendo. Daí eu vi que esse “X” pagava o lanche pra todo mundo, pra todos os amiguinhos dele do oitavo ano, pra todos alunos ele bancava, tinha uma conta na cantina ele sustentava; daí eu fui tentar entender, esse cara é casado a mulher largou dele, então assim, a gente acabou falando: “hó coitado infelizmente, vamos deixar de lado, vamo.. deixa que a justiça Deus vai fazer justiça na hora certa, a justiça divina vai acontecer porque eu até estranhei, mas, eu falei tentei não aprofundar não, que se eu chegasse a encrencar ou bater de frente eu ia acabar brigando com ele, eu ia chegar pra vias de fato. Então eu falei, porque num.. nas denúncias na SEMED colocaram

umas trinta pessoas assim e eu sozinho, eles me interrogando, perguntando, eu falei eu fiz minha parte, o cara lá fez.. fizeram bastante estudo, tentaram me provocar, eu fu.. eu afrontei ele várias vezes, falei: “rapaz cê num tem caráter, cê num deveria nem tá aqui, cê nunca deveria ser professor”. Cê se envolver com crianças, cê se envolver com aluno, tanta mulher solteira cê é um cara novo, cê é um.. cê tá solteiro, então cê tem oportunidade de namorar ou casar com qualquer mulher sem se envolver com menina de treze anos”. Então assim, ele desferiu palavras pesadas contra mim, eu também desferi contra ele, falei assim: “poxa eu posso atrasar, eu posso ter o problema que eu for, eu posso faltar uma aula, mas eu nunca teria coragem de fazer o que você fez”. Então assim, foi bem desagradável, eu fi.. passei colocaram o.. esse promotor o doutor “Y” lá procurador da prefeitura, fez.. sentaram me botaram na parede, fizeram várias perguntas bem desagradáveis, inverteram o pro.. o processo contra mim, tentaram me prejudicar, pra.. não quê quem é você, que moral que você tem, você atrasa, não sei o que, você falta, sabe aquela coisa.. eu não devia acabei acabando sendo investigado, sendo perseguido, a própria advocacia da própria.. da advocacia da prefeitura do.. do.. da SEMED tentou me prejudicar, a psicóloga tentou me prejudicar, ela tentava assim, eu via nas perguntas como tava sendo levado o processo, as coisas aquelas pergun.. aquelas perguntas com pegadinha , aquela forma de tentar te prejudicar, falei: “Meu Deus, onde eu vim cair”. Pra quê que nós fomos fazer essa denúncia então assim, tem situações na educação, eu falo eu adoro. É gostoso, você, cê tá falando, você vê o brilho do aluno te olhando, você convencer, você conquistar, você ganhar um aluno, acaba assim, a gente cria um entrosamento. Você cria uma amizade, acaba sendo querido pro aluno, o aluno querido por você. Você cria uma situação, uma relação social com o aluno, você cria uma relação de amizade, o transmitir conhecimento, ta vendo todo o dia, você num tem como ser frio, não tem como ser indiferente com o aluno. Então é gostoso, eu sempre gostei disso, de brincar, de conversar, às vezes de contar uma piada, mas teve situações nesses quinze anos, que eu falo: “Me pai, por que que tem que ser assim”? Por que, que de repente tem que ter tantos alunos na sala de aula? Porque nós temos que ter.. porque assim, é impressionante uma coisa, se eu tenho quarenta alunos numa sala de aula, se você deixa a sala de

aula bagunçada, se você deixa uma sala de aula bagunçada, inspetor, diretor, supervisor, tudo pessoas que estão alheias ao sistema não sabem o que é uma sala de aula falam o professor não tem domínio de sala. É fácil falar isso. Vai você numa sala de aula com quarenta pessoas, que cada um tem uma religião, cada um tem uma educação, cada um tem uma cultura, tem bando que não tem pai não tem mãe, necessitando desse país, desorganizado, criado por tio, por vó, criado na vida, criado no mundo, vai começar a.. a gente começa a conhecer o aluno depois de três meses de aula. Que aí uma coisa falam: “hó professor, esse aqui tá no conselho tutelar”. Aí o aluno te xinga, manda cê tomar no c*, por que que aquele aluno é assim agressivo? “há o pai vive espancando, há não tem mãe, foi abusado, não sei o que..” então assim, tem muitas realidades, muito duras pra gente enquanto professor.

E professor eu falo assim, você não é só professor, cê tem que ser policial, tem que ser psicólogo, cê tem que ser pai, cê tem que ser mãe, cê é tudo do aluno, menos professor. Infelizmente sala de aula é muito desagradável por isso. Porque você tem autoridade mas, ao mesmo tempo você não tem. Você conquista essa autoridade. Você vai ganhando com o tempo, você vai ganhando essa confiança do aluno com o tempo, você vai tendo é jogo de cintura, é jeito. Você não pode às vezes se exaltar, não adianta você bater de frente, não adianta cê ser autoritário demais, falar não.. vou ser.. eu não consigo eu ano sei ser ruim demais, não consigo ser autoritário mas tem horas que você é obrigado a ser pra você conseguir dar aula. Às vezes você tem que ser tradicional demais, você em que impor demais pro aluno ser carrasco. Falo: “poxa gente, eu não sei ser carrasco, mas se vocês querem assim, eu vou ser um professor ruim porque conversar não adianta, dialogar não adianta”. Então assim às vezes você demora vinte trinta minutos da sua aula pra chamar a disciplina, pra tentar deixar uma aula, uma sala quieta você consegue dez aula.. com dez minutos da sua aula você consegue, dez minutos.. eu falo assim, se eu aproveitei foi muito. Porque você gasta tempo com disciplina, cê gasta tempo com chamada, cê gasta tempo com tudo. Pra olhar a tarefa, hora que cê fala assim “eu vou falar”.. às vezes eu ate deixo.. poxa.. quando o professor tiver escrevendo, cêis podem conversar gente. Enquanto a gente de repente vê uma.. olha um caderno, cêis podem conversar. Tô vendo a tarefa de

um por um, vem na mesa ou a gente vai no lugar, cê fala: “a hora que o professor tiver explicando, cêis tem que tentar ficar quieto”. Só que não é todos que intentem, não é toda turma, não é todo mundo que colabora, não é todo mundo que gosta de você. Então assim, isso que eu falei é.. foi anos e anos assim, eu.. você parece que conquista, você parece que ganha essa confiança às vezes você perde, tem horas que você pisa na bola, você.. vão mal na prova, ou se você é muito duro com a turma tem uns que ficam com raiva de você. Então eu vi assim que, é um jogo de cintura. Você, como eu disse no início da entrevista, cê tem que ser meio que um camaleão. Tem hora que ou você é bom mas, também você tem que ser ruim, você tem que saber a hora de se impor, a hora de deixar, a hora de ajudar a turma. Então cê vê que a turma não atendeu é voltar à matéria, voltar conteúdo, revisar, de repente voltar tudo do zero. Tem hora que você.. infelizmente, as faltas é outro fator assim que prejudica muito o professor. Cê começa a trabalhar um conteúdo ou você começa a fazer uma revisão de prova ou você dá uma matéria, daqui a pouco cê vai fazer a chamada não tem nem um terço da turma. Ou vice-versa. Os alunos, por exemplo, do noturno é comum. Eles fazem um rodízio. Frequenta quando quer, assiste aula quando quer, não tá a fim vai embora, é meio que liberado a noite. Às vezes trabalha, às vezes tá estressada, ta cansada, às vezes não quer assistir aula, às vezes quer namorar, e aluno assim é engraçado.. do fundamental, sexto ao nono infelizmente comunidades carentes você percebe que, que o aluno vai na escola pra lancha, principalmente pra.. lugar miserável o Alves pereira que eu dei aula. Iracy Coelho, Moreninha, Dom Antônio; o aluno vai na escola às vezes porque não tem nem uma refeição em casa. Então é o único motivo dele ir pra escola. Pra ele ter uma merenda. Ter uma alimentação por dia. Outros vão pra brincar, outros vão porque o pai e a mãe obriga, então, principalmente criança ou.. tem alunos que não sabe o quê quer, ele não que nada com nada, então cê em que implorar pra pegar num caderno, implorar pra pegar num lápis, “vamo meu filho! Copia! Por favor vamo fazer, vamo estudar.”pai e mãe banana, tem pai e mãe que chega assim, cê fala poxa parece que não tem autoridade, não tem jeito, ou tem medo do aluno. É o que eu falei essa.. essa ECA esse Estatuto da Criança e do Adolescente, principalmente a LDB, aumentou o numero de carga horária, aumentou a

cobrança em cima do professor, aumentou a cobrança em cima dos pais, o Estado vem intervir na família, só que o Estado é uma péssima organizador é corrupto, é desorganizado, quê que o Estado tinha que intervir na família? Você tem que dar autoridade pro Estado quando um pai espanca um filho, quando o pai não é pai, quando o pai não paga uma pensão, tudo bem, mas eles interferiram tanto na família, tanto na família que se repercutiu na sala de aula. A gente assim fa.. a gente via a falta de autoridade dos pais, a gente via o medo dos pais de dar um tapa no filho, de repente quem manda no filho, de dar limite pro filho. Você conta tudo o que tá acontecendo cum.. cum.. cum pai na sala de aula com um filho; não estuda, briga, bate nos colegas, responde professor, não quer copiar, aí a mãe vira pra mim fala: “o quê que eu faço com meu filho professor?” eles não sabem. Tem mães que não cooperam infelizmente é a verdade. Tem pai e mãe que perdeu a noção, não sabe ate que ponto pode ser pai, não sabe.. às vezes já não tinha uma noção, às vezes já não teve um estudo, às vezes já não teve pai e mãe pra educar, e às vezes chega na escola e o filho apronta, ‘pinta e borda’ a gente narra o que tá acontecendo, eles deixam por isso mesmo, ou então quando não apelam pra gente. Cê pega um P. da vida.. tem certas mídias, certos meios de comunicação que fazem prejudicar a gente. Esses dias eu viu um.. um colega.. um aluno falando: “professor, já assistiu P.? O P. manda a gente filmar vocês então.. a professor que fica sentado na sala de aula e não faz nada e vira bagunça; filma o professor e depois manda pro prefeito, manda pro governador.” Não sabe o que é uma sala de aula, não sabe o que é você conseguir conquistar um silêncio, cê conseguir conquistar um momento de entrosamento, de todo mundo ter sua atenção pra você dar um conteúdo. Isso aí são anos, são jeitos, é.. é dinâmicas, às vezes tem que brincar, às vezes tem aula que cê vê que eles tão nervoso, tão agressivo com a prova, desmarcar uma prova, tem dias que cê chega que ceve que os alunos tão tensos, não tão a fim de nada. Tem dia que cê não pode dar nada, tem que deixar eles ‘à toa’, é.. são anos de profissão. Só assim.. são jeitos pra o.. então você vê tão muito tensos.. teve avaliação de eu pegar todas as avaliação e ver que ninguém sabia nada, guardar a prova que ninguém.. tinha dado vinte minutos da aula, ninguém tinha feito nada, voltar, fazer revisão, dar o conteúdo de novo, pra

depois de duas três aulas dar a prova. Porque se não é zero pra todo mundo. Se eu fosse intransigente, se eu fosse ser muito duro, se eu fosse, ditador ou totalmente assim egoísta no que eu faço, eu só reprovava alunos.

Primeiro ano que eu dei aula reprovei quatorze alunos. Mesmo assim, dessas turminha.. dava aula naquela comunidade negra São Benedito ali. Porque a gurizada só fica na rua o dia inteiro, o pai e a mãe não ensina, o pai e a mãe não sabe chegar em casa: “meu filho você tem tarefa? Vamo aqui fazer. Como é que faz. Vamo ver o conteúdo, o que você teve na aula?” o pai e a mãe não olha. Difícil o aluno, você vê o aluno. O aluno que tem dez não é um aluno especial, só é um aluno que tem família. Uma mãe e um pai que olha um caderno, uma mãe e um pai que sabe o que se passa, uma mãe e um pai que qualquer encrenquinha qualquer situação que aconteceu, vai na escola, é um filho amado. Um guri que é amado, que é querido, que pai e mãe estimula o conhecimento, estimula a construção.. o conteúdo, da gosto. Você fala: “gente que diferença!” quando você vê um aluno que tem família, que tem valor, que tem um berço, que tem uma religião e um aluno que não tem ninguém, que não tem pai, não tem mãe, criado por vó ou pai fez e abandono, ou a mãe solteira, tem que trabalhar. Às vezes mesmo com mãe solteira, situações assim que a gente vê que quando a mãe gosta do aluno, quando se preocupa por mais que seja o seu pior aluno, se você leva o problema e mostra: aconteceu isso, isso, teu filho não estuda, teu filho já é repetente, vai reprovar de novo, tá assim. Tem mãe que se dedica, tem mãe que se doa pela educação e ama o filho mesmo, mas tem pai e mãe que você fala: “meu Deus do céu, onde vai parar essa criança?” porque são pessoas assim literalmente abandonadas né. É triste a educação por isso. Tem que ter uma base, tem que ter um todo, comprometimento do diretor, do secretário, às vezes uma supervisora, do professor. Todos tem que querer auxiliar esse aluno. E se tem muito aluno na sala não tem como você dar uma aula. Se tem.. se você não tem um suporte, falo: “poxa olha esse aluno a história dele é assim, assim, assim. Professor tenta auxiliar, tenta ajudar, ele não teve base. Foi a vida inteira, primeiro ano segundo ano, ele sempre teve dificuldade com isso com aquilo. Quando você sabe tudo o que o aluno, a biografia do aluno, tudo o que o aluno passou a dificuldade dele. Porque se é gostoso num conselho de classe, por isso, então

as vezes alguma conversa dos professores, as vezes o guri é ótimo de matemática, só tira zero por que.. o professor.. mas como que cê conseguiu atingi-lo? Como que você conseguiu fazer com que ele aprendesse? “Há eu uso isso, isso; eu converso, eu brinco com ele”. Toda aula eu trago uma balinha pra ele, poxa, elogio ele, tem gente que precisa de estímulo, eu falei tem aluno que só aprende espancado de pai e mãe.”

Nossa, assim então, eu trabalhei numa escola, fiquei readaptado desde 2008, 2009. E aí eu fiquei, a gente ficava na biblioteca no Município normalmente cê fica na biblioteca e às vezes lá na hora do recreio eu ajudava porque como era uma escola pequena aquele João de Paula, uns predinhos ali; mas foi uma escola assim, os guri brigava muito na parte da manhã, eles tinha os pequenos agressivos, o diretor falou: “olha fica...” (interrupção na sala)

É eu vi assim, foi uma situação engraçada, o aluno pequeno, um guri de.. de.. de.. quarta série, como a gente tava no pátio, eu saí da biblioteca na hora do recreio o diretor pediu assim: “acompanha dá uma circulada na hora do recreio, e acompanha as crianças que as crianças menores mais perto, mais hiperativas ainda mais terrível ainda.” Dai assim, a gente falou assim olha.. ele falou assim: “a gente pegou esse guri, viu ele batendo nos colegas, batendo; o guri é agressivo, um comportamento extremamente assim, não respeitava ninguém, batia de frente com a supervisora, era agressivo com todo mundo, tinha autoridade, não se de.. não tinha autoridade.” Quando.. e aí eu peguei ele batendo num guri, separamos, brigamos.. falei não guri, não, fui duro com ele, falei não num pode fazer isso; porque cê ta batendo tanto no seu colega? Por que que o.. você é tão agressivo assim? Você vê a Ra.. a raiva o ódio, no olho dele, o jeito dele. A gente descobriu que o pai dele era policial e infelizmente extremamente ignorante, extremamente agressivo, extremamente assim estúpido, e toda a agressividade do pai, o pai batia, batia no filho; toda a agressividade do pai a criança (inaudível) lá. Então a gente vê esse bater, pra ver, esse pai batia na mãe, batia no irmão, batia em todo mundo, era aquele policial acho que já meio problemático, e interessante, ele num guentou e aí ele com gordura na roupa falei: “poxa vida, como que é, não tem como. Se a realidade que ele vive é essa, como é que ele vai refletir na escola uma

realidade diferente?” se na casa é na base da porrada, na base da bicuda, falava o pai, que só falava alto com ele pai que só na base do grito. Então assim, tudo que você, tudo que a ge.. tudo o que a gente via, comportamento na escola a coordenadora foi, conversou com a mãe, conversou com a avó, e sempre a avó, como pai e mãe trabalhavam, pai e mãe não eram muito presentes, meio ausentes, aí a vó contou, a vó soltou: “não, o pai dele é bem agressivo, o pai dele bate nele, o pai dele não tem conversa, é na base da porrada, é na base do grito, e daí a gente estranhou porque dá pena você vê um guri se espancando, espancando os coleguinhas da escola. Falava: “porque gente era uma dó aquele lá infelizmente, vai ter que ter muito cuidado, ter um cuidado especial, a gente tentar dar um carinho, tentar dar uma atenção especial pra ele, ver se ele”..infelizmente é um menino que a realidade dele é essa. Ele pode fica.. vir a ser pior, pode vim a.. acabar transmitir toda essa agressividade na, da família na escola. Então se ele não tiver um auxílio, não tiver uma ajuda, às vezes um, psicólogo, um profissional adequado; alguém na família num tentar auxiliar, ele pode virar um marginal, virar uma pessoa muito pior. Porque cê já vê de pequeno. Eu falo: “gente, agressivo, batia, batia, eu tive que tirar que ele bateu num guri, a gente pedia para, para, num parava”. Assim sabe que cê tem que tirar, separar um guri do outro, falo: “por que que cê tá fazendo isso?” agente tentava brincar, tenta conversar.. “quê que foi que aconteceu? o quê que, o quê que levou você bater no seu coleguinha?”. E era com todos. Aí a gente vai tentar entender. Aí cê fala: “poxa vida, é.. não tem como você separa, a sua casa o familiar do.. do.. numa escola de uma outra coisa” e se confundem esses papéis. Por isso que eu falo, as vezes o que mais me desgostou, o que mais assim me desagradou, o que mais me desgastou como professor foi isso. Cê tem que ter muito jogo de cintura, cê tem ser muito.. cê tem que assumir vários papéis. Não só de professor. Como falei, as vezes cê tem que ser um paizão, as vezes tem que ser um carrasco, as vezes tem que ser um psicólogo, as vezes tem que dar uma de policial com o aluno, as vezes tem que ser um ditador, as vezes tem que ser um pai bonzinho, já aquele banana. Tem coisas que.. tem que relevar muita coisa, passar por cima de muita coisa guentando muito desaforo, então assim, falo: “hô profissão desgastante! Hô profissão estressante!” falo: “nossa” assim, nossa.. tinha um

corpo perfeito, tinha assim uma dedicação com a saúde quando eu comecei a dar aula, mas parece que cê vai perdendo o gosto de cuidar de você.

Eu fui desenvolvendo depressão, de 2009 eu tive uma depressão forte, mas graças as Deus foi rápido, em questão de três meses eu saí. 2009, depois 2013 ela veio e veio mais forte. Só que também sarei. Só foi um pouquinho mais longa do que a de 2009, só que eu não levei a sério, você, infelizmente como às vezes a gente nunca teve, você não sabe como que.. você não sabe se você tá curado, você não sabe se teve um tratamento adequado pra ser curado. Eu tive em 2009, tive em 2013 nossa! 2014 tive terrível. Não é a toa que de lá pra cá assim.. de 2013 bem dizer, 2012 pra cá eu tive que começar a tomar remédio. Que aí ds.. aí eu desenvolvi, que eu descobri que eu sou bipolar, descobri, que assim que eu sou, que eu sou depressivo fui descobrindo coisas que eu acho.. aí falei: “gente!” Poxa fiz exames.. cê faz exame de tudo que cê imaginar. É audiometria, exame de vista, exame psicológico.. falei: “Poxa!” em 99 quando eu cheguei, na educação; tinha uma saúde perfeita, adorava brincar com meus alunos, era sorridente, era uma pessoa alegre, não sei.. a profissão vai te deixando amargurado, te deixa uma pessoa agressiva te deixa uma pessoa tensa, você assim vai ficando amargo da vida, cê num.. parece que você não consegue mas se você só.. na.. dar um sorriso pro aluno ele confunde. Não é todo aluno que você pode sorrir, não é todo aluno que você pode brincar, não é todo aluno que cê pode ser bonzinho, então nesses quinze anos infelizmente eu falo: “Poxa!” sabe quando parece que você do.. o.. o.. eu fico procurando em que momento? Mas tem momentos que você começa a olhar só o lado negativo, cê para de ver as coisas positivas. fala: “Pô!” sempre gostei de dar aula, sempre gostei da profissão, sempre foi gratificante; não foi meu sonho, não foi isso que eu planejei minha vida inteira, mas é uma profissão que eu gosto. Mas eu to perdendo o amor por dar aula. To perdendo o tesão por dar aula. Eu to perdendo o prazer em dar aula. Porque infelizmente hoje parece que eu tenho pavor, tenho medo de sala de aula. Eu não tenho mais coragem, eu não tenho mais vontade de dar aula de forma alguma. Diz que o próprio governador tá querendo que a gente volte, tá querendo voltar os readaptados pra sala de aula. Eu falo, uns cara acho que, um cara desse, um fazendeiro nunca deu aula, virou deputado tudo.. a gente

sabe da trajetória mas, um cara desse acho que nunca chegou numa sala de aula. Não sabe o quê que é uma realidade da sala de aula. Pra gente fugir.. sabe aquela coisa assim que você tem pavor, você foge; eu falo: “olha eu faço qualquer coisa”. Como readaptado você fica de Bombril. Já fui inspetor, já abri portão de sala de aula, já fiquei em biblioteca, você.. você fica de Severino, chega kit escolar, cê vai dividir.. vai distribuir kit escolar, se falta material cê vai, se falta Xerox, mandam você tirar Xerox, ninguém pode ver você parado, ninguém sabe o que te levou pra aquele quadro médico, aquele quadro clínico. Ninguém sabe o que aconteceu com você, acham que você é um vagabundo, acham que você não quer trabalhar. Ninguém sabe todos os stress, os choros, as noites perdidas, insônia.

Teve um tempo que eu comecei a ter dificuldade com sono, cê começa a ter dificuldade assim, em lidar com as pessoas, qualquer coisinha que as pessoas te fazem cê fica melindroso, cê acha que tá te ofendendo, cê acha que tá te denegrindo, cê acha que tá te humilhando, porque, sala de aula, ela deixa você amargurado. Eu achei até engraçado um.. o meu tio, esse meu tio que é professor, ele é professor e padre. Ele falou assim: “pode prestar atenção, a professo.. a mulher se ela fica mais de 10 anos, se ela não casou antes de começar a dar aula depois que ela... se ela for professora antes de casar, depois que ela virou professora ela não casa mais”. Porque é o que eu te falei, parece que a gente fica muito.. eu mesmo falei: “poxa!” eu não sou mulher mas, to quase no padrão desse quadro. E você fica muito rabugento, a gente fica muito intolerante, a gente fica assim, intransigente, intolerante, rabugento, parece que você fica mal amado, o que eu falei, a gente.. o humor, aquela alegria, aquela vontade de conversar, aquela vontade de estar com as pessoas, de socializar, ao contrário, cê escuta tanto grito na sala de aula, tanto barulho tanta bagunça que cê chega em casa cê quer silêncio. Cê chega assim num ambiente você não quer barulho, você não quer um ambiente movimentado, cê não quer um show, cê quer ir no máximo um barzinho, conversar com os alunos, quer no máximo um lugar no cinema, cê quer assim, parece que a própria necessidade de estar no mundo, de estar com os amigos, você vai se podando. Eu fiquei, eu era muito farrista, eu gostava muito de sair, fiquei extremamente caseiro, extremamente assim.. não sei se foi a depressão,

que levou a isso. Aí eu fiquei extremamente assim, só com vontade de dormir, extremamente preguiçoso, extremamente assim, desestimulado a praticar atividade física; corria, jogava bola, fazia academia, eu sempre fui hiperativo, sempre dei aula em três períodos, e todo mundo: “cê é louco dar aula em três períodos” Falei: “não eu gosto, eu faço”.

Por mais que às vezes a profissão pede, em questão financeira, mas eu tiro isso de letra! De repente poxa, a mesma matéria que cê dá de manhã, à tarde e a noite, não poucas as coisas que o aluno... depois que você tem um conteúdo na cabeça, questão assim de três anos de cinco anos, cê tem todo o conteúdo! cê sabe tudo sobre, precisa nem livro. Querendo ou não cê domina. Se você faz porque você gosta, eu fazia com prazer, tem matéria que eu sei décor, quase cin.. mais de cinco anos fora da sala de aula, mas eu sei. Se você perguntar eu escrevo, eu explico, eu falo. Porque eu fazia com prazer, eu fazia porque eu gostava. Hoje não, eu já não vejo por esse prazer, eu sinto desestimulado, eu já não sinto necessidade de trabalhar com sala de aula. Eu pro.. eu trabalho.. que nem aqui, aqui o trabalho é com aluno. Readaptado você esta num.. no ambiente escolar. Você favorece o aluno de todas as formas. Cê tá fazendo uma matrícula, você conversa com os alunos, se tiver alguma.. alguma briga, alguma coisa, às vezes a gente se envolve, a gente tenta ajudar, mas não é a mesma coisa. Eu falo, a sala de aula, acho que foi tantos anos de tensão, de nervoso, de tantas situações conflitantes que eu passei, que eu falo, não sei. Hoje eu já não tenho mais aquele estímulo pra ir pra uma sala de aula.

Eu lembrei um dia à noite, por isso que eu falei, são muitas situações. São poucas conflitantes. Tem muitas coisas boas que a gente guarda, mas infelizmente, parece que as negativas marcam a gente pra gente não querer voltar pra sala de aula. Um dia à noite, em 2001, logo que eu comecei; comecei em 99 no estado aqui, aí em 2001 pediram um professor pro.. pro lado de história, eu fui dar aula lembrei, de filosofia e de história. Chega lá um belo dia, eu chego na sala de aula trabalhando, o guri tá no último lugar com o pé na carteira, falo.. daí eu falei, e é o que eu falei eu sempre fui gozador, brincalhão nem.. era entrosado, brincava, zoava o aluno, às vezes o aluno brincava com a

comigo, levava na esportiva, eu cheguei e falei assim: “olha que situação é essa? Cê tá na sua as.. cê tá na sua casa, parece que cê tá na sua sala de estar. Pezão na carteira, que vida boa é essa?” e o guri stressou comigo. – “Que nada que num sei o que, cê cala sua boca se não eu vou te pegar na saída”. Falei: “como que é o negocio?” – “vou te pegar na saída”. Falei: “meu filho, vem aqui agora, não tem nada na saída não, cê quer me pegar vem aqui. Vamo resolver isso agora”. Quem disse que esse guri veio? E é eu falei, não sei, se é minha educação.. eu sou italiano com baiano, minha descendência. Eu.. eu tenho sangue quente. Eu não sou muito de boa.. eu falei eu, eu acho assim que foi um milagre nunca ter acontecido nada de mais, eu nunca ter batido num aluno porque, é o que eu falei, uma pa.. a sala de aula é uma panela de pressão. Cê passa por situações que tem hora que cê fala: “meu Deus!” tinha situações que eu ia pegar o.. saía da sala de aula, ia pegar um, ia tomar um cafezinho, ia beber uma água, saia uns dez minutos pra não aproa ninguém. E nesse dia esse guri assim, me tirou do sério. Àh eu falei: “guri (o nome dele)!” Até encontrei com o irmão dele esses tempos, o irmão dele casou, trabalha na secretaria de saúde, falou, vamo lá visitar o Murilo, falei não, acho que eu não to preparado ainda não. Deixa passar mais um tempo, deixa se ele aparecer mais, eu fiquei chateado com isso, daí eu: “vamo, vamo!” ele não veio. E eu fiquei tão nervoso, tão nervoso que eu falei, eu fui e liguei de um orelhão, tinha um orelhão perto da escola, liguei pra polícia, tinha polícia militar.. Falei: “olha, eu vim aqui, uns 60 km por dia pra trabalhar, não é fácil, não to aqui pra brincar, infelizmente esse guri me ameaçou falou que ia me bater, falou que ia me pegar na saída, falei assim, to muito nervoso, isso me deu muito stress, muita raiva. Poxa eu vim aqui pra ajudar, eu to aqui como professor, eu não vim aqui pra desafi.. afrontar, não vim pra desrespeitar, eu cheguei ele tava na sala de aula com os pés na carteira, todo tranqüilão, aí eu perguntei que.. que situação é essa, falei você tá na sua casa? Porque dessa situação? O guri me afrontou queria me bater. E na hora que eu chamei, eu falei, já que você quer me bater vem agora, vamo resolver isso, ele não veio”. Só que eu falei vou registrar, eu sou funcionário público e estou no exercício da minha profissão. Desacato é crime. Independente dele ser preso ou não, se vai dar um processo ou não, eu falei, eu vou registrar porque respeito.. eu nunca

desrespeitei com ele. Então assim, se ele partiu, se um o.. primeiro eu converso, eu vou chamar a atenção dele independente de brincando ou não. Eu vou advertir, ele já vem com a agressão, falei, se você deixar uma vez, aí o negócio.. você perde sua autoridade também. Ai eu registrei, a diretora não gostou, outra covarde, aí ficou com raiva de mim, que eu não devia ter feito isso, não era pra tanto. Acho que ano foi ela que foi chamada pra porrada, não foi ela que foi ameaçada né. Então assim, você não tem ninguém. Se a pessoa quer te defender, se o diretor vai com a sua cara, é uma coisa, mas professor, você é sozinho na escola. Você aguenta situações de humilhação, de vexame, de constrangimento, de assim, de desrespeito que eu falo: “gente” profissão nenhuma aguentaria o que a gente aguenta. Eu imagino o que um policial tem que passar. Porque a gente que não lida com arma, a gente que lida com o público guenta isso, eu falei, imagina um policial que só lida com vagabundo o tempo inteiro. Falo: “gente” acho que eu nunca serviria pra ser policial. Professor quinze anos eu to dando ‘PT’, eu falo quinze anos eu não guento mais dar aula! Não tenho mais pique, eu não tenho mais vontade, eu não tenho mais estímulo, perdi todo o tesão, perdi toda aquela vontade, todo aquele carinho, aquele sonho de fazer um mestrado, sonho de fazer um doutorado. Pra quê que, pra eu ser assim, (inaudível) benza Deus eu não falei que cê ta fazendo seu mestrado pra agora, mas, eu falo: “poxa!” se eu ganho bem graças a Deus, quê que eu vou fazer com 5% a mais, cara.. cinco anos de funcionário público que eu tenho é meu quinquênio. Então assim, o Estado não te estimula a estudar. A estrutura da educação é covarde, ela não tem vontade alguma de fazer com que o seu servidor cresça, intelectualmente, que ele cresça profissionalmente, é ao contrario. O que puderem te prejudicar, o que direito seu, se você não for atrás, ninguém vem te oferecer. Direito. Às vezes eu falo: “poxa” cadê? O Estado e o Município deveriam oferecer o próprio mestrado, o próprio doutorado, pago deles. Ou que a gente pagasse 50%. Cadê que existe? A própria pós-graduação quando eu fiz, era entre aspas, de graça na federal de Aquidauana. Assim a gente gastava, mensalidade cenhão por mês é irrisório, é muito.. porém gastamos. Gastávamos com combustível, gastávamos com almoço, quando tinha apresentação de trabalho à noite, gastava com hotel, dormia lá. Então assim, nossa! O que eu Ca.. o que eu me desgastei, o

que eu me joguei, o que eu investi na pós, falei poxa, eu não ach.. eu imagino um mestrado, um doutorado. Falei: “pra quê gente?” pra.. pra nada? Uma universidade federal uma universidade particular, se você tem muito título você fica caro como professor, eles não te contratam. Se você já chega com um mestrado, um doutorado, não tem quem te pagar quinze mil, vinte mil, trinta mil por mês, não vão querer. É ao contrario, eles só contratam professores quando o MEC tá em cima, precisa daquela titulação pra aprovar uma faculdade. Depois que foi aprovado eles fazem de tudo pra cortar custos, pra te mandar embora pra você ser um profissional barato. O recém formado pegam pra dar aula um professor com pós, pegam pra dar aula. Um professor com mestrado doutorado se cê não tiver um ‘QI’ na universidade, se cê não tiver um contato, se cê não for um.. um ótimo profissional, igual essa vez o nosso diretor, passar nos primeiros lugares, esquece que você vai dar aula numa universidade federal. Porque é muita máfia, muita manipulação a gente vê assim, muito ‘QI’ se nas públicas você vê isso, imagina nas particulares.

A gente vê, eu vejo vários colegas que estão trabalhando em universidades, ou já ficaram, pegavam das melhores das turmas, pegam o aluno não sabia ler, ou você tem que ter algum contato ali dentro. Eu já tentei dar aula assim, achava engraçado, falo: “pô” você vê o.. o puxasaquismo eu falei: “poxa” tinha.. quando eu fui fazer pós até a menina serviu de menisco a professora Isabel. Fez de tudo pra não.. me esnobou, precisava de professor mas, nem com.. não contratou. Assim, eu vi uma certa dificuldade, aí eu vi os padrinhos políticos, eu vi aquela questão de querer puxar saco, querer que baba o ovo, bajula pra dar aula; falei: “gente eu não vou servir pra tá na Federal”. E às vezes numa particular também principalmente, você vê assim, aí tem professor que dá nota, tem professor que.. os professores bons das particulares, os que são ‘Caxias’ são os que são perseguidos eles preferem professor que dá nota, professor que às vezes consegue ter um jogo de cintura, tem um bom andamento. Daí eu falei: “não larga a mão”. Se Estado, Município, particular eu já passei por tudo isso, falei, faculdade a gente fica sabendo. Não são todos, mas uns colegas que são da UCDB chegaram pra mim contaram. Quem foi acadêmico, que a turma tem professor lá na UCDB. Eu falo: “gente do céu” a gente pensa que é só no Munic.. que é só no médio, só no fundamental que tem isso. Não. Meu tio

dava aula na UCDB por quinze anos, falou, cansei de chegar pra dar aula à tarde na turma de economia, os caras bêbados, turma de direito às vezes os caras drogados, então assim, não tem, é.. a educação como um todo é uma bomba elogio, é uma situação assim, que você vive em constante stress, constante nervoso, raiva; tem hora que cê tem vários louros, várias alegrias mas tem momentos assim que cê só tem decepções, cê só tem desgosto, cê fala: “poxa” por que que tem que ser tão desvalorizado, por que que tem que ser tão desacreditado, infelizmente a gente até sabe.

Nossos governantes, quanto mais ignorante, quanto mais manipulado o povo, mais fácil pra eles ordenarem. então de forma alguma, os gestores, governantes, deputados, governadores, presidente da república, o prefeito eles não investem em educação. Ao contrário, o que eles puderem.. investe em segurança, investe em obras, investe em tudo. O último lugar que eles vão ver é a Educação. Onde mais tem verba, que é a educação e a saúde; onde mais desviaram verba, onde mais é roubado, onde mais é sonegado as coisas. A gente vê contratação de kit escolar, contratação.. compra de notebook, você vê superfaturamento, você vê tantas coisas erradas. Tive colegas, diretoras que nessa escola, no Nova Lima, que eu dei aula, é virou.. uma professora.. uma professora excelente, ela é inspetora de alunos, falei, ela é inspe.. ela é coordenador nossa; do nada ela virou diretora dum.. depois de uns cinco anos que eu dei aula na escola fiquei sabendo que ela virou diretora. Aí foram fazer uma investigação no andamento da escola, tinha comprado um pregador de dois mil reais. Tiveram que exonerar; desviando verba. Então assim, é complicado.

Só que quando você às vezes dá um voto de confiança, quem você acredita que vai ser um bom profissional; ao contrário, chega ali vai fazer igual aos demais, vai se aproveitar do poder, vai roubar. São poucos gestores sérios, são poucos gestores que se preocupam com o professor, que se dedicam ao professor, são poucos gestores que estimulam a educação, que se você tem um diretor que tá do seu lado, pode vir o ‘mundo e o fundo’ se você sabe, aconteceu isso.. isso.. e isso, fui duro com o aluno, precisei ser duro com ele, foi mal na coisa, tem que reprovar, ou então, peguei pesado com ele na escola.

Sai da sala de aula.. o direto.. o aluno sai da sala de aula, vem pedir, o diretor fala a mesma língua que o professor nunca esse aluno vai bater de frente com a gente.

Se você tá numa escola que o diretor é banana, você fala lá, o diretor vem aqui passa a mão na cabeça: “não, não é assim eu vou falar com o professor”; não! Independente do que o professor falou você tem que protegê-lo. Única pessoa que a gente precisa que proteja a gente é o diretor. Uma vez que você está errado, não que a gente nunca tem.. comete erros, uma vez que a gente errou, lógico que tem que ser cobrado, lógico que tem que levar a uma série.. a uma gestão superior, uma instância superior. Mas, se a gente enquanto professor, se você não tiver alguém na escola do seu lado – que às vezes eu falo que principalmente diretor – se você não tiver profissionais que colaborem com a.. a dinâmica escolar pra te estimular, pra te apoiar; se o aluno tá matando aula, vem o inspetor falar, se um aluno não quer estudar tá batendo de frente a diretora.. aqui o sistema é assim.. assim.. assim. Se você não quer estudar, se você não tá a fim, poxa, procura outra escola ou vai fazer outra coisa da vida, vai ter uma profissão; às vezes cê pode desenvolver outra.. várias profissões sem estudo. Então assim, se a gente não consegue mostrar para o aluno que a gente quer um trabalho sério, que a gente tá ai pra trabalhar, ta ali pra ensinar; se você num.. num tem em nenhum aluno o eco disso, uma resposta disso, uma ajuda, um feedback que eu falo assim, se você perceber na educação que é um.. tudo que vai volta. Nunca o professor tá pronto. Nunca você vai tá pronto. Você vai tá sempre tendo que investir. Mas eu digo pro aluno, 50% de tudo o que eu sei, de tudo o que você aprende depende de mim, só que 50% depende do aluno. Se o aluno não quer estudar, se o aluno não tá a fim, se o aluno não se dedica, se o aluno não faz a parte dele, eu posso ‘plantar bananeira’ ali na frente, eu posso ser o melhor professor que já existiu, nunca ele vai aprender, porque ele não quer.

Eu falo pro aluno: “gente” tudo o que eu puder fazer por vocês eu vou fazer. Só que vice versa. Se vocês não fizerem a parte de vocês, meu trabalho é em vão. Eu to jogando pérolas aos porcos. Eu to jogando todo o meu conhecimento se.. e vocês não querem aprender. Então é uma profissão assim, falo.. difícil,

delicada. Tem que gostar, tem que amar, tem hora assim que a gente vê uma utopia. A gente sonha com... quer uma educação melhor, sonha com uma educação séria, com uma educação melhor, com uma estrutura, com gestores, com pessoas que se dedicam nisso; só que tá muito difícil. A realidade do.. do.. do que é sonhado do que é a realidade se a gente pegar o exemplo acaba sonhando com uma utopia porque vontade, dinheiro tem nesse país. Vontade o professor até tem mas, é o que eu falei, você começa com a força toda, você recém formado, você tem tudo pra se dedicar, a gente dá o sangue pela profissão mas no desenvolver, no desenrolar da carreira no desenvolver da nossa profissão a gente tem tanta 'porrada', tanto desestímulo, tanta falta de incentivo, tanta falta de colaboradores pra estimular ou pra tentar facilitar essa prática nossa que invés de facilitar às vezes tem pessoas que dificultam que nos frustram que vão contra de repente, a própria educação, ou seja surtar aí só o dinheiro, só o porquê o cargo paga, só por interesses pessoais, num pensa na coletividade, não pensa no aluno, não pensa no todo; se a pessoa não se desprende de si, se ela é muito egoísta, não funciona. Infelizmente é uma engrenagem assim a escola, eu falo, uma engrenagem perfeita do que é a sociedade, mas se todo mundo não 'vestir a camisa' infelizmente... olha a sociedade como tá a gente tem profissionais que preferem crescer, preferem prejudicar um país, prejudicar uma nação, desviar dinheiro de merenda, desviar dinheiro de escola, desviar dinheiro de obras, porque o nosso país é um país da impunidade, é covarde você ver um Joaquim Barbosa ministro da STF (Supremo Tribunal Federal) dizer o seguinte: "você quer honrar os meus 30 anos de vida pública dedicada à seriedade, a honestidade, a ética, a moral, não votem no PT (Partido trabalhista). Você fala: "poxa gente!" que adianta você dar a vida por uma causa, se você não encontra eco na sociedade? Os próprios ministros do STF falam: "nossa lei de combate à corrupção nesse país ela é covarde, ela é.. ela é uma piada". Uma pessoa comete uma corrupção; olha agora a 'Lava Jato' 5% do que os caras roubaram se devolver recebe uma delação premiada, então assim, é conveniente, é fácil, é estimulado a pessoa ser corrupta nesse país.

A pessoa que é mau caráter, a pessoa que desvia verbas, a pessoa que enriquece de forma ilícita ela não é penalizada de acordo com os rigores da lei,

sem.. são muitas brechas na lei que as pessoas falam: “Quê que isso tem a ver com a educação?” Eu falo: “Tudo.” Infelizmente, olha aí os trezentos e sessenta bilhões que o PT desviou da Petrobrás, foi roubado da Petrobrás esses bilhões, é o que.. tá cortando na educação, tá cortando na saúde, tá cortando na segurança pública, é o que corta infraestrutura, é o que não vai pro ensino com a pesquisa, não faz com que o país cresça né, que o país tenha respaldo em termos de pesquisa, de conhecimento, em termos assim, de estímulo à educação. Não tem estímulo a educação. Infelizmente é mínimo. A gente vê assim, entra governo, sai governo, pode ser PT, pode ser PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), até o PSDB (Partido Social da Democracia Brasileira), não tão preocupados; eles querem mostrar obras, querem conseguir votos, querem enriquecer, e não tão preocupado com a educação como um todo. Quando a gente tiver governantes que se preocupam com a educação, quem sabe esse país pode ser melhor né. É triste, mas é a realidade.

Então é isso. Professor gosta de falar, mas falar da gente que é difícil. Em alguns momentos eu vou falando; falar de você é difícil a gente vai num.. a gente vai.. acho que vai, quando cê vai falando da profissão cê acaba se mostrando quem você é.. se confunde. Mas é complicado. Eu falo: “olha..” são etapas na vida.. depende. Tem dias que a gente tá melhor, tem dias que a gente tá mais fechado, tem dias que a gente vai conseguir expor bem o quê quer. Mas que legal. Assim o que eu falei aqui foi mais um desabafo mesmo, mais as angústias. Nossa! Ninguém te ensina a dar aula.. você aprende conteúdo você aprende uma metodologia, você aprende correntes, você simpatiza por algum escritor, algum intelectual, alguma corrente, e compra aquela ideia, mas sala de aula, nossa! Ninguém me ensinou a dar aula, você aprende a dar aula infelizmente na sala de aula. E aí é doído, é um ambiente cruel.. que aí cê num tá pronto. Nossa, nos primeiros anos que eu dava aula, tremia, tremia, tinha.. formigava tudo a perna, gaguejava, não sabia o que falar, então assim, é aí por aí que você vê a segurança vai vir com o tempo você se preparando, você gostando, você investindo, você.. só que eu falei, ao mesmo tempo que você vai crescendo parece que intelectualmente, à medida que cê vai avançando, são tantos desafios, são tantas frustrações, são tantos

embates, são tantas muralhas que você encontra assim, que cê.. tem horas que cê bate nuns assim que cê sente atordoado... será que é meu lugar? Será que eu tenho que estar na educação? Será que se eu estivesse no Direito não estaria melhor? (risos) Falei, vou me dedicar a concursos. Eu me dediquei vários anos, eu dediquei mais de sete anos da minha vida a concurso público. Só que pelo fato de você estar trabalhando na sala de aula, pelo fato de você estar envolvido no trabalho, você não tem aquele tempo pra se dedicar, eu sempre fazia nas horas vagas, falei: “caramba!” ou eu larguei a educação e vou me dedicar a concurso, ou infelizmente eu vou ter que dar um cha.. fazer os.. fazer.. eu vou ter que fazer milagre pra passar no concurso. Porque cada vez vai piorando a nota, porque cada vez concurso é mais difícil, e você não é como um profissional, como um clínico geral, pode ver no próprio médico, não existe mais clínico geral, imagina o professor! Você não tem como saber tudo, por mais que a gente tenta ter as especialidades, no todo você nunca vai saber. Então cê tem que se especializar e ser bom na sua área, se não.. ser assim mais específico né. Quanto mais você tem a visão geral do todo.. eu lembro, igual eu falei, trabalhar geografia, trabalhar, outras matérias eu via dificuldade de você ser um polivalente, então não adianta eu querer saber tudo.

Em 2009 meu CID (Classificação Internacional de Doenças) eu descobri, acho não sei.. que em função eu descobri que tinha nódulo nas cordas vocais, meu primeiro.. meus primeiros CID's foram por causa da garganta. Eu.. a voz foi ficando com afonia né. Voz, nódulo nas cordas vocais e 'disfonia' crônica. E é o que eu falei, como num.. até hoje eu tenho dificuldade 'fonal'. Aí em dois mil e.. de 2012 em diante que aí eu falei, desagra.. desagravou, eu senti forte a depressão, aí de 2012, doze, treze, quatorze, é.. três anos pra cá foi depressão. E eu não sei se foi os próprios remédios fortes que eu tomava, remédio a base de corticoide, eu tava até tentando fazer um es.. tentando fazer uma relação pra eu tentar entender, não sei se os remédios que vai mais de.. vai mais de dez anos eu tomando os remédios pra garganta, fono Allegra D*, antibiótico e tal, também eles agravaram ou vieram a levar a depressão. Que é o que eu falei, a profissão me levou a ficar sedentário, o estresse, foi vários problemas emocionais, então foi juntando tudo que tinha na frente, em vez de

melhorar que eu piorei, foi.. culminou com a depressão. Que aí eu.. parece eu tenho pavor sabe, parece que eu to com medo sabe, é uma insegurança, é uma coisa assim que no decorrer do coisa é difícil, por isso que eu narrei, são coisas que eu passei, que eu falo: “gente!” eu era novo, tava recém formado. Será que eu hoje, eu guentaria passar por tudo o que eu passei, pelo estresse que eu passei, parece que sabe, você começa.. não sei se é sofrer por antecipação, mas você começa a querer fugir daquela realidade, você começa a se prevenir, a se.. evitar aquele constrangimento que você passou de novo, fala poxa.. um pouco de medo, um pouco de receio de.. em trabalhar de novo.

Nós somos mal vistos e mal ‘quistos’ pela estrutura governamental em âmbito federal, municipal, nos damos despesas, nós estamos em outra função que poderiam gastar menos, poderiam pagar dois três profissionais, mas não vê que foi toda.. todo o nosso suor, toda.. enquanto estávamos saudáveis.. foi a própria educação que nos levou a isso foi o próprio desenvolver.. desenvolver da profissão, dedicação à profissão que fez com que ficássemos doentes. Vai provai isso, vai colocar isso na cabeça dum governante que nunca entrou numa sala de aula. Eu fui ver as estatísticas e diz que tem uma media de três mil profissionais, professores no estado e três mil no município, falo gente.. é muito! Se você analisar é pra mim, eu falo, eu analiso friamente; um professor tinha que ficar quinze anos na sala de aula, depois a própria profissão poderia nos levar a serviços administrativos e porque, quinze anos você deu o seu sangue são poucos.. eu tiro o chapéu, eu vejo tem uma professora.. tem uma professora maravilhosa que se até depois eu achar o telefone dela eu te passo, ela assim, ela tem esse jeito, ela é dura mas ela tem um jeito de dar amor de conquistar o aluno que eu falo, professora há trinta anos na educação; eu falo olha.. quem dera! Professora Zezé, quem dera eu chegar onde você chegou. Como que você consegue? Porque se o aluno responde, se o aluno brinca na aula, “cê vai falar isso pra senhora sua mãe que te pariu rapaz entendeu?” Ela é dura, mas ao mesmo tempo ela consegue sabe duas pessoas, ela consegue ser a amável, a professora carinhosa, “o meu amor e tal..” Mas se desacatou ela, a mulher vira um bicho. E ele tem um jogo de cintura, disse que: “eu nunca tenho um atestado professor, meu único atestado foi quando eu tive o meu filho”. Falo: “hô Zezé quem dera” eu não sei. Falo pra ela isso, que eu não

queria viver de atestado, não queria viver doente, mas infelizmente foi o único recur.. foi o único artifício que eu tive de uns anos pra cá. Se ano eu ia ser exonerado. Se não tudo o que eu dediquei a minha vida, tudo o que me prontifiquei a fazer, eu ia se.. eu ia perder e ficar no mundo aí sem rumo, sem estrutura, sem profissão, sem salário, eu vou fazer o que da vida? Eu dediquei vinte anos da minha vida pra fazer isso eu só sei fazer isso. Agora com quarenta anos eu vou começar a fazer o que da minha vida? Então eu tenho essa angústia, tenho essa dívi.. o.. lado financeiro, o lado afetivo o lado profissional, junta tudo. Cê fala: “meu Deus!” onde eu vim parar, eu falei várias vezes, onde eu vim parar. Porque a educação? Mas, amém. E a Zezé professora, ela ta trabalhando.. ela aposentou num período e tá trabalhando. Ela trabalha com a quarta os pequeninhos e a noite dá aula de língua portuguesa. Então ela trabalha tanto com os pequeninhos quanto com os grandões. É uma professora maravilhosa.

Às vezes é até readaptado, mas às vezes é uma experiência ou um caso às vezes, pega essa conversa com seu orientador e pergunta fala assim uma das situações que dá um exemplo maior, às vezes ate um fora disso mas cê vai ver é.. eu calculo a média de 30% dos profissionais se não for mais, se eu não to enganado que estão nessa situação, que chegam e tá chegando mais rápido. A gente que é mais jovem, a gente não tá aguentando como estava antes. De primeira ela falava, tinha a palmatória, o professor podia ser autoritário, o professor podia ser sargentão, hoje não, querem que gente ‘seje’ tudo menos professor, não.. tiraram toda a nossa autoridade da sala de aula, tiraram no.. todos os nossos instrumentos que a gente tinha pra nos defender. Hoje a gente tá ‘largado no oceano’, ‘tá largado no mar’.

É faz parte, se não tiver pessoas com coragem de falar, como é que vai ter um material de pesquisa, e como vocês podem nos auxiliar. Porque às vezes quando tiver pronto um livro uma monografia dessa, pode até auxiliar a gente. Vocês podem ter sugestões, dinâmicas, formas, de.. de interagir com outros colegas que estão nessa situação pra um ajudar o outro. A gente espera que melhore né. Foram onze anos, tá piorando e ninguém tá vendo isso. Gestor nenhum ta ligando. Eles se sentem prejudicados pelo lado financeiro, mas o

gestor não quer olhar com olhos sérios, de gestor que são profissionais que precisam nos dar auxílio. A gente tá gritando por SOS, pedindo socorro. É necessário. Tem coisas que assustam. Tem o Thiago amigo do meu tio, que ele tá nessa mesma situação que você. Ta terminando a faculdade não.. ele não vai entrar no mestrado, mas é umas coisas que eu narrei pra você, umas situações que eu narrei pra ele, falo cara isso assusta! A pessoa fica com medo. Falo não, pelo contrário a gente não fala pra ficar com medo, mas não adianta eu ser covarde, tem que falar os prós e os contras pra você saber a realidade porque, pra você falar não: “estou indo pruma barca furada”. Se todo mundo me falasse o que eu ia enfrentar, eu acho que eu iria enfiar a cara mais dez anos nos estudos, mas não teria coragem de vir pra educação. Então assim, eu não fui alertado. Então eu falei assim, você tá fazendo, parabéns pra você e parabéns pro professor orientador porque, vocês estão fazendo.. vocês estão sendo os nossos porta-vozes nesse mostrar o que tá acontecendo com a gente. A gente tá simplesmente ficando doente ficando assim, extremamente ignorado, excluído da sociedade e num tem ninguém, nem voz, nem vez pra expor isso. Não é querer infelizmente a gente foi jogado pra essa situação de doença em função da profissão.

Foi uma satisfação participar.



Dados de Identificação do Entrevistado (a)

1. Nome: Maria
2. Área de Formação: Pedagogia
3. Cargo/função: Auxiliar de coordenação

Então a questão é que o readaptado é um mil e uma utilidades, é um faz de tudo. Quando falam readaptado é como se você não fizesse parte daquele grupo, você é descartado. Aqui mesmo, é o faz nada, às vezes eu ouço, ah fulano não faz nada, e eu particularmente das 7h da manhã já chego para chamar aluno, é dar recado para não sei quem, é tirar xerox, é liberar aluno para ir embora, telefone, dar pitaco, ligar para mãe, atender aluno que está doente, entregar material escolar para os alunos. É tudo! E ainda tem alguém que fala que você não faz nada, então não tem valor dar aula, não tem assim uma, uma recompensa, algo como ela trabalha bem, ela ajuda, eu pego livro, vou tirar cópia, tudo assim então você não tem valor. Eu não ligo para que os outros falaram, mas eu estou falando o que eu estou sentindo, só que eu não vou ficar me lamentando por causa disso, ficar reclamando, eu faço meu trabalho, eu faço minha obrigação. Quando coordenadora não tá aí, diretor não tá aí, vou ficar lá sentada, eu não! Eu sozinha, eu faço meu trabalho, eu não faço para alguém ver meu trabalho, para mostrar que eu estou trabalhando, eu trabalho independentemente de alguém estar me observando ou vendo que eu to fazendo, eu vou levando, não vou me matar por causa disso, não vou morrer por causa disso.

Eu morava com minha mãe e ela faleceu, eu sou uma mãe solteira tenho um filho e eu morava junto com minha mãe e meu pai, e eles até ajudavam e até comecei a trabalhar, ficavam cuidando meu filho para mim até que meu filho estava com 12 anos quando ela faleceu, então ele se apegou muito a ela e a

meu pai, e meu pai também faleceu primeiro, depois foi a minha mãe. Foi então que eu fiquei doente, fiquei em depressão, não aguentava ficar em sala de aula, e até então que fui ao psiquiatra, aí fui até a Dra., comecei a conversar com ela e ela me contando, eu não pedi para ela para eu sair da sala de aula mas ela viu minha situação... não você não vai mais, você vai ficar readaptada, você vai sair, vai para secretaria. Saí e vim para a biblioteca, só que quando eu vim para cá, eles jogam você para tudo quanto é canto, vou para secretaria, fui para biblioteca, fechou a biblioteca, fui para coordenação, eu pedi para ir de manhã, era de manhã que até era a M. H. que era a diretora e eles falaram tá tudo bem, passei para de manhã fiquei na coordenação e estou até hoje lá, auxiliando lá a coordenadora.

Readaptei em agosto de 2006, não sei, eu não posso voltar mais para a sala de aula e também não posso pegar outro período, porque sou readaptada, trabalho a tarde para ganhar um pouco mais, então só posso de manhã.

Eu tenho graduação e lecionava da 1º a 4º série de todas as matérias, dei aula para o 1º ano, 2º, 3º e 4º. Em 92 eu assumi o concurso e até 2006 eu dei aula. Faz as contas aí. Eu estava grávida do meu filho, eu assumi o concurso daí ele nasceu em 92 e ele tá hoje com 22 anos. Tirei atestado sim, eu fiz a cesárea e me deu um problema de coluna que estou até hoje fazendo tratamento, então foi algo muito sério, estou fazendo tratamento faço hidro, tomo todos remédio. Agora estou readaptada vou ao médico, levo os exames, os remédios que estou tomando, tudo que eu faço, mostro para renovar minha readaptação, de 6 em 6 meses tem que renovar, passa pela junta médica e renovar.

Readaptei em 2006 foi por conta da depressão. Hoje não voltaria para sala de aula porque não tenho mais aquele pique, se fosse voltar, iria pegar minha área que é de 1º a 4º série, fiz graduação, mas fiz a graduação em séries iniciais, então aí eu não tenho mais paciência com isso, com aluno não, aqui é uma escola de ensino médio. Mesmo se eu quisesse eu teria que voltar para o município, e eu fui convocada, eu só tenho no Estado [concurso].

Ser professora hoje é muito difícil, porque os alunos não obedecem mais, nem professor, nem diretor, nem coordenação, nem nada, são muito rebeldes, e também isso vem da criação, se não obedece pai e mãe, não vai obedecer lá

fora, professores e autoridades sobre eles, então eu acho que professor sofre muito, tinha que ganhar muito bem, não ganha bem para enfrentar, infelizmente.

A coordenação procura ajudar o professor, porque só quem tá em sala de aula ta vendo o problema, é fácil você falar, faz isso, faz aquilo e aquilo, mas quem tá lá na sala de aula, ta vendo o problema, não dá, não dá para fazer aquilo, é fácil você falar. É difícil, é difícil isso aí.

Da minha vida particular eu enfrento muitos problemas né, graças a Deus tenho um filho educado, sou sozinha porque só tarde fui me casar, e não deu certo o casamento, eu tive que separar, da pessoa, você que é mãe a pessoa tem que agradar o seu filho, se ela não agradou o teu filho como ele é, parece que não deu certo o casamento com essa pessoa, e agora estou separada do marido, eu falo que é recente, mas tem 7 meses, assim para uma mulher é difícil, por estar sozinha, apesar de que eu tenho esse trabalho, mas graças a Deus eu estou me recuperando mesmo porque eu preciso trabalhar, eu me separei porque eu queria. Então eu sinto assim que Deus tem o melhor para gente, então se Deus tem o melhor se tem uma pessoa certa, eu estou esperando em Deus. Hoje em dia, só me trato com o psiquiatra e a questão de coluna eu to tratando com o Dr. M que é o meu ortopedista.

P: Então Professora Maria, tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de relatar, sobre a readaptação, sobre a escola ou sobre a senhora mesma?

Não, não! Por enquanto é isso. Espero que eu tenha te ajudado!



Dados de Identificação do Entrevistado (a)

1. Nome: José
2. Área de Formação: História
3. Cargo/função: Fiscal de pátio e auxiliar de coordenação

Eu nasci em 1961, dia 24. Sou o filho mais velho né? E logo depois de mim tem um irmão que é deficiente; físico e mental. Então, e tem um outro irmão caçula. Então é... Nós fomos criados, minha mãe criou a gente sempre com responsabilidades. Entendeu?

A gente... pra gente nunca foi bom suficiente né? Então a gente foi sempre responsável, a gente cuida da casa, cuida do outro irmão, entendeu? Então (longa pausa no discurso) sempre foi assim, que disse minha mãe ficava muito tempo no hospital com meu irmão e minha prima deu aula particular ni nós né? Era vinte dias no hospital e dez dias em casa, sempre foi assim até que meu irmão operou ai parou, passou né? Ai meu irmão parou em casa, ele operou em várias partes do Brasil. E ai... tem o que mais... peraí... Ai formei fora, estudei, sempre tendo aquela responsabilidade. Ai eu tratava, tratei com uma psicóloga, mas não gostei, porque ela focava na minha vida em casa, em forma que meu problema, meu problema em casa é bem resolvido... entendeu? Problema meu é de escola ... tá, ai eu briguei com ela, tava errada, eu fui pra CASSEMS (Caixa de Assistência dos Servidores do Estado de Mato Grosso do Sul) porque eu não ia mais falar com ela. Ai a moça não entendeu, a a a a moça da, a psicóloga da CASSEMS né? Ela falou volta pra tua aula, eu falei vou pensa. E, ai...e, ai... e e eu entrei no estado, eu entrei no estado em 86. Ai

comecei dar aula, eu gostava de dar aula, tudo bem... e aí contam dez anos que minha mãe faleceu...

Minha formação é Geografia e história... e aí minha mãe faleceu, quando ela faleceu a responsabilidade da casa voltou pra cima de mim. Meu pai tem Alzheimer e tem meu irmão que é deficiente mora nós três em casa né? E também, e aí, eu já tava passando um pouquinho de depressão, parei, busquei... Eu já vinha passando várias... fases né? Aí a última fase que eu passei que, eu chorei na escola, chorei, chorei, chorei, chorei... bastante... e aí... e depois, aí fui no psicólogo, fui no psiquiatra ele falou que eu tava muito depressivo, bastante depressivo aí me deu uma licença, aí a própria médica, a própria junta médica me readaptou, o médico da junta médica, uma junta de três médico... assim que me readaptou, achou por bem me readaptar, porque eu tinha depressão recorrente... é aquela R3 que eles falam né? Então, que vai e volta né? Hoje, atualmente eu já consigo me dar com isso, mas sala de aula eu não entro. Pode vê, eu ando no pátio converso com aluno, mas da porta pra dentro eu não entro, você pode... eu não consigo, não consigo entrar em sala de aula, não sei por quê. Entendeu? Não tem assim... eu sou doido, não tenho problema com a minha doidura, to nem aí... pro pessoal que fala né? Tudo bem.

Então, tem dez anos que a mãe faleceu, é aí, aí surgiu esse problema na minha casa, que eu fiquei com mais responsabilidade, né? Eu já vinha, já tinha crise de depressão... Por conta de que, eu não sei, por causa da escola eu acho. Porque você, você entra na sala, você que dá aula, você vê o aluno não quer nada com você, fica te olhando tirando o sarro da sua cara. Eu sempre fui de boa, nunca fui aquele professor de briga, de... sabe? De... xingar o aluno, buta o aluno lá embaixo, igual professor vagabundo. Eu sempre fui estilo de água, sempre dialoguei... dá até vontade de chora, pode? Então, então reimpresado num fica legal, não adianta...entendeu? falo de sala de aula eu fico ruim. Não sei por quê... só sei que é assim. Entende?

No dia em que eu senhor chorei... É! Foi ouvindo um problema sério na escola né? E aí ouvindo tava ruim, ruim ... a coordenadora me falou um negócio e eu num gostei... E aí eu falei vou embora, e eu fui embora! eu num... aí, e eu fiz tudo que ela mandou, assim (grande pausa no discurso) voltei lá e falei óh tá

aqui cabe de fazer o que você me pediu, planejamento, tudinho. E aí eu fui pra aula, quando eu fui da aula, uma semana depois eu passava mal, passava mal. Muito nervoso sabe? Eu já tava atacando o pessoal em casa, tava muito... sabe? Xingava meu pai, xingava meu irmão... hum... eu chegava da escola assim num estresse tão grande, que... foi... a própria escola que falou pra mim vai num psiquiatra, eu chora, eu chorei na escola naquele dia... eu falei comigo (grande pausa no discurso) eu não voltei mais desde esse dia. Entendeu?

Eu vim aqui pra essa escola em 80... 86. Oitenta e seis... então já tem... De 86 a 2000 eu fiquei aqui, aí eu saí fui pro Alice de Andrade Gomes [Escola Estadual]... aí eu voltei, agora. De 2000 a 2010 eu fui pro Alice, aí em 2010 eu voltei pra cá. Fui pro Alice porque na época aqui tornou-se escola de ensino médio, e o nosso concurso, o secretário, aquele tal de... P. K. falou que a gente não podia ficar porque o nosso concurso não era ensino fundamental. Quer dizer que ele fazia caminho (grande pausa no discurso) pra turma dele né? Do PT né? Aí nós saímos. Logo depois que ele saiu da secretaria foi liberado pra todo mundo. Aí digo assim ah! eu não vou volta mais não, aí eu voltei agora readaptado, moro aqui pertinho três quadras né? Eu fui (grande pausa no discurso) conheço o [Diretor]... tem muitos anos, muito tempo. Eu falei com ele, ele não (grande pausa no discurso) pode vim sim. (grande pausa no discurso) porque quando eu fiquei a cargo do Alice eu ficava na coordenação, lá é um saco, e sabe que tudo acontece ali. Então eu ficava ali na coordenação de manhã e a tarde, eu ficava na vaga da biblioteca... lugar vazio, eu me sentia, eu só vivia doente com depressão, era crise atrás de crise. Quando foi aqui eu disse Diretor eu vou vim, só que eu não quero ficar em coordenação e nem em biblioteca; quero ficar ali, no pátio... você quer no pátio? Quero! Aí fiquei no pátio, aí desde aí eu tô bem, não sinto mais nada tudinho, mais licença! Se eu for pega (grande pausa no discurso) da licença, me disse não você não trabalha com aluno, você fica no pátio, vai lá, você conversa com um, conversa com outro que passa... ce não pode pensar em pressão, que existe esse mal né?

É eu e a Ana que somos assim, é dividimos o pátio. Foi escolha é minha, eu pedi pra ele, entendeu? Ninguém pediu pra ficar. Entendeu? Eu me sinto bem

lá. Só que agora eu sei separar, eu aprendi separar, escola... volto da escola pra casa ao tempo, entrou na minha cabeça isso. Pra espera minha aposentadoria. Uma no começo de... 2016 e a outra no final. Tem, tem duas, dois cargos. E aí, e aí eu venho na escola pra isso, eu venho pra me divertir, não prometo nada, trago um caderno, escrevo, escrevo, escrevo... Só besteiras minhas. O pessoal, tem gente que fica preocupado; por que você tá escrevendo isso aí? Porque eu quero é um direito meu, ah! Eu digo, oh... É seu ou é meu? É, eu que tô caçando dinheiro, é eu que sou bonito, é eu que quero escrever. Então pra me distrair, pra me desligar eu posso escrever. Aaa...! Escrevo bobera! O que vêm à mente? Entendeu? Da até um livro.

...É. Eu escrevo o que vêm na minha mente. Aí eu passo muito bem... não vejo o tempo passa... nada. Entendeu? Aí um aluno vêm conversa comigo, o outro vêm conversa, um funcionário vêm conta uma piada, aí um outro vêm conta, uma professora vai para e aí a gente conversa, sabe? Mas nunca a respeito de sala de aula. Eu não tenho esse papo, eu não tenho esse papo com professor, se você pergunta pra qualquer professor aí, eu não converso de sala de aula.

Eu tomei um pavor de sala de aula, desde a readaptação. Já tem uns seis anos que estou readaptado. Seis. Foi em 2009 que começou, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 seis anos né? Isso é tem seis anos. 2009. Eu nunca tinha tirado uma licença, quer dizer que eu tenho 30 anos de estar né? Fiquei 24 anos em sala de aula. Eu nunca saí pra se diretor, pra vice diretor e nunca quis isso, nunca peguei uma licença. Haaa! Vou tirar licença porque eu tô ruim, não, eu sempre trabalhei... Com problema, sem problema, doente, não doente ... com dengue, com conjuntivite. Eu sempre gostei de da aula, só que agora bateu sabe? Foi uma coisa... não sei, eu não sei te explicar... isso acontece né? Geralmente com professor né? Quando você acorda assim... não quero, não quero, não quero... né? Eu gosto muito de desenhar, sabe aqueles cartão grandão assim? Eu gosto de fazer planta, aqueles passarinho, ocupa minha mente, pra não pensar em ... que eu não tô em escola... difícil isso aí né? (risos)

É! Eu tô bem, é não tenho mais crise né? Eu aprendi a me dar comigo mesmo né? Eu falo pro psiquiatra ele morre de rir (grande pausa) agora você está bem, que você tá aprendendo a... a dividir escola, a sua vida tá de boa, a... a escola

não tá interinha na sua cabeça mais, você soube dividir, você esqueceu que tem escola. Ele falou pra mim, que eu cabei ... que eu já estou no... eu já, eu já, eu já fiquei no fim da carreira. Eu falei mais o que é o fim da carreira? Ele disse a sua vida pessoal acabou, você não tem mais condição de ter sala de aula... entendeu? Tomo remédio controlado... Tô fazendo acompanhamento só por psicólogo, psiquiatra, e tomando remédio. Eu preciso quando dá a crise sabe? Tem dia que eu to, que eu ando ruuim, que eu fico com uma... vontade de chorar, em crise né? Ai fico quietinho, o pessoal pergunta, num pergunta nada. Assim a fisionomia deles diz tudo né? Ai eu fico quietinho lá na minha. Ai eles vêm você ta bem (longa pausa)? Eu to bem meu filho. Da vontade de chora eu deixo e num choro, tem que ser forte. Eu não sei, é o que num descobri, o negócio é lidar sabe? Com coisas que a gente vê na escola, coisa errada né? Sinto muito, muito na minha cabeça o ruim de aluno que se faz bagunç...aaaai, aqui não gente, por favor, o diretor proibiu de fica aqui na porta alheia, vai pra lá...dai eu não saio (longa pausa)

Vinte e quatro anos dentro de sala de aula... Nunca sai pra nada, nunca tirei licença... Tudo em Campo Grande... Eu sempre quis... Era lecionar, era isso que eu gostava é, meus pais eles não queriam não, queriam que eu fizesse outra coisa né? Engenheiro, uma coisa assim, mas por vontade própria, eu quis se professor.

Vestibular, passei federal, federal, federal também. Tudo é federal. Fiz... cheguei a fazer uma pós graduação.... (grande pausa)

P: Tem mais alguma coisa professor? que o senhor queira relatar pra gente?

J: Por enquanto não.

P: Sobre a escola? Sobre a sua situação?

J: Não, não. Tudo ao seu tempo. Risos



Dados de Identificação do Entrevistado (a)

1. Nome: Ana
2. Área de Formação: Pós Graduação em Inclusão
3. Cargo/função: Fiscal e Pátio e auxiliar de coordenação

Só que o meu... é a primeira vez agora... porque estou em readaptação, fiz... ano passado, faz pouquinho tempo que fui readaptada. Voltei esse ano né, então posso falar para você que estou readaptada desde esse ano, ano passado eu trabalhei, desde 2015... é 2015. Interessante, final de 2014 eu voltei a trabalhar dia 9 de dezembro, readaptada lá em Aquidauana, depois vim pra cá. Trabalhava em Aquidauana, morei lá durante dois anos aí vim pra cá, dei aula aqui, aí eu trabalho, tenho dois concursos, o primeiro com crianças pequenas, e outro concurso de 2006 que dou português, porque sou formada em letras. Então são dois concursos diferentes. Dava aula... normal ensino fundamental a médio. Tenho experiência, desde a pré-escola até o 3º ano do ensino médio. Tenho 25 anos já de experiência. Agora estou readaptada. Eu inclusive não tenho conta disso, mesmo porque quando, eu sou muito assim, no meu caso, eu fiquei esses 25 anos em sala por conta que eu gosto, é minha paixão, eu me identifico, eu queria fazer psicologia, então eu não só trabalho com conteúdo com professor profissionais e alunos, eu me envolvo, eu gosto de estar com cada aluno, eu trabalho a dificuldade dele na língua portuguesa, química, matemática, história geografia, mas principalmente, emocional. Então eu vejo assim, o pequeno com problema, o adolescente e o EJA, todos com a mesma dificuldade, o emocional. Então eu me vejo hoje readaptada por quê? Porque nesse governo passado que nós tivemos, ele me tirou isso. Por falta de que? Até trouxe uns cadernos para mostrar para o pessoal o que era meu 7º

ano, 8º ano e no que chegou hoje nosso planejamento, por coincidência você está aí. Então eu mostro para você o seguinte, nesse caso o readaptado, e tem que comparecer também quando eu falei, com lá em Aquidauana né, quando eu vim aqui, a diretora quis, que é minha amiga também de trabalho, hoje esta diretora lá na escola, me deu esta.. Não sei se você tem este documento que trata sobre o readaptado. Eu consegui esse documento lá na SEMED, fui atrás cacei, olhei.. aí a diretora, de lá me deu isso aqui e falou Ana, aqui tem a sua função, então daí eu trabalhava das 7h às 11h das 13h às 19h quando eu voltei, final do ano passado, dezembro, eu terminei de cumprir lá e fui readaptada para cá, né... Bom... Final de ano tinha nada muito pra fazer o meu CID bate com grupo quatro então ele fala aqui: Atender individualmente alunos apresentam dificuldades de aprendizagem. Elaborar projetos com propostas de ações didáticas ou pedagógicas, que visem à melhoria do processo de ensino e aprendizagem. (apontando o documento fornecido pela SEMED) Casou comigo. Participar de grupos de trabalho para elaboração de regimento escolar para o processo político pedagógico no plano de desenvolvimento escolar. Isso aqui já tá pronto no PDDE. Realizar palestras sócias educativas para alunos e membros da comunidade. Gosto. Tudo tem a ver comigo, então eu identifiquei isso daí, só que quando eu vim pra cá, eu me guardei né. Porque lá, final do ano, aí fala acompanhar as atividades escolares de ensino e aprendizagem. Elaborar propostas de atividades extracurriculares, com vistas fortalecimento da seleção para comunidade, é o que eu faço desde que eu me vi como professora faço tudo isso aqui, hoje tá descrito. Aí você fala assim, olha, eu fui professora, desde a 4º serie, achei esse meu caderninho, aqui ó, como era o ensino, então como que eu trabalhava com meus alunos, eu nunca incomodava a coordenação, muito raramente, eu acho que isso daqui é lá de quando era jovem. Eu tenho a mãe da A., o pai da A., a Rua da A., eu tenho o telefone, se a A. está com dificuldades em matemática, de português, de historia e geografia, eu ligar pra mãe da A.. Eu mesma mantenho contato, eu como professora faço isso. Fundamental fiz EJA, 7º ano, sempre, hoje eu me vejo readaptada, aí quando eu vim pra cá eu disse, porque lá final de ano, eu fiquei meio na sala junto com os coordenadores, porque cada escola é uma realidade, então os coordenadores ficavam lá não tinham nada para fazer. Aqui

também não tem nada para fazer. Eu sou uma pessoa assim hiperativa, então porque que eu me via nessa situação porque eu morava em dourados, então eu tive toda uma história, sempre dei aula, em sala de aula, vi as duas realidades, casei vim pra cá, aqui fui para o norte, Pará, dei aula, outra realidade, voltei pra cá, daqui frequentei vários bairros, trabalhei na comunidade Aero, trabalhei na coophavila II, daqui fui para Dourados, dei aula em Dourados, conheci Dourados, dei aula, grávida, fui ficar grávida com 38 anos, tive que fazer tratamento para ter meu filho. Primeiro filho. Mudança de convivência, aí instituiu que você não precisava, a gente fazia... Olha só... Vamos planejar minha relação. Só porque é mais antigo não pode... E um plano semanal, pode 2002. Então eu tenho meu objetivo, o momento da apresentação, a minha dinâmica, que eu sempre fazia o meu primeiro dia, aí tava aqui tudo, então isso daqui era minha alma, era meu plano, eu fazia meu plano manual, aí tá, mudanças e mudanças de governos acabou revertendo as suas regras, e o governo do A. trouxe para mim mais uma mudança além das palavras, que ia trabalhar exatamente o que.. Eu formada em letras eu aprendi lá do som das vogais, pergunta agora... quê que eles queriam só que eles fizeram o seguinte pegaram o livro e ali tava escrito desde o início quê que você ia fazer, a primeira aula, a segunda aula tudo. E você tinha que seguir aquele roteiro, aí já começava a não gostar. Não era mais você que montava. Não.. Já vinha pronto. Em cima daquilo, você tinha que criar, em cima daquilo aí eu já não gostei. Por quê? Aí você tinha um prazo pra fazer os planejamentos, um prazo pra enviar, aí começou os planejamentos online, e aqui você tinha que descrever tudo que você iria fazer e eu tinha a língua portuguesa, tinha uma coisa, a cada escola é uma realidade, quando fui pra Aquidauana trabalhar, peguei o 3º ano. Ano passado de quase 40 alunos superlotada lógico vários problemas, como vamos incluir os alunos como preparava o professor para isso, toda a inclusão de alunos com deficiência... Ah, mas não tinha uma professora de apoio, eu nunca tive uma professora de apoio, sempre tive aluno com problema, com dificuldade, mas eu me dei conta, aí de repente foi uma professora de apoio, mas aquela professora de apoio, não tava a fim de dar apoio, ela tava a fim de receber, mas não tava a fim de dar apoio, e daí o quê que ela faz, ela não faz o seu trabalho, e daí já não da

certo, porque eu sou assim uma pessoa muito rigorosa, no 3º ano aluno tinha que ta alfabetizado. No 3º ano eu tinha uma aluna com síndrome de Down, já tinha reprovado não sei quantos anos, ela tinha 35 anos, o quê que a escola estava fazendo por essa criança. Em dourados eu tive uma com síndrome de Down, só que nos aprovamos, eu trabalhava com ela, ela conversava, ela sabia falar, nos sabíamos trabalhar, isso é incluir, agora ter aluno por ter, pra dizer que ele tem curso, então daí eu me vi primeiro bimestre eu consegui fechar, mas vi tantas barreiras à pressão do planejamento que tinha que fazer português, matemática, historia, geografia, ciências, eu tinha que me virar, língua portuguesa, 6º ano e 7º ano, me virar, e nessa escola eu tinha que descrever tudo que eu ia fazer, tanto como coordenadora, a primeira aula eu ia fazer isso, o texto tal, fazer assim.. Isso te desgasta daí eu n tinha tempo pros dois filhos, um tinha cinco pra seis oito sete pra oito anos. Eu vou fazer 47, daqui a três anos aposentarei com cargo, mas eu amo, eu olho pra eles aqui no pátio e falo eu amo vocês, por quê? Porque me interessa, eu vejo que tenho paciência, mas por quê? Eu não tenho pra onde desenvolver, se você não der atenção ao seu marido, se você não ver o que ta acontecendo, eu nunca tirei aluno para fora de sala, sentava do lado, eu conversava do lado, eu via criança chorar, falava porque você ta chorando? Alguém te bateu? Porque que você ta chorando? não sei.. Ah você não sabe.. Que bom que você não sabe, porque eu to aqui para te ensinar, hoje to no pátio, vendo meus filhos e eu to com uma angustia tão grande, tão grande, eu boto esse aluno para fora a porrada pega nos alunos daqui, pra mim é a morte isso, quê que nos vamos fazer, é isso quê que quero conversar com o diretor, que eu não quero mais ficar na morte, o que eu pensei na faculdade é ajudar. Isso é professora, até o fim do semestre, porque que a senhora não ta mais calma? Ah se eu pudesse só pegar meu caderno planejar desse jeito, agora prazo, isso, isso, e ainda meus filhos, eu já não to mais na flor da idade, eu tenho dois cargos diferentes, não é trabalhar 40h só de língua portuguesa, eu vou trabalhar, português, matemática, geografia, história e ciências, com crianças, e depois vou pegar adolescente. E tempo para mim? Para minha família e meus filhos. Tenho 25 anos de estado né. Quer dizer, quero fazer alguma coisa readaptada nesse sentido. Porque eu posso, porque eu vejo, professora, vai com amor, conversa, o aluno precisa se

sentir amado, pra conseguir alguma coisa. Agora ele pede pra tirar da disciplina e do professor, mas não vai aprender nunca, então hoje eu vejo a educação assim, o Estado, o secretario da educação chega e fala oh, eu tenho projetos sim você quer que de certo a educação? tem que ser assim. quanto tempo eu trabalho com isso daqui ó, desde 1988. Eu quero escrever... Eu tenho foto, eu tenho história, eu quero visitar esses alunos, porque em cinco anos passaram por mim mão, eu cuidei, cuidei como se fosse meu, porque eu pego todos, por onde eu passei você pode perguntar as diretoras por onde eu passei, a Ana teve filho aqui, falava, olha lá seu filho, em Dourados, eu tive o L. F., L. F. não parava na sala, ele saía da sala toda hora, aí a coordenadora, L. F. ta com problema, eu falei, olha, de duas uma, eu não posso enquanto estou sala ficar atrás de L. F., ah, mas o L. F. chamava a polícia, porque ele dava crise, aí falei não ta certo, eu me incomodo com isso, vou descobrir, fui a fundo, fui na casa do L. F., quando eu cheguei lá quase chorei, eu olhei ele lá no fundo, com as costelas tudo de fora, magricelo, seco, sem camisa, sentado, aí a mãe, tinha mais um irmãozinho pequeno e ele era o mais velho, cuidava do pequeno, depois descobri que a mãe já tava grávida de novo, o padrasto um bombadão, de certo judiava dele, aí vai entender o L. F. né, mas ninguém quer saber, só que eu vou, eu fui, conversei com o L. F., L. F. passou a ser meu filho na escola, daí chamava polícia, não chama mais a polícia, chama a Ana, quê que foi L. F., ele quase não falava, mas ele pegava uma cadeira para se defender, por quê? Porque os maiores batiam nele, queria bater no irmãozinho dele, que que ele fazia? pegava qualquer coisa e ia, ele era doente, ah ele é louco, chama a polícia para ele, esperneava, lógico, queria gritar, mas sabe por que quê que ele não fala, porque ele não acredita, mas eu acredito quê que ta acontecendo, só que eu não vou ficar eternamente em um lugar, nós somos passageiros, só quero que se faz a diferença, eu fiz uma festa de aniversário pro L. F., junto com a minha comadre, falei, vamos ajudar uma criança carente? Fui na casa dele, conversei com a mãe, falei que precisam ser amáveis, você tem outro filho, ele não é filho desse homem, mas é seu filho, então você que tem que cuidar, levou no médico, tomou uma medicação, acompanhei o laudo, tinha todo o histórico na minha pasta, agora você pergunta se a escola tinha, se a coordenadora tinha ninguém, aí queriam

prejudicar o L. F., o pai, a mãe,... A escola ta ferrada, então por onde eu passei de norte, a sul, eu fui professora, eu fui, fui, igual falar eu me envolvo, me dou por cada um deles quando eu vejo que fala que expulsou, que mandou embora, com droga, aos prantos, não é mandando embora, é sentando, conversando, que nós podemos ajudar, pois o que eu vejo aqui, é seu feioso, seu aquilo e outro, ah mas isso me dói me dói me dói, fico chateada, angustiada, isso me deixa doente, sabe, porque eu to vendo o que, to no pátio, levo o aluno para sala só eu não quero fazer só isso, não sou formada para isso mas hoje eu falo para o meu marido, olha se for para fazer só isso, eu rasgo meu diploma e vou varrer rua, eu varro rua, isso não é ser educadora, isso não é ser professora, professora é vai fazer o quê que com eles? Cadê a educação para os seus alunos, o aluno é seu espelho... o aluno no dia em que gritou comigo eu gritei com ele também só que daí a gente vai baixando, fazendo aquele certo trabalho. Então não é isso, eu não sei a hora que tenho que gritar a hora que tem que falar duro é a hora que ele tem que acolher, mas aqui não, aqui é um bate boca, vai lá, vem cá, ninguém te quer, depois começa a desmontar a família, aí eu começo a incomodar algumas pessoas daqui, eu tenho um por que. Eu sou assim e não vou mudar por causa de outras pessoas, meu objetivo nessa escola é esse, eu tenho esse objetivo aqui, eu sempre, de certa forma, faço meu trabalho, que é isso que eu vejo, eu comprovo, falo, me dê esse aluno por mês, me dá aí que vou te mostrar o que posso fazer por ele, você vai ver a diferença. Tem diferença, desde quando isso aqui que eu faço... (mostrando o caderno de planejamentos antigos) porque eu vou lá na família, eu já liguei pra família no Pará, eu fui. Eu tenho foto dos alunos no Pará, carta de jogar assim óh, e eu nem de lá era no tempo que eu fiquei, eles foram na minha casa, no meu aniversário, fiz greve no Pará, mas eu não era de lá, eles queriam morrer, a diretora falou Ana como você vai repor, não se preocupe eu reponho, eu antepus todas as aulas, porque meu marido ia embora, eu fiz greve, então meu em relação a isso aqui na comunidade Tia Eva eu fui homenageada pela FETEMS (Federação dos Trabalhadores em Educação de Mato Grosso do Sul) em 2003, eu fui a única professora da escola daqui em campo grande lá da comunidade, eles não fazem greve porque a comunidade é uma comunidade fechada, você pode se

informar, o pessoal tudo me conhece. Eu dei aula lá, e fiz greve, mas fui pros pais expliquei, falei não.. Fui homenageada pela FETEMS, tenho uma placa. Eu queria pegar essa mesma placa e acertar na cabeça do presidente agora nesse governo antigo que deixou o que? Há.. O salário.. O salário tava em dia, mas quanto eu gasto de remédio hoje por causa do meu psicológico? Porque eu não pude trabalhar com o meu aluno; eu me frustrei. O quê que eu to fazendo? Vomitando conteúdo nele? Mas eu não to ouvindo! Entendeu? Então não é o vomitar conteúdo, você tem que ouvir o que ele tem pra você poder ensinar. Se não você não vai conseguir ensinar nada. Né? Então hoje em dia eu vejo isso, os professores né. Eu falo gente, eu tenho 25 anos de sala de aula. Eu gosto de estar aqui e eu gosto de ensinar, não gosto de só ficar passeando, pegar aluno levar pra coordenação, ver que não resolve, liga pra mãe, volta. Tinha uma professora que falava lá, falava assim, é você não faz.. Você faz isso porque você não tem filhos. Você nunca trouxe um aluno pra coordenação você é a única professora dessa escola que não traz os alunos aqui porque você não tem filhos. Eu falei não. Eu fiquei.. (pausa) Chegaram a me questionar isso. Gente será que é porque eu não tenho filho? Não! depois eu tive meus dois pequenos, continua a mesma coisa. (risos)

Fomos fazer o aniversário do L. F., teve o Vicente, teve outras crianças, eles participam e eles vem, e eu mostro levo ensino o que você tem, então de graças a Deus que você tem. Então vamos lá na casa da mãe.. Então, aqui na escola tem um aluno que eu fui atrás procurei saber, que a mãe me ligou perguntou se eu dei o ovo da páscoa, queria saber se eu dei, o J. do sétimo ano. Eu disse lógico. A escola não se envolve eu não sei. Acho que é o meu papel enquanto professora enquanto cidadã enquanto cristã eu sou assim. Né e pretendo continuar esse meu trabalho enquanto estiver viva. Porque eu acho assim, é muito gratificante e eu quero, assim desde essa menina, eu quero achar, eu quero pôr esses relatos no meu livro: “o que eu fiz a diferença na sua vida”. Então professor faça a sua diferença né. Vai ver o outro. Eu tenho foto de todos eles, depois eu posso mostrar para você, os meus alunos que eu trabalhei do quinto ano ao final do ciclo (interrupção da entrevista por um funcionário que entrou na sala para pegar material). Adolescentes do sétimo ano, tenho fotos deles em casa levava bolo, fazia aniversário, umas meninas

evangélicas, todas as três levavam bolo. Falei, gente! A não, a senhora acha que a gente ia deixar? Não, eu sei. Né. Textos que eles escreveram, até esses dias eu achei, assim oitavo ano, as dedicações, as dedicatórias das meninas, aih porque eu te amo, porque isso porque aquilo. É... bilhetinho das crianças do terceiro ano segundo ano que ano sabiam nem escrever, sabe.. você ganha força, te dá.. é muita coisa? É muita coisa. Você vê, eu nunca sai da sala de aula, é a primeira vez que eu me vejo, e eu estou muito incomodada. Sabe? É.. me incomoda porque eu acho assim, que tem que tá ali, sabe? Eu sei o que falta, sabe? Pra melhorar. Não tenho o, vamos supor assim, sei o problema e tenho a solução. Então vamos fazer? Né, vamos acreditar que dá certo? Dá certo. Né, mas você tem que amar aquilo que você faz. Se você não tiver paixão, amor, se você olhar pra aquele aluno.. olha que eu tive aluno no Pará, eu lembro uma moça tenho até a foto dela, uma morena alta era maior do que eu. Quando eu fui pra lá meu esposo foi primeiro, a gente não tinha filho. Daí ele foi, eu fui mais ou menos em março. Aí depois que eu pedi afastamento do Estado. Então eu cheguei lá procurei aula não tinha né, porque já tinha começado o ano letivo, março, aí de repente o governo do Estado baixou um decreto, só queria pessoas que tinham ensino superior, então choveu oportunidades. Só que aí, em três salas, que os alunos bicudos, porque eu tinha tirado o professor que eles amavam e não sei o que. Eu falei, olha gente, eu não tenho culpa. Eu me formei, fiz a minha faculdade então (o telefone da escola toca na sala da entrevista) eu vou dar aula. Se vocês tiverem a fim, eu estou aqui para ensinar. E eles me cortavam, e eu pá, pá, pá, pá, pá. No final do ano conquistei a maioria da sala. Me beijavam, vinham tirar foto, eu falei é! Lembra que quando eu cheguei aqui vocês queriam me desarmar? Desculpa professora a gente pensava que você era de um jeito, mas você é de outro. Falei há então tá bom. Então a vida é assim. Então eu fiz muitos amigos. Todas as escolas que eu passei assim, graças a Deus nunca tive problemas. Teve alunos rebeldes, mas a gente resolveu o problema do aluno. O diretor mesmo às vezes me chamava lá o diretor de Dourados falava, Ana, é seu filho (risos). Então ta bom, nem encaminhava pra coordenação. Dava B.O. há é o filho da Ana. Pode chamar a Ana ela resolve. Porque, era o respeito era o carinho, na hora que tinha que dar dura eu dava. Era bocuda. Falei.. aqui eu vejo as

crianças assim, nossa! Eu faço de tudo nessas crianças, o quê que ta faltando gente? São crianças.. olha, os lugares por onde eu passei misericórdia! Nossa! Passei já por cada situação que se alguns professores passarem aqui, RHUM... Em Campo Grande, fora, no Pará, sabe? Dourados mesmo, Aquidauana, eu dei aula lá em escola que não tinha nada; era eu e a criança. Não tinha mais nada. Tinha que se virar. Entendeu? Naquele tempo era sala lotada a gente não tinha o recurso que hoje tem. E cê vê! Aluno que não sabe ler, aluno que não sabe escrever! Por quê? Né. A minha irmã é diretora de uma escola, né. E às vezes eu discuto com ela, falo é, mas que não sei o que.. tu saiu da sala de aula, eu não sai. Você tá na direção diretor é uma coisa, professore outra. Há e na hora que eu chego? É, falei então! É porque é o diretor, agora quando é professor.. quando ele é querido onde ele vai as ovelhas vão tudo atrás, aqui não. Você tem que ficar falando, não pessoal vamos lá... Então é o amor, você tem que insistir. Ai você pega aqueles professores chato, e não sei o que.. meu amor! Vai estudar, eu estou aqui só pra cuidar de você. Não estou aqui pra te prejudicar. Eu fico aqui pensando, gente, o que os professores estão fazendo? O que... então, eu vejo assim se eu for chegar no final de carreira, se eu to no inicio de carreira desse jeito.

Né, eu acho assim que o professor hoje está muito desmotivado. É o tal.. eu não posso meter em você alguma coisa assim.. hoje mesmo eu pedi a menina que trabalha lá no.. que faz ali a... como que fala.. assistência a saúde do bairro, que andam né. Eu peguei e mostrei a carteirinha dos menino e mostrei o caderninho dos menino, falei, olha, é.. meus filhos nasceram em dourados, e a pediatra fez um caderninho pra cada um. Tem lá marcado no histórico, ai eu abri o caderno e mostrei a abertura, que a pediatra fez, ai ela anotou tudinho.. ai ela falou: eu nunca vi uma coisa tão caprichosa igual a essa! Então você vê, cada profissional tem seu estilo, e ninguém mete o dedo. Porque que na educação todo mundo tem que meter? Quer dar palpite? Como o professor tem que ensinar, né. Não, mas nós vamos ensinar pra vocês como... gente... oferece o curso deixa com professor! Não fica me cobrando papel! Vem um dia assistir minha aula! Deixa eu trabalhar em paz! Isso daqui sufoca! (apontando para os papeis atuais de planejamento de aulas) pede pro médico, óh, Doutor eu vou te impor, você vai fazer um relatório de cada paciente. Eu quero ver se

ele não estressa! E porque que o professor tem que descrever tudo o que ele vai fazer na aula? Há porque nós queremos acompanhar.. gente, mentira! Isso é papel! Senta, faz igual antigamente, o estágio da minha professora, ela sentava lá e assistia a gente, né. Não é assim que você avalia quem tá na tua frente? Agora você avalia o papel? Papel é fácil de escrever! Copiar e colar... nossa! Né. Então eu tenho vários cadernos, e vou olhando. É coisa que eu busco, coisa que eu renovo, né. E você vê assim, tem gente que não.. achou ótimo a mudança (se referindo as novas normas da LDB) a modernidade; lógico! Copia cola e manda, copia cola e manda. Ai ano passado mesmo eu me estressei porque tinha a professora de língua portuguesa, ai nos tínhamos de sétimo ao nono professor por área. Então tinha a que vai para a assistência a língua portuguesa ela ficava. Ai elaborei minha prova pro sétimo ano, escolhi, fui, lógico joguei um texto, umas questões elaboradas, tal, fui mais ou menos a que era baseada a realidade dos alunos. Né, ela foi elaborar a dela. fui analisar, ai achei umas questões lá que eu não entendi, peguei liguei pra ela, falei olha tem umas respostas aqui que o aluno pode dar, é, pode ser subjetiva, então vamos discutir nos duas qual a possibilidade de resposta. Há porque eu não tenho tempo, porque eu não sei porque eu copiei da internet, quando ela falou isso.. eu falei, não acredito. Ai eu fui buscar na internet o texto. Ai eu peguei um livro. Amarelo, amarelo, amarelo.. tava lá. Era uma crônica. A.. a menina até escreveu Rubens Braga. Eu falei, aquela crônica, aquele texto, atividade, tinha no livro tudinho aquilo, a mulher foi buscar na internet, copiou as questões não sabe daonde. Ai eu falei não. Ai eu começo a ficar doente.

Sabe, as coisas vão me.... me deixa doente. Você senta, você pesquisa, você namora. A outra vai lá copia, cola, porque sabe fazer isso melhor que eu, não da conta nenhuma. Dai eu peguei e guardei. Outra situação em dourados eu fui parar no hospital.

Eu fiquei.. trabalhar com sexto ano e sétimo. E com o primário à tarde. Aí deu problemas nas minhas cordas vocais, o médico queria me afastar, e eu não queria. E eu relutando. Aí peguei licença, planejamento desse jeito. Elaborei tudinho. Peguei, fiz tudo o que era pra fazer. Daí deixei. Quando eu voltei. O diretor tinha engavetado e dado pra professora. Peguei deixei tudo meu

caderno escrito aqui, que eu deixo tudo organizado, mas só queria ver se alguém... falei não me interessa pelos outros, me interessa eu que sou assim. Peguei e entreguei tudinho pra ela tudo pronto. Já tava no planejamento era só ir e realizar. Quando eu voltei, nada do planejamento! Ai eu questioneei, então pra quê que serve essa... esse “tictac” aqui? Porque que eu perco noites e noites de sono andando e virando? Pra dizer que ta lá, a pessoa olhou e ta bom, ok. Só pra isso? Gente... aí pegaram uma prova de 2011 e deram pras crianças, de 2012. Do quinto ano da.. acho que era uma provinha que eles fazem, provinha Brasil, sei lá o que pros alunos do sexto. Aí o segundo bimestre. A menina que ficou no meu lugar aplicou a prova. Tá bom. Quando eu voltei fiz uma revisão da prova. Peguei as questões que eles mais erraram, voltei debati com eles, fechei. Continuei meu conteúdo. Quando foi o quarto bimestre eu adoeci novamente. Peguei atestado. Isso em Dourados antes de ir para Aquidauana. Por conta de todo o estresse que vai acarretando acabou adoecendo o corpo. Os alunos do sétimo ano eram terríveis. Falavam besteiras, os meninos principalmente, professor que tinha ‘sangue’ [emoções fortes, pulso firme] então, eram terríveis. Aí fui fazer visita também. Falei, não, vou ter que visitar o pai de vocês. Diziam: Não porque pelo amor de Deus, porque não sei o que... falei, gente! Para com isso! Vocês estão achando o que, vocês intimidam as mulheres, eu vocês não intimidam não! Diziam: Não pelo amor de Deus! Então sossega! Porque que vocês tão fazendo a bagunça com a professora? Teve um lá que se masturbou dentro da sala. Quando eu vi ele se masturbando, falou mas professora! Falei, você não tem vergonha na cara? Vai fazer isso na sua casa guri! Às vezes ia tocar o sino de noite, ele falava Rhum.. vou chegar em casa, vou bater uma e vou dormir. Falei, isso mesmo! Aproveita na sua casa. Só que tinha professora que tinha vergonha. Aí ele percebeu minha filha, não me falou mais nada. Porque o aluno te testa o tempo todo, néh. E quando você age na malícia com ele, ele baixa. Quando ele vê que você tem vergonha, você fica... ah ele deita e rola. O adolescente. Entendeu? Então eu vi muito isso. Aí eu conversava, vamos bater um ‘lero’ aqui. Aí ele quis. Sabe? Então dá por isso que eu falo que eu já vivi situações e situações que você fala, misericórdia! Como que faz pra dar aula? O professor não aguentava não. Não dava. Pra aquela turma não. Aí quando foi no quarto

bimestre, preparei deixei tudinho. Quando eu voltei, né tinham dado avaliação bimestral. O quê que fizeram? T tinham pegado aquela provinha que tinham dado no segundo bimestre, quando adoeci e repetiram no quarto bimestre. Os alunos tiraram nota baixa. Quando eu olhei aquilo, falei o coordenador nem viu o professor. Não aí eu voltei, na sexta começava a cerimônia pra entregar o material pro professor pra vê conteúdo. Cheguei conversei com todo mundo, deixei pra abrir em casa. Quando eu cheguei em casa e olhei que era a mesma prova, mas eu fiquei tão enfurecida que a minha cabeça doía. Falei meu Deus, meu Deus. Eu não acredito que fizeram essa sacanagem com meus alunos. A mesma prova. Não mudaram título, não mudaram posição de questões, nada. Igual, idêntico. Quando eu olhei aquilo, minha cabeça rodava, rodava, rodava. Meu marido levantou e me levou no médico. O médico me deu injeção pra dor de cabeça, e não baixava, não baixava. Daí ele veio e falou, não baixou? Ele falou o quê que a senhora.. eu falei, não adianta o senhor me dar remédio pra dor de cabeça porque minha dor é emocional. Aconteceu isso, isso, isso. Não adianta você me dar remédio. Aí ele me deu um 'sossega leão' e eu já tomava remédio, pra essa ansiedade pra essa depressão que me deu. Tipo depressão pós parto, porque com duas crianças e eu queria produzir, eu quero fazer o melhor, eu quero, só que era cobrança então, eu não era nem lá nem cá.

Então eu fui assim, eu fui até o ponto de não aguentar mais, de cair de exaustão. Porque eu enfrento entendeu? Então é difícil quando você gosta, quando você vê.. que é ali! Tá tão fácil você resolver o problema, a pessoa, deixa... não á não.. gente isso me envolve numa tristeza, me dá tanta pena, mas tem gente que não tem sabe? Faz a sua parte. Tem gente que fala pra mim, aí você quer mudar o mundo. Eu falo não, eu não quero mudar o mundo, não tenho essa audácia de quer mas, pelo menos tentar ajudar quem tá próximo a mim. E eu vou ajudar. É o meu propósito [destino] né. Então eu falo assim:

Professor readaptado, que tá.. tem que dar a sua contribuição, se tá, tem que dar a sua contribuição. 'Se acham' [se referindo a personalidade dos demais professores readaptados da escola] e eu estou lá no pátio também. Mas eu tava esperando a vice chegar para conversar com os dois [se referindo ao

Diretor e a Vice-diretora da escola] porque que eu to fazendo o que eu to fazendo. Não quero ficar andando, pegando aluno, trazendo ata. Não, eu to pensando no outro. Eu quero esses que eles não querem. Que quero esses que eles não tirando da sala. Eu quero atender esses. É esse que eu quero. Não quero aquele que tá bem. Eu quero esse que dá trabalho! Esse que não para, esse que fica.. sempre foi esses os meus! Sempre foram meus! E porque que agora não vão poder ser? Né. To falando. Esse é o meu desafio. Sempre foi. Na educação, é os que ninguém quer. Sempre foram meus, é os com problema. É os que são meus. É os com dificuldade. É os que são meus! É aquele que a mãe precisa vir e não vem, eu vou. Eu vou! Eu arrumo horário e vou. Mesmo com dois filhos em dourados, eu arrumava horário e ia. Perdia um almoço, não tem problema. Né. Mas é aquela criança. As vezes eu olho a criança e percebo a mudança na personalidade, mas perguntam como você pode perceber, eu falo claro que eu vou perceber! Ele é meu aluno! Pra perceber é só começar a observar. Eu falo pros pais. Ele tá diferente, ele é um menino lindo, maravilhoso que qualquer mãe gostaria de ter, o quê que você tá fazendo com essa criança? Ah é porque eu to trabalhando, eu contratei uma menina e deixo com ela e não sei o que. Aí ela sonda.. a menina trazia o namorado, prendia o guri no quarto e ele começou a ficar nervoso agitado. Enquanto profissional você percebe. Eu sei a diferença, eu conheço a mesma coisa é eles aqui no pátio. Você vê, eu to aqui, eu vim pra cá em fevereiro. Eu passei fevereiro, março, olha.. 19 dias que eu tava aqui, eu já conhecia quase todos eles. Aí a gente vai.. eles falam: tia.. tia não! Professora Ana. Mas professora, porque a senhora é professora se não está na sala? Ah aí quando eu posso eu sento. Aí eles conversam, conversam, conversam, tem muita coisa pra falar mas, ninguém quer ouvir. Então é complicado, né. Então eu acho que professor tem que.. mas não tirar fora da sala quando ele chega, tem que sentar com o aluno na sala. Se você chegasse na minha sala falasse assim onde que tá a Ana? Ah tá aqui! Ah eu to lá, ah eu to lá. Eu nunca tava lá na frente. Então o professor tem que circular, ele tem que andar, ele tem que olhar o caderno principalmente quando se dá aula pra criança pequena, então você tem que corrigir caderno, olhar caderno. Adolescente a mesma coisa. Se você não pegar no pé dele, tem que ter argumento perto dele, se falarem ah

professora, você fala não! Eu vou aí. Oh dá pra eu passar, dá pra eu passar. Prova quando for em grupo é grupo. Quando for individual é individual. Eles querem. O adolescente gruda mais ainda. Deixa eu sair no pátio aqui. Tia Ana e me abraça, e me beija, e me abraça, e me beija. É menino é menina, quer deixar marca de batom pra dizer que beijou. Então você vê é a carência. Eu não tenho em casa, eu vou tentar aqui, se eu não tiver uma professora que.. porque eu fui aluna. Eu passei por isso, né. Se eu não tiver uma professora que tem um olhar diferente pra mim onde é que eles vão buscar? Tem uma disciplina que todos deveriam gostar que é a educação física e que eles odeiam. E eu sempre participei porque meus professores de educação física sempre foram muito legais. A não ser uma a F., eu lembro até hoje quando eu coloquei um sutiãzinho que nem peito eu tinha ela tirou o sarro né. Aquilo me marcou também. Então eu vi o quanto o professor é importante na vida porque eu tive aqueles professores que souberam olhar com carinho, com jeitinho, e eu tive aqueles também carrascos, que queria 'enquicar' que quando estava de bem chegava com o sorriso pra você, quando alguma coisa estava errada, ia lá e chegava.. então eu sempre falava isso pra mim.. gente, o que eu tiver passando lá fora é lá fora, o que é com vocês é com vocês. Se vocês me irritarem aqui, vocês vão escutar. Então esses dias eu falei pro menino, por favor, vai pra sala. Ele falou ah não sei o que, eu falei não, você fica o tempo todo pra fora da sala. Ah porque eu gosto de ficar aqui... falei meu querido, você tem que ficar na sala. Eu quero ver suas notas. Não até agora não saiu. Então vamos sentar com a coordenadora, afinal como que foi, vamos fazer... um gráfico das notas, como que foi o rendimento do aluno, vamos sentar e ver. E aí como que está o rendimento, o desempenho? Porque quando a gente questionava eles não diziam. Eu quero saber por que vocês não podem falar seu filho está com dificuldade nisso, nisso e nisso, eu vou melhorar isso, e a senhora que apoio você vai me dar? Ah mas eu não quero, eu não posso. Eu falo tá bom. Mas a senhora vai continuar receber aviso, a senhora vai ter que por obrigação, a senhora vai por responsabilidade, vai por horário de estudo, pode ser? Pode professora! Se ele não melhorar a culpa é sempre do professor.

Quantas vezes o aluno me diz, eu só queria chamar a atenção da minha mãe. Às vezes é isso. Então às vezes ele só quer chamar atenção. A partir do momento que ele viu que você deu atenção, se posiciona, ele tem capacidade. Se você é o primeiro a desacreditar nele; não esse aí não presta, é vagabundo, é traficante, drogado, isso é fácil. É mais fácil do que encarar a vida e ser alguém, correr é fácil. Mas eu acho assim isso daqui se funcionar, né, eu acho assim parar de cobrar papel [se referindo as novas exigências de postar online os planos de aulas no site] papel escrito. Vem assistir minha aula. Vem participar. Eu acho que a gente tem que participar. Você tem que se envolver com a sua aula não é cobrar papel não. É fácil cobrar papel. Eu já passei por.. oh em 88 fiz magistério que eu comecei a dar aula antes de me formar, fazer faculdade, em 88. Fui professora contratada. Trabalhei em escola particular. Aí eu passei no concurso, assumi em novembro, ainda no município vizinho que é Aquidauana e Anastácio. Eu ia de bicicleta, e eu ia visitar os pais de bicicleta. Eu conversei com o diretor. Falei óh peguei uma sala terrível que os alunos levavam faca, isso terceiro ano do primário. Levava faca, queria matar, porque batia, os meninos batia, agredia as meninas, não respeitava.. aí eu comecei, falei olha, em vez de eu dar atividade eu fico aqui em casa eu faço também. Vamos fazer o seguinte? Eu não vou ficar na escola. Eu vou visitar os pais. Tudo bem professora, me deu uma mão e eu fui.

Há quando os alunos me viram visitando a casa! Não acreditavam! Entravam de baixo da mesa. E a mãe? Nossa professora... eles te respeitam. Os pais tem respeito. O professor que se desacreditou. Entendeu? Você chega na casa, falam nossa professor! Você sente! Fui em outra casa falaram, nossa professora! Veio na minha casa é simples.. não, não tem problema eu também sou simples. É isso! Entendeu? Muda! Puxa se ela veio, vou tirar um tempo pra ir lá. Né. Então eu vejo as pess.. esses anos todos que eu passei e continuo, né. Peregrinando andando pelas escolas e vi que acho que chegou o momento de eu escrever tudo o que sinto. Porque chega. Há eu vejo assim as pessoas ficam muito desesperançadas, falo gente eu vivi, passei, né, vejo que o professor precisa sim desse apoio maior, igual os readaptados estão aí. Né podem fazer algo melhor pra essa família, pra essa escola, mas como? Vamos ver, olha a escola precisa disso, a escola precisa duma pintura, de repente tem

o pai do fulano que é pintor, o senhor não pode dar uma mão na escola? É isso, posso, no sábado posso ir pintar, e ah é a escola do meu filho, poxa eu vou lá pintar, eu vou lá fazer. Pô meu pai que pintou, meu pai que ajudou a cuidar. Ah eu vou cuidar também. Entendeu? Aí vem falar que é difícil que hoje... Não! Quando a gente quer a gente.. né. Eu mesmo pinte os meus agora, ontem eu fui na apresentação dos pais, né. Seis vai fazer sete agora e o outro oito. Vou sim! Demorei doze anos! Fiz tratamento pra ter meus filhos, gente eu gosto da escola, mas eu não vou dar minha vida por isso. Por amor a meus filhos, a gente faz, né. A gente tem que olhar a pessoa. Cada um. E a gente vê que a carência é a mesma. Lá.. ah porque eu to com dor de cabeça, porque não sei o que, eu não quero assistir aula. Daí quando vejo tá no celular. Então vamos pra sala. ah mas a sala tá uma bagunça, não quer assistir aula. Então ta cada vez mais difícil porque, porque a internet tá aí, né. Adoram.

Mãe tá presa na cadeia, é a vó que cuida, é a tia que cuida. Como que o menino vai se estruturar não tem pai. Que estrutura? Em quem que ele vai se espelhar? Ninguém. Quantas e quantas vezes eu não parei do lado do meu aluno os outros fazendo atividade, aquele chorando, vou conversar com ele. Na hora do intervalo, não vou pra sala dos professores. Ando aí pelo pátio. Então o professor parece que se isola, do aluno não quer saber mais, chega, o aluno já me cansou de mais já me.. ah não tem como..

No passado nós é.. como diz, não tínhamos liberdade, né, eu estudei em colégio até quando eu tinha doze anos e eu fui morar com a minha irmã, então eu estudei em colégio de freira onde o professor tinha um tablado e ficava no alto. Então a gente, eu tinha muito medo do professor. Nunca tive professor perto de mim. Nunca. Eu tinha medo de ir até lá. Hoje eu percebo o seguinte, hoje ainda professor sentado lá. Não gente lugar de professor não é sentado lá atrás daquela mesa. Aquela mesa é só pra fazer chamada. Terminou de fazer chamada, levanta e vai caminhar atrás, no meio dos seus alunos. Pode observar. Você pode observar, o aluno é o aluno o professor é o professor. Não gente, não é você igualar, mas é você descer pegar e.. eu sou o seu professor, eu sei algo a mais que você, mas eu também posso aprender alguma coisa que você sabe! Né. Esses dias falei com uma professora entrei lá

na sala do oitavo, eles estavam agitados, falei gente vamos fazer uma experiência aqui, né, aquela de esfregar a caneta no cabelo pra criar eletricidade, aí um deles falou ah eu sei faz.. aí o outro falou, cala a boca é a professora! Aí eu falei não, deixa ele falar da experiência dele! É a mesma, só que o objeto que ele usa é um o meu é outro. Ele falou que ele utilizava régua, eu falei o meu é a caneta. Vamos ver a experiência? Aí você passa no dedo ela puxa, eu estava lá com eles, fazendo a experiência no metal e no plástico, se você tiver muitas energias no corpo ela puxa. Então você vê a atenção, falei gente, olha aquilo. Porque na própria sala cria aquela 'muvuca' e fica. O professor não tenta organizar. E eu já não sei. Eu sempre cheguei antes dos alunos, e eu arrumava as carteiras. Sempre foi assim, é mania de virginiano, perfeccionismo, né, não eu já organizo do jeito que eu quero. Eu mesmo arrumo, eu mesma puxo, eu mesma organizo, eu não espero a faxineira, eu não espero ninguém. Sujou vou limpar. Deixo organizado. Então é o perfil. O que falta hoje pra gente acho que é isso, esse perfil do profissional. Então não conhece. Tem professor que não conhece, tem que conhecer o aluno saber o que ele pensa. Né, então acho que hoje falta isso. Né, eu não sei em relação aos outros readaptados, né pra onde vão, mas eu me vejo assim, porque éh, comecei agora né. E sei lá, eu não me vejo.. se é pra eu ficar sentada, ou andando no pátio sem fazer.. não. Eu preciso fazer mais. Se eu vejo a necessidade de se fazer, eu posso fazer. E se não deixarem eu fazer, então não tem sentido. Entendeu? Perde o sentido de estar no lugar por estar. Não é. Eu vou pra cumprir não. Eu quero fazer alguma coisa. Eu posso fazer, eu sei que eu posso fazer. Agora não, não mecha aí porque sempre foi assim.. ah não. É aí que eu quero mexer, quando você fala que sempre foi assim, que não pode mexer, é aí que eu quero mexer. Meu marido fala, você é teimosa! Eu falo eu sou!

Porque sempre eu tenho que provar pros outros que, é sempre tive que provar na minha vida, eu sempre provei pra mim que eu posso, eu posso, eu posso, e eu vou, e eu sempre consegui as coisas que eu almejei. Até pra ter um filho, foi difícil. Agora eu tenho dois. Mas primeiro eu batalhei muito, nossa. Tive que fazer tratamento, tive que fazer inseminação, e tudo trabalhando. Veio um processo de, é, o medico me deu umas injeções que eu entrei na pré

menopausa pra curar a endometriose, depois eu vim trabalhar assim mesmo, ainda costurava e tudo. O pessoal falava Ana como que o médico não te deu licença? Falei, não eu vim dar aula assim mesmo. Eu sentia dor, trabalhava no Amélio de Carvalho Baís até o professor H. trabalhava na sala de informática, falava Ana como você vem? Eu falava há to com dor mas.. então, assim eu falo, sala de aula não é fácil. Trabalhar com adolescente.. se você pegar um terceiro ano, pegava o aluno que subia pela janela, um que corria, o outro que não sei o que. Eu chegava em casa e falava, gente, eu não sei ser professora, eles não querem saber o que eu passo na lousa, para, tá tudo errado. Até pensei. Aí comecei a visitar os pais, o que tá acontecendo, vamos sentar aqui e conversar. Ai eu conversei, não, não é pra bater, eu não vou lá pedir pra bater, eu vou pra conversar. Na época em que eu estava no Amélio aconteceu um incidente grave com a mãe da menina, o pai matou a mãe por causa de droga. Essa menina ficou comigo um mês. Tenho foto dela comigo. Doze anos. Quase adotei, fiquei com ela um mês tenho foto dela. Não arrependo. Depois dela tive os meninos é, engravidei, fui em borá para Dourados fiquei sete anos, fui para Aquidauana agora que estou retornando. Mas eu quero reencontrá-la, ver como ela está, deve estar moça, pra ver qual a diferença, naquela época que você ficou comigo, o que fez a diferença na sua vida? Na suas escolhas. Foi importante ou não foi? Ela perdi a mãe, então aquele processo todo. Então as vezes eu falo assim, me enrolo mesmo! Mas, eu não sei, vai além de mim isso. Então, né, mas as pessoas podem se envolver um pouquinho. Eu peço pra eles um pouquinho, eu sou exagerada, mas peço pra eles um pouquinho, pelo menos um pouquinho. Aquele cuidado, pra ver o que o aluno tá precisando. Aquela atenção maior na hora da aula, de você baixar e ficar com ele um pouquinho mais eu acho que falta isso. E eu quero ver com ele agora essa parte aqui que me cabe. E é isso que quero fazer enquanto readaptada. Por isso que eu falo, cada escola, cada direção, cada professor tem seu jeito, né e eu me vejo assim, eu sou funcionária do Estado, porque é uma lei do Estado, eu sou readaptada, quando eu vim pra essa escola eu não pedia a eles para me colocarem como inspetora, eu não sou inspetora, mas me colocaram como inspetora. Não adianta me chamar de inspetora porque eu sou professora. Me

chamem de professora readaptada, mas sou um professora. Não me tira o título que eu ganhei.

Retornar pra sala se aula...Tenso! (risos) Porque quando eu fiz esse concurso de língua portuguesa, a meu ver eu não queria dois... além do Estado o que eu tinha, eu sempre trabalhei quarenta horas, como professora, é... prorrogação de carga horária, dei aula eu no Maria Constância [escola], então eu falei assim, eu demorei muito tempo, pra ter o meu filho, eu fiz tratamento, então eu quero trabalhar um período e no outro eu quero cuidar do meu filho.

Fiz... Me preparei para o concurso e fiz, quando eu fui aprovada né, ai eu falei, conversei com o sindicato e disseram não, você não pode. Porque o outro era de 90h né, ai eu falei há então eu abro mão de um concurso, fico com o outro de mais horas. Falaram, há sua esperta! Se você fazer isso seu salário baixa. Ai eu falei ah não. Então por isso fiquei com dois. Então, por exemplo, eu teria o maior prazer se falassem para mim, não, você continua dentro de sala trabalhando do 1º ao 5º. Vamos supor que você pega o 3º ano, você vai pra escola, vai dar atendimento no outro período, para essa criança, fazer supervisão... olha... agora o que não dá para fazer o que tava fazendo era loucura. Planejamento de coisa, planejamento de coisa e ter dois filhos pequenos. Hoje, agora, o que é mais importante para meu filho. Quanto tempo eu demorei? Eu já dei o meu sangue pela educação, néh. Então eu vejo assim, hoje quando eu me aposentar do outro cargo eu vou ficar com língua portuguesa. Falta dois anos pra eu me aposentar, esse ano eu vou fazer 47 néh. Então tem que ter 50 de idade; eu tenho tempo de serviço. Eu aposentar... estaria aposentando esse ano, mas eu não tenho idade.

Uma outra coisa que acho errada, se eles tem uma visão de que o governador tem um quadro de quantos professores estão readaptados, de quantos professores adoeceram, já não era pra eles mexem na lei? Falar epa! Vamos reduzir! Deixa o professor aposentar por tempo de serviço. Igual uns professores falam pra mim quando eles vem aqui, mas porque você esta cansado? Ah porque eu tenho 8 anos de serviço... ah meu amor eu tenho 25. Ah não isso é muito... falo, não são 25 anos em sala de aula, não em outra função, em sala. Né então respira fundo e vai (risos). Né.

A presidenta, vendo todo o país, já não era para ter criado uma lei federal para os professores terem apenas tempo de serviço? 25 anos é suficiente. Agora porque que eu não vou poder usufruir? Ah porque, eu entrei na nova lei... então tá bom. A hora que fechar 50 eu aposento por cargo. Mas aí eu vou poder trabalhar do jeito que eu quero, do jeito que meu corpo aguenta. Eu vou poder trabalhar 20 [horas] porque já terei aposentado do outro. E no outro eu vou trabalhar! Apesar de que eu cumpro né, faço 25 [horas]. Eu gosto! Na comunidade Tia Eva mesmo, nossa! Eu sentava de baixo daquele pé de árvore com a gurizada, quando eu fiz greve, depois retornei, nossa! Fiz história lá também porque repus todas as aulas. Das 7h as 11h, quando terminou a professora, falavam professora, vamos continuar aqui. Os pais me amavam, pergunta se teve alguma reclamação. Nenhuma. Ou seja, você se justifica, você mostra, você trabalha, não tem o que falar do seu trabalho. Agora a gente sabe que todas as professoras tem aqueles que fazem e que não fazem que... independente da cobrança né... eu acho que eles deveriam é... parar de sufocar, né, cuidar do nosso caminho. Deixa o professor caminhar! Né, se achar que ele tá caminhando bem ele descobre. Mas não fica no papel, isso daqui é massacrante, tem que ser postado, é fechar tal hora, gente! eu não suporto essa pressão aí de papel. Dar a sua aula, você em que planejar. De repente se não dá certo você muda; não porque você escreveu lá, então tem que dar, porque não sei o que... ah não! Vamos ver como estão os nossos alunos, poxa, passei uma lista esses dias aqui pros alunos assinarem, aluno não sabe nem escrever o nome próprio, não sabe o que é letra maiúscula... Eu fico horrorizada. Então é isso. A gente tem que rever muito isso. Eu espero que... eu vou pegar isso daqui [se referindo e apontando a legislação dos professores readaptados] eu não estou me sentindo bem e eu quero mudança [inaudível] o meu CID bate com isso, então eu quero trabalhar com isso. Hoje eu tenho o amparo de quem? É na legislação, que veio lá oh, né, o Decreto de 30 de abril de 2011. O meu grupo é esse. Então se eu estou nesse, hoje eu estou desempenhando um papel fora da minha função. Eu sempre em todo início do ano, faço uma reflexão com os alunos, todo caderno de planejamento no primeiro dia de aula, eu já fazia isso com os alunos. As vezes eu mandava, escreve seu nome num pedaço de papel, escreve o que você pretende durante

esse ano? A gente vai guardar, e no final do ano nos vamos abrir. Pra ver se você atingiu seu objetivo. E como é gostoso você ver aqueles que chegaram no final, pegam o papel e dizem realmente eu consegui, atingi todos. Então é isso.

Aí depois eu vou ver se eu trago mais material para você, as fotos... desde quando eu comecei com as crianças, tenho dos pequenos, tenho dos adolescentes, tenho dos velhos do EJA, (risos) tem eu grávida trabalhando, então eu gosto né, eu gostaria de ter feito psicologia, não deu certo, fiz letras, mas essa parte eu faço em sala. Como não!? Eu consigo, eu tenho esse perfil de estar trabalhando com eles, eu trabalho muito isso, com essa parte psicológica. Muito, muito, muito com os alunos, com todos eles né. Eu acho isso importante, não é simplesmente bater a porta e mandar o aluno embora. Ele tá gritando, pedindo por socorro, ele tá indo pra tua aula, ele quer você. As vezes a mãe não quer saber, vai pra casa do pai, aí tia, eu te amo, eu te amo... eu também te amo meu filho, eu quero que você tome um rumo. E com apoio de quem? Né? Então é complicado.

Fui readaptada por conta disso né, das crianças que tive já nessa idade, eu me vi em Dourados, me deu tipo um... uma depressão pós-parto, quando eu tive o primeiro. Né então eu me vi sozinha, e eu tinha feito um tratamento pra ter o Samuel, de repente com dois concursos eu entrei em pânico, aí eu fiquei um ano afastada, aí eu retomei, comecei a trabalhar numa boa tal, quando eu tava amamentando o S..., com um ano e três meses, eu engravidei do M... Continuei dando aula. Enfrentando as dificuldades, a tarde e a noite, a tarde e a noite, foi indo até que eu ganhei o M..., aí eram dois, um de um ano e sete meses e um de três. Eu não tinha parentes em Dourados e aí? Aí eu já comecei. Comecei a pirar de novo. Comecei, não, como que vai ficar... daí já comecei com um psiquiatra daí já... tenho acompanhamento com psiquiatra e agora a...ela me encaminhou pra um psicólogo, até mesmo ela me deu umas medicações fortes que esses dias eu andei passando mal por conta disso. Eu sou muito ansiosa, eu quero fazer, eu não sei esperar. Por exemplo, já se passou o bimestre, eu vejo que não aconteceu nada, então... eu sou muito agitada, eu tenho que me acalmar, aí ela me deu a medicação pra me deixar mais né... aí eu falei não, essa ano sou eu, aí até eu passei bem mal, falei com

o diretor, pra ele mudar meu horário tudo direitinho, ai eu não estou podendo dirigir por conta dessa medicação, ela me deixa sonolenta, igual, eu trabalho a tarde e a noite quando chega a noite eu já... a noite ela tirou o Amato, que é o Tupiramato, e tomo um... um tarja preta que é pra dormir, só que ele é muito forte então conversando com ela eu cortei. E um de manhã que é o Velafaxina, e esse que ela tá aumentando a dose, eu fiquei três dias sem ele e quase... eu não sabia que era por causa dele passei mal, vomitei, agora ela ta voltando a dosagem. Mas eu sinto assim que tem hora que não sei, me deixa nervosa ansiosa sei lá, fico angustiada. Começou em janeiro agora que eu vim de lá pra cá, essa mudança né, então. A readaptação ela coloca assim, é uma ansiedade que levou a depressão né. Então desde que eu tive os meninos, eu começo a trabalhar e dai vem a exaustão porque eu não consigo ao mesmo tempo ser mãe, trabalhar com dois turnos, né, ser esposa, ai vem a cobrança, onde eu fico doente. Adoece o corpo. Já faz a somatização, né. Então você somatiza. A psicóloga falou; você só para quando não aguenta mais. A psicóloga e a psiquiatra também, lá em Aquidauana ela falou; você só para quando não aguenta mais. Quando você não consegue mais andar ai você para né (risos). Ai eu paro, igual agora, eu não posso dirigir porque eu perdi a... a... o remédio me deixa assim com a vista turva, ai eu não consigo dirigir. Eu sempre fui independente, veja a que ponto, precisar de alguém pra me levar e em buscar... eu falei não, vou ver se eu troco a psiquiatra pra rever essas medicações, porque eu não quero ficar tomando. Eu tinha a psiquiatra de Dourados que eu ia de Aquidauana pra lá quando eu trabalhava em Aquidauana, mas dai foi ficando difícil, difícil, ai eu arrumei uma aqui pela CASSEMS, ai depois ela saiu da CASSEMS ai tinha me passado prum outro, e não deu certo com o outro, me passou uns remédios que nossa... aí virou um caos. Ai eu voltei com ela só que ela não esta mais na CASSEMS, estou pagando particular então tá puxado. Psicóloga eu tenho que ver uma pela CASSEMS pra fazer terapia, eu ia fazer de casal né, aí ela encaminhou a gente pra uma psicóloga e ai não deu certo. Porque a gente tava com dois meninos pequenos, a gente veio de lá, né, então tem tudo isso, ele acha que eu me dedico muito ao trabalho (risos) que eu já dei o que tinha que dar, e eu acho que não. Eu preciso mais pra ele porque a gente demorou muito pra ter filho,

então eu, nossa, demorei muito, então tem hora que agora eu tenho três filhos não dois (risos) sabe? Começa aquela competição, são homens. Então é isso.

P: Obrigada Professora! Tem algo mais que a senhora considere importante e gostaria de acrescentar em seu relato?

Não! Só quero ir atrás dos meus pequenos que devem estar numa fase muito boa da vida e escrever meu livro, assim eu fico pensando, não... eu quero, eu tenho a foto deles pequeninhos, eu tenho... foi meu aluno no primeiro aninho, depois no oitavo, aí eu cuidava, a mãe dele deixou com a avó e foi em borá né, aí ele vinha todo ralado, Everton... aí as feridas sangrando eu levava pomada, passava pra cicatrizar e ele, eu alfabetizava ele, passava muita atividade, e ele mas professora... e eu é lógico! Você quer acabar pra que? Pra ficar bagunçando? Cópia E. cópia! Mas professora minha mão tá doendo... é bom que doa mesmo! (risos) aí ele foi alfabetizado foi para o segundo ano, e eu peguei ele de novo no oitavo ano, ele tava rebelde adolescente. Então eu tenho foto dele pequeninho no meu colo. Tirei na festa junina dele sentado, aí no oitavo ano ele foi meu aluno de novo de língua portuguesa, dei aula pra ele, aí, rebelde. A mãe dele voltou, ele começou a bater de frente, daí começou a rebeldia daí eu sentei conversei com a mãe, falei um monte de coisa com a mãe dele, eu acompanhei o E. desde pequeno então eu me sinto mãe dele também, vou puxar a sua orelha. Falei as coisas pra ela. Ela é professora, eu pô você abandonou ele, deixou com a sua mãe agora você quer dar, impor moral. Quem é você? Você tem que dar é mais apoio pro seu filho. E para com isso de ficar cobrando e não sei o que. Aí sei que ele faltava aula, e eu dei uma dura nele, falei não! Você pode voltar e vai se formar! Quero ver você formado, tem nada de matar aula não, pode parar, para de beber, para de fazer o que você não deve ficar fazendo por aí não! Daí na formatura eu tirei uma foto com ele (risos)! Daí eu peguei ele pequeninho e ele rapaz. No oitavo ano, terminou o ensino fundamental. Eu falei, viu. Não ele terminou o ensino médio mesmo! Terceiro ano! Foi aí que eu tirei. Na formatura dele, que aí eu não fui professora dele né, daí eu falei não eu vou tirar só pra deixar do lado daquela foto que eu tenho de você pequeninho no meu colo (risos). Quero colocar tudo isso no meu livro. Que diferença eu fiz na vida dessas pessoas.



Dados de Identificação do Entrevistado (a)

1. Nome: Rute
2. Área de Formação: Biologia
3. Cargo/função: auxiliar de coordenação

Fiz faculdade de biologia e aí terminando a faculdade fiz todas as... para a monografia e aí fiz minha monografia em educação ambiental e comecei a estudar um pouco sobre educação. Eu passei num concurso da prefeitura em 2005, aí eu comecei a dar aula, e aí meio que falo que dar aula... você não pode começar porque depois que você começa você não consegue desligar. eu comecei e me apaixonei e aí trabalhei no município dez anos, foi ficando muito cansativo pela questão de provar mais... da educação né. Os alunos vem trazendo para sala de aula, eu ia somatizando, tentando resolver tudo e acabei que, me sufoquei e até saí de licença um tempo, com uma psiquiatra que me afastou um tempo e aí que me readaptei.

E já faz uns dois anos que já estou readaptada.

Na rede estadual eu voltei em outubro do ano passado, eu tava de licença... do estado eu tava só na prefeitura, eu voltei ano passado e fiquei na coordenação, no período da tarde eu estou na biblioteca.

Depois da readaptação assumi cargos na Biblioteca e coordenação, sou habilitada para dar aula do 6º ao 9º ano e no ensino médio.

São dois concursos. São... na verdade eu tenho um concurso do Município, do 6º ao 9º ano das séries iniciais e um concurso do Estado das séries finais do ensino médio. Na sala de aula do Estado eu fiquei quatro anos, aí eu tive meu filho, saí de licença TIP (Licença para Tratar de Interesses Particulares) que é

quando a gente se afasta e voltei ano passado. Já quando eu tava readaptada no Município, eu já voltei ao Estado readaptada.

A gente... tem que estudar né, tem que ter todos os... né, primário, ensino médio e faculdade.

O curso superior fui eu que escolhi. Foi gosto mesmo... pensei em fazer psicologia, mas acabei fazendo biologia. Na época não tinha psicologia aqui né, eu prestei vestibular de psicologia em dois ou três faculdades, Londrina [PR]... Mas foi em universidade federal, então provavelmente não tinha. Tinha só na UCDB... É aqui em Campo grande só tinha na UCDB.

Eu prestei psicologia em Londrina, na Federal de São Carlos, daí fui aprovada em Biologia, até fiquei na lista de espera na de Londrina, mas optei por ficar na biologia mesmo. Não sou daqui, eu vim pra cá para fazer faculdade. Sou de São Paulo. Sou paulistana, tenho 34 anos e tenho um filho de quatro anos. Sou Casada, meu esposo é autônomo, ele tem 35 anos de idade.

Eu tinha muito medo de ser readaptada, até quando eu tirei... que eu comecei, ter um... um cansaço de começo e, problema de insônia, aí eu fui na psiquiatra ela disse vou te afastar. Eu dizia, não! se eu for, vão me readaptar, morria de medo de ser readaptada. Não sei por que desse medo, acho que é porque para mim era uma coisa tipo vou ficar encostada na escola, ficar meio de lado, e aí a psiquiatra disse, não, eu vou ter que te readaptar porque você não vai aguentar ficar dando aula. Aí eu entendi assim que, no momento eu não estou apta para sala de aula, mas ainda posso contribuir na escola de alguma forma. Para mim readaptação é isso. Posso estar auxiliando em outras funções na educação.

Hoje na função que eu exerço, aqui na coordenação, eu tenho proximidade com os alunos, mas assim, é mais auxiliar eles em livros, uniforme, se estão passando mal, precisam ir embora, chegam atrasado, perdendo prova... é quando eles vem conversar.

Hoje em dia como eu te falei, se você me perguntasse se eu tenho condições de retornar para sala de aula, se eu me sentiria apta para isso, eu responderia que acho bem difícil, porque eu já estava em um desgaste emocional muito grande, de sair da sala de aula para chorar no banheiro, porque tava assim

sufocante, desgastante. Ah... eu via mais assim, a sala de aula muito cheia, tinha sala de 42, 43 alunos, e somava o problema de aluno não querer assistir aula, eles não tem motivação para assistir aula, e aí acaba que você tenta suprir a carência que ele tem fora da escola, a motivação dele, fazer ele se motivar, e nesse meio tempo todo você tem que cumprir seu conteúdo, cumprir os horários, e aí acaba que a situação fica estressante.

Antes de me readaptar eu fazia 20h semanais. Eu fazia 40h, aí fiquei três anos fazendo 20h, aí voltei a fazer 40h. Agora estou fazendo 40h. 20h aqui de manhã na coordenação e 20h a tarde na biblioteca. Antes eu ministrava Ciências e Biologia.

Agora eu tenho 10 anos, entrei em 2005, faltam 15 para aposentar. No momento não pretendo ficar na coordenação, na biblioteca eu gosto mais, porque lá tem mais contato com aluno, aqui eu tenho assim... pouco contato com aluno, mais com professor, mais com coordenação, na biblioteca é mais eu e o aluno.

Apesar de tudo, eu gosto desse contato com o aluno, acho que é porque é menor quantidade, porque quando eles vão lá na biblioteca, geralmente vai meia turma, ou se a turma é pequena vai a turma, fico achando mais fácil, mais prazeroso, você consegue mais um contato, porque quando é muito... a faixa etária que eu pegava que era de 11 a 16, muito junto e muita diferença para administrar, aí que eu acabei que não tava dando conta, ficava com um grupo e deixava com outro e aquilo gerava um... não, eu tenho que dar conta, eu tinha que administrar tudo, a sala inteira, aquilo foi... até eu fazia terapia, até o ano passado, foi quando consegui entender que é normal, mas não admitia tinha que... eu era professora daquela sala então eu tinha que gerir aquela sala inteira. Teve que ir até a exaustão para eu entender que eu não conseguir. Aí eu dormia e sonhava com o que posso fazer naquela sala, e ficava aquela noite inteira naquilo. Não sei se ainda tenho estrutura pra dar aula...

Tem alguns professores com depressão que quando são readaptados pioram, porque são poucas as escolas que acolhem estar ali naquela função. Tenho caso de colegas que uma das coisas que eu ficava com receio de readaptar, é porque sofre discriminação dentro do ambiente escolar. Esse aí é o

readaptado, ah fala para fulano que esse aí é readaptado, não faz nada. E que aí o quadro de depressão piorou e aí não pode tirar licença pelo mesmo CID porque se não cancela a readaptação, ou então aposenta por invalidez, e então fica naquela situação... Salário diminui...

Aí vai trabalhar e parece que ta indo para um velório. A prefeitura não pensa nisso. Não pensa nem nas funções. Porque hoje se você readapta é duas funções ou é coordenação ou é biblioteca. No Estado ainda temos a coordenação. No Município ou é biblioteca ou é secretaria. Então, não pensa nem assim, o quê que esse readaptado gostaria de fazer?

E na legislação a gente tem quatro grupos que os readaptados se encaixam. São só grupos de trabalho não se diz a função, mas de acordo com as possibilidades, daria para se fazer tanta coisa, que não se pensa, aí acaba ficando na, biblioteca, pátio, portaria. Alguns professores ficam ali no portão... muitos queriam fazer mais pela escola só que só ficam no pátio... não tem mais o que fazer pela escola, não tem mais o que fazer pelos alunos.

Foi forte quando me readaptei, quando eu comecei com um processo de tirar licença, aí já comecei a ver funções na escola que eu gostaria de exercer, como a biblioteca tava meio paradinha lá, falei nossa gente! vamos fazer um projeto de leitura, então já readaptei focada na biblioteca. Quando eu tive que retornar para o Estado, porque eu tive que renovar meu afastamento, mas não foi viável, aí eu tive que retornar, aí que eu vim aqui e o Diretor falou, olha aqui não tem biblioteca, fica na coordenação ou se você não gostar... mas aí fui muito bem aceita pelo grupo de trabalho dentro da coordenação, e aí gostei. To ficando.

Aqui nessa escola ainda não tem biblioteca porque eles fizeram a reforma da escola, e não foi uma área foi destinada a biblioteca e aí estão readaptando uma sala para ser a biblioteca. O professor de língua portuguesa está com um projeto, para montar a biblioteca da escola não estamos com um lugar pra dizer, ah aqui é a biblioteca.

Por enquanto não estou com a intenção de participar desse projeto, porque por enquanto ta na parte assim, na parte de organizar mesmo, prateleira, estão

vendo se conseguem na Secretaria prateleiras, então está bem cruzinho, acho que depois quando estiver assim, mais assim funcional, o que eu puder ajudar eu pretendo ajudar.

Aqui eu sou assistente de coordenação. A gente presta suporte para coordenadora né. A parte toda de documentação, conversar com aluno, conversar com pai de aluno é a coordenação. E ainda tem a parte de distribuir uniformes, distribuir livro, chamar aluno em sala, se é para atender um pai, vem um aluno pedir uma calculadora, sou eu que atendo, então ela me passa a função. Às vezes atender um professor em sala, a coordenadora fala para eu ir.

Seria interessante até de fazer, seria um reforço escolar. É... basicamente isso. Mas depende muito da escola, da qualidade, porque por exemplo, na escola em que eu trabalho a tarde, teve uma época que teve um curso de português e de matemática, mas os alunos não iam. Aí ficava o professor lá sentado, e eles não iam mesmo, tinha passe, assim os que moravam muito longe, a escola fornecia almoço, mas eles não tinham interesse. Ai você fala como pode gente? Vai ficar em casa sem fazer nada vem aqui fazer um curso! E aí acabou que a prefeitura cancelou porque os alunos não iam e aí não tem mais lá nessa escola e aqui é ensino médio não sei como funciona essa questão porque é Ensino médio de manhã e a tarde fundamental. Acho que vai misturar os alunos. Não sei se... de repente quando tiver a biblioteca fica mais fácil porque é um espaço que eles podem estar utilizando para isso. Aqui nós temos a sala multimídia, mas só. A biblioteca ainda esta bem... ainda tá esperando a questão das prateleiras pra montar.

Eu acho que de repente assim, falta da parte do órgão, ter um olhar pra ver, o quê que levou aquele professor a readaptar, será que se a gente fizer um trabalho um acompanhamento... porque até hoje pra você conseguir uma terapia é uma novela não sei como é que tá atualmente, mas eu lembro que a CASSEMES autorizava 10 depois dessas 10 tem que retornar, solicitar, reclamar. Ao invés de dar mais, não, deus essas 10 acabou, né. Um apoio, ou então, por exemplo, quando eu vim pra coordenação, assumi coordenação, muita coisa eu não sabia. Fui lendo, aprendendo, não tem, ah você vai readaptar na coordenação então a gente vai fazer uma capacitação pra te dar

meios para você não surtar lá na coordenação. Né. Na biblioteca, o Município tem um programa de formadores. Então a biblioteca readaptou, quando eu me readaptei, readaptou um grupo grande de professores, então eles fizeram uma capacitação só pra readapta-los na biblioteca, e isso ajudou bastante, porque assim, a gente pensa o que eu vou fazer na biblioteca né, daí como eu já tinha algumas ideias de projetos, daí ficou mais fácil. Acho de repente, se eu tivesse readaptado na secretaria por exemplo, acho que eu iria ficar lá, sem saber o que fazer. Então acho que de repente, capacitar dar um apoio pra readaptar. Afinal é uma função bem diferente.

Tem gente que realmente é assim, tem gente que foi lá conseguiu, readaptou, agora tem gente que é preconceituosa com a gente, tem gente que fala coisas que assim... e você não pode falar nada para a pessoa. Mas não são todos né, porque meio que acaba que generaliza infelizmente. A pessoa se readapta e a pessoa encarna que não pode fazer nada e fica essa imagem da gente.

Então a readaptação é assim eu lembro que eu peguei... quando eu tava assim, tendo muito problema de dor de cabeça e insônia e precisava dormir. Do jeito que estava eu me negava a tomar o remédio, porque seu eu tomasse o remédio eu não iria acordar e aí eu fui... [na psiquiatria e ela disse] não, você precisa descansar aí ela me deu 30 dias de afastamento. Lembro que era final de outubro e deu final de novembro aí ela disse, não, não volta agora porque vai ter exame, vai ter conselho, você pega mais 30 dias e volta só o ano que vem e aí quando eu fui passar na segunda vez na junta, o médico falou, não, eu vou te readaptar... eu falei não eu não quero me readaptar agora, então eu conversei e ele falou ah então tá, mas vou dar só mais esses 30 dias e você vem com o atestado aqui e eu vou te readaptar. Então quer dizer, a própria junta médica faz essa pressão com o professor pra readaptar. E você já vai meio que se fechando, você fica fragilizado né. A gente vai sendo induzindo a readaptação.

Ele falou se pegar mais um atestado vou colocar aqui e na próxima licença você vai pra readaptação. Então tem essa pressão da própria junta médica. Parece assim, parece, posso estar dizendo assim a maior das falácias, parece

que existem fases da junta medica, 10 anos atrás era só licença, de 5 para cá é só readaptação.

P: Obrigada Professora Rute! Tem algo mais que a senhora considere importante e gostaria de acrescentar em seu relato?

Não, não acho que já tá joia!



Dados de Identificação do Entrevistado (a)

1. Nome: Sara
2. Área de Formação: Magistério
3. Cargo/função: Assessora pedagógica

Que bom que tem alguém se preocupando conosco né, com esse fenômeno né? Mas eu acho que você tem fazer também com... Aluno, tem que fazer com aluno, com os... Se quando você acha os pais, os avós, os tios, as tias, sei lá, o vizinho. É... Sabe? Mas ...(risos)

Mas este trabalho seu é... Política econômica (risos) tudo é reflexo, isso aqui é reflexo. Eu me vivi na pele... Da vida...

Eu caracterizo como fenômeno, e um fenômeno que tá muito além da... Do espaço escolar né? Da... É uma questão, pra mim é uma questão social, política, econômica e... Aculturação da população brasileira, né? Nós vivemos a.. A consequência da nossa ignorância. Né? É isso que acontece conosco. Nossa ignorância; e... Isso reflete na sociedade e a sociedade a massa popular... Ela joga tudo pra escola. A própria, a própria, o próprio sistema, ele joga a massa pra responsabilidade do... Do segmento. No caso, o que tá mais a frente é a educação, então ela joga tudo pra educação. E a educação por sua vez, não se deu conta, não sei por que razão, ela nunca disse não, ela sempre foi a mãezona, ela quer ser a mãezona; eu penso assim às vezes inconscientemente a educação quer ser a mãezona, mas só que sozinha ela não vai conseguir ser a mãezona. Ela não tá conseguindo. Ela tá conseguindo é absorver toda essa população, toda essa demanda, toda essa dificuldade, toda essa... Essa população aí carente culturalmente, socialmente,

economicamente. Né? É, uma família... Esfacelada né? A gente que vive nas escolas, nas camadas populares. Então a gente, os alunos tem... Criança que vive com vó, criança que vive com tia, criança que vive com vizinho porque o pai tá preso, é por tráfico de drogas, é assassinato, é matou a mãe; tudo isso. Virou uma salada de fruta e ninguém entende mais nada, ninguém consegue lida com essa situação; que diz a escola né? Porque nós não temos é... Suporte pra isso... Não dá, do... do, do poder maior que são a esfera do, dos dirigente, governantes. Não, não temos. É a escola que está aqui, nós não temos estrutura, e alguns professores né? Alguns comprometidos e outro não, tem os que queiram abraçar isso aí, mas ele não consegue, abraçar tudo isso sozinho, não vai conseguir nunca e isso sobrecarrega o professor emocionalmente e vai desgastando... Até que ele chega fica doente. É isso que acontece comigo. É muita sobrecarga, porque você tem sua casa, sua família, você tem a escola tudo pra ficar nas suas costas. Então você vai e acaba ficando doente. É isso daí. E... Hum... Assim. Eu sou da fronteira, sou filha de paraguaios. Eu tenho 58 anos. Tenho dois filhos um de 18 anos e um de 16, sou divorciada. Sou concursada do estado e do município. 36 horas no município e 20 horas no estado. E tenho... 24 anos de magistério. Estou readaptada, deixa ver... Desde 2011. Na realidade eu entrei na educação por acaso, porque eu queria fazer nutrição, mas na época não tinha nem a faculdade de nutrição aqui em Campo Grande [MS]. Aí eu peguei e falei, então vou fazer né? Aí eu entrei no magistério, aí eu fui fazer magistério pra ver como é que é. Fui no magistério e coisa e tal, aí quando eu estava ainda no magistério teve um amigo meu que falou assim pra mim... Você não quer trabalhar? Tão, tão, tão treinando voluntária pra trabalhar com menino carente, menino de rua; aí você pode estagiar, você vai ganhar também. Aí tá! Fui pra lá, mexer com menino de rua e nessa brincadeira fiquei cinco anos... E lá vivi todas as experiências com essas crianças né? E agora quando eu vejo falar que querem levar uma realidade eu fico indignada. Porque o menor, principalmente essas crianças carentes estão na margem da marginalização, e todas as... Carentes de tudo como eu já disse, né? Culturalmente, socialmente e que estão em fase de desenvolvimento, em formação de sua personalidade... E aí que vão acabar de vez com, com... A raça humana né? Dessa classe. Porque eles vão ficando

bastante vulneráveis a exportação [exploração] dos pais, a... a... a aliciação de drogas, prostituição e enfim... e consequência né? Que vão, vão morrer prematuramente também, e isso aí vai refletir na sociedade daí a quinze a vinte anos, porque eles não vão ter mão de obra competente... né? Ai vai cair na cabeça deles... E eu fico muito cismada com isso. Então trabalhei cinco anos com menino de rua, né? Nesses cinco anos nós conseguimos recuperas apenas três...(choro) como, como poderia evitar? Até hoje tia! Tia! Pra mim, mais de vinte anos em sala (inaudível) pobrezinhos (inaudível) . A gente conseguiu pouquinho, muito pouquinho... Salvamos só três, daqueles ali o que pode surgir eu não sei. Não sei nem pra onde foi desapareceu eram tantas crianças pequenas sabe? Tão judiadas, tadinhas (choro) (longa pausa) então isso aí são coisas... Dói muito na gente... Dói de mais. Muita gente que maltrata e não põem eles pra estudar, a não ser pela assistência (choro) pouca coisa... A gente tenta passa alguma orientação, de todas as formas né? A gente tenta de tudo pra transformar aquele pensamento, de tudo, a gente lidava com eles assim, na parte da higiene, cuidar do corpo... Tudo, tudo, tudo a gente estudava, pra passar, pra fazer pra eles; pra eles entender que a... A vida tem um outro lado... um outro lado... e... Depois eles mudaram pra uma chácara pra uma fazenda, quando nesse período era o Marcelo Miranda, na época do Walter Pereira secretário... E aí... Cinco anos, depois de cinco anos mudaram, porque a gente não tinha paradeiro, a gente estudava ali, ensinava eles ali. Ai a sociedade fazia abaixo assinado, a gente era expulso daquele lugar. Então não tinha uma sede sabe. Não tinha uma sede, era um lugar improvisado. Sabe aquele o hospital do câncer? Ali era o lugar onde a gente ficava. Ali tinha umas árvores que tiraram, que era o nosso viveiro, tinha as plantas né? A gente começou a fazer esse viveiro pra vender essas plantas, a gente fazia carrinho de madeira, essa coisa assim pra vende até pra reverte pra eles, é bom que eles tinha um dinheirinho né? E a gente tentava passa pra eles, a... A conscientizar e também passar a... A questão da leitura e a escrita; alguns aprenderam a ler e teve dois que nós não conseguimos, com todas as cambalhotas que nós fizemos, não conseguimos, eles não queriam mesmo. E tempo atrás encontrei com eles, e eles sofridos falaram assim; se eu tivesse te ouvido eu não estava desse jeito, não tava me ralando assim, tava trabalhando

negócio de... Estofado sabe? Eu não tava, não tava me ralando desse jeito. Ai pensei e respondi, falei não é tarde, ainda não encerrou a luta, pra estudar não existe tempo. Sabe? Falei assim pra eles. Ai eles foram pra lá. Ai nesse tempo eu já estava fazendo o curso na área da deficiência visual. Daí foi surgindo... Eu já estava lá nos menino de rua e uma parte na clínica de recuperação de usuário de drogaditos. Ai eu fiquei três anos também neste local, lá era assim, era só aqueles que queriam um jeito de mudar de transformar, de mudar de vida. E tinha jovens de toda região né, de outras cidades e a gente tinha que dá um... A gente comunicava a escola e a gente ia dava um suporte pedagógico. A gente chegava lá, ou assim eles vinham passar conosco. Então as coisas vinham e iam, mas só que era muito difícil pra acostumar, uma pessoa nova não ta acostumado com isso. Ai um dia o chefe falou pra mim assim; ele falou você vai da aula de português, ele falou e eu num... ahm eu tava fazendo magistério né? Eu tava só com o magistério não tinha entrado na faculdade. Ai ele falou assim pra mim; você vai da aula de português. Eu entrei na sala de aula né. Porque eles falavam tudo aquelas coisas feias né, só que tem que leva tudo na brincadeira, transforma em outros assuntos, pra pegar aquilo que eles estão falando, transformar em uma aula, explicar as coisas o que significa aquilo pra eles, pra ver se eles tinham realmente conhecimento do quê que eles estavam falando, se eles tinham consciência daquilo. Tá! Ai tá, ai fui lá, enfiei a minha cara nos livro de português pra produzir um pouco de conhecimento. Ai fui dar aula de português pra eles né. Assim, ai quando a gente mandava, vinha atividade, o pessoal mandava o tópico né, a escola mandava o tópico e a gente pesquisava e passava pra eles né. Passava pra eles. Eles mandavam as provas, eles faziam iam bem, e muitos não perdia o ano, né? Ai eles recuperavam né? E voltavam pra cidade deles.

Assim a gente ficou, eu fiquei três anos nessa coisa, trabalhando, tinha outras disciplinas, professora de artes e tudo mais, a gente fazia boneco de... De caixa de Pepsi e tudo, pra ver se a gente atraia a atenção deles né? Tinha um nome o projeto... CEAP que chamava na época, centro de... Não, nem lembro mais, sei que era CEAP, esse projeto do... Dos meninos de rua, o outro de... de drogadito era Renascer. O projeto que chamava. Então trabalhei lá três anos. Ai depois eu... Fiz o concurso, ai eu terminei o curso de educação especial, da

área lá de especial, saiu logo o curso... O concurso do estado, fiz, passei em primeiro lugar, e comecei a trabalhar lá um período, mas aí eu fiquei, até que... Fiquei três anos ali trabalhando, depois eu fui convidada pra ir pra ficar as quarenta horas lá, na universidade estadual. Aí eu peguei, então fiquei quarenta horas saí de lá, eu passei pra um lugar só pra não... Aí fiquei num só lugar. Aí trabalhei de 89 até 2000 que era a época que eu tinha que trabalhar, a época que eu tinha que ficar. Aí depois como política muda vai e vem diretor, troca de eleição né? Devido a sociedade que, tem, a própria comunidade de deficientes, mas eles mudam, colocam outras pessoas e, enfim, só sei que na... Numa dessa eu, eu mais oito colegas fomos dispensados. Aí eu fui pra sala de recurso, fiquei a disposição do estado, trabalhei um tempo lá, apoiando a professora na sala de aula e o aluno na sala de reforço. Aí a professora de matemática ela falava assim toda vez... Parece que ela tinha uma rejeição dos alunos deficientes, toda vez que ela ia dar um conteúdo ela falava assim: aí... Eu não sei. Eu não vou conseguir ensinar isso daí, aí... Não esse negócio eles não vão conseguir. Eu falava você é professora, você vai passar isso pra eles, eu vou te ajudar, vou acompanhar e você vai conseguir. Aí, aí chegou na... Mudou de... Cada vez que muda de conteúdo, ela falava ah! Esse ano eu não vou conseguir, nem eles vão conseguir, eu dizia, mas o quê que é esse conteúdo que eles não vão conseguir, nem você vai conseguir fazer pra eles? Aí ela falou, ah! Eu vou ensinar grau agora pra eles, eu falei mas qual que é o seu material, o que que você vai precisar? O quê que ele vai precisar? Aí ela falou assim; ela... Ela trouxe um transferidor bem grandão sabe? Bem grandão, aí eu peguei aquele transferidor e fiz ele num papelão tudo em braile, ficou bonito, aí eu levei lá, falei pra ela tá aqui oh! Tá aqui seu material, mas... O menino era super inteligente. É porque eu ensinei tudo pra ele como que ele ia... A leitura daquilo lá, tudinho, como que ele ia lê, como que ele ia fazer a leitura daquele material. E agora você vai por esse material aqui perto pra quando você for ensinar. Eu falava assim pra ela, vira pra frente pra ele te ouvir e não fala pra ele tipo... Pra cá, pra cá... Pro aluno de deficiência visual. Você vai falar direita, esquerda, pra frente pra trás, como é que você tá escrevendo um número. Tá tudo bem, aí eu fui lá auxiliei. Foi, foi, foi. Aí quando chegou na prova, aí eu fiz a prova em braile e dei pra ele, peguei aí transcrevi e dei pra

ela, aí o único aluno que tirou dez... Desde aquele dia ela começou... Ela... Ela mudou, mudou a atitude dela com o aluno... Ela, acho que ela começou a confiar no aluno, confiar nela mesma. Não sei, só sei que daí pra frente ela nunca mais fez esse questionamento comigo de que ela não ia conseguir, que o aluno não ia conseguir, que era difícil e tal. Ai, bom, aí foi uma vitória muito grande, uma felicidade do aluno ter conseguido aquela situação né? Sem materiais. E daí pra frente, a gente não tem... Nossa, se eu for conta toda a história do instituto, das dificuldades... Não sei né? É! Então aí, aí o deficiente visual os desafios são muito maiores, mas as gratificações também são muito maiores. Você pega uma pessoa... É hoje nem tanto, mas em 89, 90... Pessoa que chega pra você com... 16 anos, 20 anos, 22 anos, que nunca tinham sido... Muitos, muitos deles nunca tinham saído das quatro paredes. Não era alfabetizado, não andava, não saiam, não nada. Ai Você começa a trabalhar aquela pessoa, depois você vê andando sozinho na rua... É... (voz embargada) Muito gratificante... E é assim até hoje.

Eu não sei como adoeci. É... Oh! Eu tenho, eu tenho, síndrome do carpo, eu tenho... Artrite, artrose, osteoporose... Eu tenho esse fibromialgia... Eu acho que tudo é... Sei lá, eu acho que, sei lá, também é coisa da idade do corpo, da idade... E também muitas vezes a alimentação né? Não sei. Que, oh você trabalha o dia inteiro, eu geralmente ia pra faculdade, pra escola, você comia um lanchinho só né, um salgadinho. Hoje em dia que eu procuro cuidar da minha saúde, mas naquela época era qualquer coisa, um lanchinho passava né. Então eu acho que tudo isso contribuiu para mim ficar doente. Todas essas situações emocionais, né, todas as que eu vivi. Situação... Eu acho que tudo isso somou tudo e eu adoeci. porque a minha... a... O meu concurso é com educação especial né, o espaço ficou muito restrito; sala de educação especial não existia nas escolas, aí eu acabei indo pra educação comum e como eu sou pedagoga em séries iniciais e tudo mais, eu tinha que ir pra séries iniciais, alfabetização. Então você tem que abaixar, brincar, rolar com as crianças dos primeiros anos, então é mais lúdico, você tem que trabalhar de uma forma lúdica, você tem que tá no chão, levantar, rolar com eles, imitar os animais e tudo mais. E eu não posso fazer isso, e é triste. Eu agora com síndrome do carpo... Me readaptei em 2011 e estou aqui. E ainda vou passar mais uns dois

anos para me aposentar. Idade eu tenho, eu não tenho é tempo de serviço. Idade mais tempo de serviço... 50 anos como professora né. 50 anos. Eu já tenho 58, pra idade eu já poderia. Se eu tivesse o tempo [de serviço] fechado. É... antes de eu fazer o concurso do município eu trabalhava a tarde no colégio Gaspar Martins. Ai eu fui fazer esse concurso, só pra ver como é que era e passei. Ai logo a prefeitura me chamou. Ai eu fui pro Estado, fiz.. Não tinha como não... Ele me... Me... Não terem me colocado só se fosse readaptado. Ai eu peguei e pedi afastamento. Ai eu fiquei no Município até me organizar e tal. E nesse período que eu fiquei no município, eu caí na escola, então eu sentia muita dor no corpo e tal, mas achava que não era nada, era só cansaço e estresse sabe? Ai um dia eu cai na escola. Fiz uma cirurgia, esse pulso quebrou, esse aqui não é osso. Esses ossos vieram pra fora, e tudo mais, e demorou muito pra curar. Ai eu descobri que toda a dor que eu tinha não era artrite, artrose, osteoporose, era de estresse e cansaço. Não consegui nem me recuperar da minha cirurgia, porque você não tem tempo, você não tem tempo de se cuidar. Você fica o dia inteiro na escola, você não pode faltar! Porque se você faltar, é, você tem que fazer substituição e na maior parte eu trabalhei com educação especial, trabalhei nas instituições, trabalhei na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), então não tem pessoa, você não acha profissional especializado pra te substituir. Então não tem, é, você não tem substituto, então fica difícil pra você ir pro médico, pro hospital. Difícil. Então tinha dias que eu acordava assim, com muita dor, dai tomava um dorflex, isso, dorflex. Bastante eu tomava dorflex e aquele Tandrilax. Agora hoje eu não posso mais ficar tomando esses remédios eu sinto uma dor terrível no estômago se tomo.

Hoje tomo remédio pra depressão, mas eu tomo assim: eu tomo esse mês ai vem o médico e manda dar uma paradinha. Ai eu só tomo quando dá crise de novo. Porque eu acho que a gente não pode tomar muito remédio por causa do... Tem dias que eu o meu pulso mesmo eu demorei quase um ano pra poder trabalhar direito com ele. Eu sentia muitas dores, não podia nem me tratar direito. Tomava uns remédios fortes, fortes, fortes. Era controlado o remédio. Eu tomava controlado, daqueles bem fortão mesmo, tarja preta. O pulso focou

trinta dias inchado, latejava dia e noite. E ate hoje ele dói, só que é uma dor suportável. Você passa a Mao assim você sente o pino.

Aqui na escola estou desde 2003. Deixa eu ver, 2003? Ah não minto, desde 2013, tem dois anos já, é. E acho que vou ficar mais uns dois anos pra poder aposentar aqui na coordenação ajudando também na entrada dos meninos, dando suporte a coordenação, que é o que eu faço mesmo.

P: Então Professora Sara, tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de relatar, sobre a readaptação, sobre a escola ou sobre a senhora mesma?

Eu acho que é isso ai mesmo por enquanto. Eu acho que alguém tem mesmo que levantar essa bandeira porque gente do céu! Onde é que vai parar o ser humano? Me diga? Onde que vai parar do jeito que está hoje? E muita gente sofrendo, é muito professor sofrendo e não se faz nada. Muito bom o seu trabalho, muito legal. Acho que vai ajudar muita gente. E eu espero ter contribuído.